

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactores: BERTHOLDO KLINGER, POMPEU CAVALCANTI e PANTALEÃO PESSOA

N.º 61

Rio de Janeiro, 10 de Outubro de 1918

Anno VI

Para attender em parte á forte affluencia de collaboração sae este numero augmentado de 16 paginas.

PARTE EDITORIAL

Inquietação justificavel. Teremos um programma ministerial? Nada de fatuidades, muito patriotismo, energia e experencia. O trabalho tudo vence.

MAIS do que em outras successões governamentaes, accentua-se nesta o desejo de conhecer as ideas do futuro governo sobre a gestão dos negocios da guerra. Não só aos profissionaes, mas a todos os brasileiros preocupam as questões militares hoje despidas de qualquer idéa de classe e, por consequencia, perfeitamente ligadas a todos os interesses nacionaes. Só os espiritos dominados por idéias subalternas e indiferentes aos destinos da sua Patria poderão descurar do magno problema da defesa nacional e esmiuçar raciocinios sem a sancção dos acontecimentos, para desviar as convicções decorrentes dos phenomenos sociaes que estamos observando.

Essas convicções se desenvolvem principalmente nas camadas sociaes ainda não corrompidas e sobrepujarão a todas as phantasias sectaristas, permittindo, ainda em tempo, que nos lancemos na estrada franca da verdade com a firme resolução de percorrel-a sejam quaes forem os obices e as theorias formuladas em contrario.

Em todo esse remoinhar inconstante de opiniões, idéas e interesses, em toda essa agitação que envolve um bom numero de patriotas sinceros e que por vezes chega ao terreno pessoal, com a analyse dos nomes que podem ser lembrados para a difficil missão de completar a

organisação do exercito, ha uma justa inquietação, um sentimento mais ou menos definido da importancia dessa successão administrativa e politica que traz esperanças, mas que tambem admite decepções.

Só se poderá negar a procedencia dessas duvidas quando a nossa politica tiver um rumo definido, quando os interesses brasileiros forem a bandeira dos nossos estadistas, quando estiver proscripto das nossas administrações o tão apreciado methodo das tentativas e quando os governos substituirem as plataformas vestidas de uma demagogia oportunista e de promessas sem sinceridade, por um programma sério, formulado sobre as bases que o momento apresentar e tornado um compromisso de honra para os seus executores.

Para justificar o abandono dessa solução, ainda se invoca a decantada infancia do Brasil, infancia que desculpa todas as divergencias de orientação, toda a dubiedade das nossas resoluções, todos os signaes mal apagados da incompetencia e da ignorancia, destacando-se na descontinuidade da nossa legislação, todo esse revoltante desprezo pelos problemas verdadeiramente nacionaes, desprezo que perverte as novas gerações e entrava o progresso da administração.

Mas, esse argumento já está com as raizes ao sol, já é bem conhecido de todos os que se batem com persistencia pela grandeza da nossa Patria, e, por isso, não devemos descrêr de que o gestor dos negocios da guerra no futuro periodo, seja forçado a estabelecer um programma para a sua administração ou o faça espontaneamente com a visão de quem não deseja assumir responsabilidades alheias em desacordo com as suas idéas, e com a sinceridade de quem deseja prestar á defesa nacional serviços reaes e articulados.

Esse programma formulado em perfeita harmonia de vistos com o chefe do executivo, permittirá ao Governo marchar com a segurança de quem sabe o que quer e o que pode fazer, estabelecerá a indispensavel solidariedade entre os seus membros e impedirá que o secretario da

guerra inicie a resolução de um dos grandes problemas da nossa defesa, para depois encontrar oposição na pasta da fazenda ou em qualquer outra, cujo auxílio se torne indispensável à sua completa realização.

Tal disparate é a completa negação do regime presidencial, tira aos ministros o carácter de secretários inspirados pelo presidente que deve ter perfeito conhecimento das condições do País, e embaraça a administração, tornando os seus responsáveis hesitantes e indecisos.

O programa tornando conhecidas as linhas gerais da orientação militar do governo terá a grande virtude de congregar todos os esforços, methodos convenientemente, preparar os espíritos e os interesses que se não possam aliar ás suas idéias e evitar-lhes decepções.

Por pior que elle seja, sempre será valioso porque previrá e apresentará á interpretação e ao concurso de todas as intelligencias bem intencionadas, os objectivos gerais da administração, a vontade do commando; será mais um elemento de educação militar.

E' porem indispensável que esse programa seja traçado com a firme resolução de executar, com a sinceridade propria ás elevadas funções dos que por elle se devem responsabilizar.

E qual deverá ser a orientação desse programa?

Para organisar é preciso estabelecer de um lado, os interesses do País, aquelles que não podem estar á mercê de contingências secundárias, aquelles que devem definir o rumo do estatista e que precisam ser executados mesmo que para isso necessário seja transformar intelligentemente a vontade e as tendências da massa ignara; para isso o homem de governo contempla os problemas de um ponto de vista superior, despresa as glórias artificiais e ephemeris do presente pela justiça do futuro, sabe o que a massa ignora e dispõe do perfeito conhecimento das condições iniciais do meio em que vai agir.

Do outro lado entra em jogo a experiência. E' ahi que reside a habilidade política, onde a energia oportunista, a conciliação prudente, a tolerância razoável, a justiça relativa, tudo dominado pelo constante desejo de alcançar os objectivos estabelecidos, constituem as alavancas poderosas com que serão removidas todas as dificuldades reais e apparentes.

Com essas bases, iluminado por um espirito superior, preocupado de continuar o que estiver certo, aperfeiçoar o que estiver iniciado com intelligencia, provocar a colaboração de todos os capazes e afastar deliberadamente todas as praxes, indecisões e ideas dissolventes lan-

das com o firme propósito de impedir a marcha regular da máquina administrativa e o surto da justiça, o governo estabelecerá o programma da sua victoria e conquistará o apoio ininterrupto de todos os elementos capazes de auxiliar-o para alcançá-la e firmá-la decisivamente.

Já é tempo de comprehender que as reformas radicais onde bastam pequenas modificações ou leves correções, onde não houve execução integral e onde já temos prática util, podem servir ao destaque passageiro do reformador, mas prejudicam a nação.

Os progressos que tiveram muitos regulamentos e serviços iniciados no quatriénio que expira, estão pedindo mais execução do que reformas e o administrador pode ficar certo de que não se notabilizará menos com a firme resolução de corrigir e executar, aproveitando o que está feito; ao contrario, revelará que comprehendeu a época e o problema e tem capacidade para levar-o a termo sem discrepancia.

A confirmação dessa verdade está na propria falta de execução, porque esta mede a dificuldade do problema ao mesmo tempo que indica as tendências a corrigir. Os elementos atraídos ou dominados pela religião do estomago, sempre fazem um círculo em surdina contra o que lhes desagrada e assim realizam uma especie de descoberta nas convicções das autoridades; círculo que se accentua á medida que decresce a energia de execução. Si esta desaparece, surge o clamor e até o ridículo sobre o que se visava executar; mas, ao contrario, si essa energia se define resolutamente, vem o silêncio, os aplausos e, ás vezes, até o desejo incontido de dar paternidade de obra feita.

Por isso, o homem experiente e sincero que tiver de gerir os negócios da guerra, estabelecidas as leves correções que se estão impondo na distribuição da autoridade, na formação de alguns elementos do exercito e em muitos regulamentos, poderá lançar-se imediatamente na execução resoluta do estabelecido, na continuação de obras iniciadas e no propósito, tão util e tão esquecido, de promover a responsabilidade onde houver uma parcela de autoridade, qualquer que ella seja, pois tem-se fundado a errônea convicção de que essa só precisa existir no que concerne ao emprego legal dos dinheiros publicos.

Assim definimos o aspecto da continuidade administrativa indispensável e util, a marcha progressiva que o exercito precisa; *nada de faltitudes — muito patriotismo, energia e experiência.*

A pasta da guerra não pode ser uma aureola propria para dar brilho e popularidade a cidadãos felizes; ella precisa de quem lhe dê serviços inestimáveis, de quem esteja disposto a sa-

crificar-se pelo Exercito, de quem desprese as opiniões momentaneas e trábalhe com a attenção voltada unicamente para os sagrados interesses da Patria.

A aquisição do **material** indispensavel para armar o exercito e organizar convenientemente as suas fabricas e arsenaes é assumpto que já se não pode discutir com bom humor. E' problema de vulto pelas despezas que acarreta, mas é uma necessidade que só pode escapar aos nescios ou aos espiritos mal intencionados. Pelo que se vê dos jornaes, o governo actual tem procurado resolver essa importantissima questão e acreditamos que, só as difficuldades originares da actual guerra, tenham contido a sua decisão.

Essa falta é um formidavel libello contra os governos passados, pois, a ser verdade o que se disse na Camara dos Deputados, nos deixaram sem o material necessario á instrucção da tropa de paz.

Confiantes estamos de que os governos actual e vindouro não vacillarão ante a resolução desse problema que nos deve fornecer as chaves para fechar nossa fronteira, quando tanto fôr necessário.

E' lição que deve servir ao governo para que elle não tema sacrificios no intuito de fomentar o desenvolvimento das industrias que se prestem a remover ou auxiliar a remoção dessas difficuldades constatadas a tempo.

Os **serviços administrativos** precisam ser modificados com intelligence e economia, dando aos fornecimentos da tropa a presteza, a oportunidade e a fiscalisação indispensaveis. A anachronica centralização administrativa precisa ser substituida por um regimem que estableça a cooperação de todas as autoridades no sentido de se adquirir o fardamento, o equipamento, o arreiamento completo e todo outro material que possa ser obtido nas differentes regiões do paiz. A autoridade que até aqui tem sido ocupada em resolver, dirigir e fiscalizar esse serviço, que se volte exclusivamente para a fiscalisação e seja inexoravel na apuração das responsabilidades.

Quaesquer que sejam as difficuldades iniciaes dessa questão, é indispensavel que ella seja enfrentada e resolvida.

E' preciso regular convenientemente o recrutamento dos officiaes destinados a **auxiliares do alto commando**, principalmente do Estado Maior do Exercito, orientando a confiança que elles devem merecer, não só ás pessoas dos chefes mas, principalmente, aos interesses superiores da organisação da nossa defesa.

Naturalmente os chefes não precisam de intelligencias que torçam os regulamentos aó seu

modo e sim daquellas que conheçam o seu espirito e sejam incapazes de claudicar na sua applicação. Para separar os officiaes capazes de assim impulsionar os trabalhos do exercito é preciso um julgamento pessoal, mas ha tambem muitos outros coefficients que não podem ser abandonados sem desvirtuar o fim collimado.

O **Estado Maior do Exercito** precisa ter a sua autoridade definida com maior clareza.

O art.º 6.º do Dec. n. 11.497 de 23 de Fevereiro de 1915 está redigido com tal habilidade que se pode considerar o E. M. E. com todas as attribuições desejaveis, ao mesmo tempo que sem liberdade para exercer taes attribuições. E' como um medico competente que deve guardar o doente e responsabilisar-se pela sua cura, mas que nem sempre tem direito de receitar e muito menos de exigir que se cumpram as suas prescripções, porque o chefe da familia que o distinguiu com o chamado, entende que lhe diminuem o seu prestigio as receitas delle.

Para que o doente se salve é preciso estabelecer que ao medico compete examinar, receitar e prescrever o regimen conveniente; o chefe da familia que escolhe o medico em condições, dê a liberdade precisa, fiscalize o seu trabalho e exija que lhe sejam explicadas as suas deliberações; assim o medico terá grande responsabilidade sem que o chefe perca a gloria de ter exercido uma autoridade superior, criteriosa e intelligente.

Mesmo sem que o commando do exercito seja exercido pelo E. M. E., este orgão poderá ter toda a autoridade necessaria para dirigir a instrucção, regulamentando e fazendo executar os regulamentos.

Todos os elementos da tropa existem para se instruir e para se aperfeiçoar. Nada mais logico do que submettel-os a uma autoridade que exija essa instrucção, oriente esse aperfeiçoamento e, desse dever exonere a autoridade politica que age directamente sobre o chefe do E. M. E.

Assim o E. M. E. poderá se responsabilisar pelos resultados da applicação da tropa, applicação que só o alto commando resolverá.

A decretação de uma **lei de quadros** será o unico meio de coibir a anarchia reinante na distribuição dos officiaes entre unidades e serviços. Como os quadros são insufficients para um rico apparelho administrativo e os orgãos competentes parecem convencidos da impossibilidade de distribuir proporcionalmente os officiaes, outra providencia deve ser tomada e essa radical, perfeita, impossibilitando todas as faihas que produziram os males actuaes, prevenindo tudo o que possa burlar as intenções do legislador.

Com a lei de quadros não só a tropa e os

serviços deverão lucrar; os officiaes de tropa e technicos poderão aprimorar o seu prepraro e não se discutirá mais a precedencia entre esses grupos igualmente necessarios.

A organisação de uma **Ecole Militar** digna deste nome, não pode ser mais protelada. Precisamos que se dê um passo decisivo nesse sentido, para o que se deve melhorar a instalação da escola militar, dotando-a de todo o material proprio para o ensino theorico-prático e pratico e contratar profissionaes estrangeiros de reconhecida competencia, para acabar com o ensino por discursos e inaugurar o ensino theorico-prático regulamentado.

Em quanto não tivermos uma escola militar que assegure a continuidade da instrucção na tropa e que dê annualmente nova seiva ao exercito, baldos serão os esforços desarticulados que por ahi se exercem consumindo inutilmente a energia de alguns officiaes de valor.

O actual regulamento em vigor, posto que tenha contribuido para dar á Escola a feição militar que lhe faltava, não resolveo entretanto de modo cabal o prepraro dos technicos.

A formação dos especialistas na artilharia e na engenharia, de facto, não está firmemente assegurada com a organisação de um curso que se propõe a preparar n'uma mesma formula os instructores para a tropa e os profissionaes para as variadissimas commissões techniques attinentes a essas armas.

O problema dos **officiaes** não se reduz ao exercito activo. Elle tambem precisa ser resolvido, com grande interesse, para a **reserva** da 1.^a linha e na 2.^a linha. Em quanto a nossa educação não permittir certa spontaneidade dos candidatos, cumpre ao governo provocar ou resolver tal problema com a latitude conveniente.

Intimamente ligado a este problema está o do recrutamento de **sargentos**. Dentre elles, si devidamente trabalhados, sahirão excellentes officiaes de reserva. Por outro lado no regimen regulamentar da divisão do trabalho devem ser elles os agentes directos do ensino aos soldados; aos officiaes cumpre oriental-os, preparam-los e fiscalisal-os. Justamente em nossos dias, na phase de transição que atravessa o serviço militar, a tropa soffre da insufficiencia numerica e profissional dos sargentos.

Alem de outras causas que podem ser removidas pela propria tropa, á medida do progresso na sua orientação profissional, ha uma fundamental que é a de não estar convenientemente assegurado um futuro digno aos sargentos que tenham dedicado ao serviço militar os seus melhores annos.

O augmento das **reservas** instruidas, a sua incorporação como experiençia, manobras de

larga envergadura para revelar e treinar commandos e serviços diversos, tambem formam entre as necessidades urgentes.

No interesse do referido augmento, inquestionavelmente necessario, precisamos no minimo por dez annos nortear a solução nacional do problema por esta dupla consideração: *tempo de serviço minimo* — para que no mesmo espaço de tempo preparemos o maior numero de reservistas — *augmentar o tempo para uma fracção do contingente* (p. ex. um terço), até ao fim do primeiro periodo de instrucção do contingente seguinte, assegurando assim a presença do pessoal para muitos serviços (a restringir o mais possivel) que precisam não ser desempenhados pelos recrutas e poupano á tropa um eclipse total na sua significação como força, qual resultaria se fosse licenciado completamente um contingente ao vir o novo.

E neste assumpto urge normalisar de uma vez a **incorporação** do contingente de recrutas, haja vista o profundo prejuizo causado á instrucção no anno corrente, *graças* á insupportavel anarchia das inclusões interminaveis.

A mesma desordem referente a pessoal perdura em relação aos **cavallos-recrutas**, com a aggravante de que nem se sente um longinquo desejo de encarar com a devida orientação a **remonta** da tropa. E' questão que implica com o metodo de instrucção dos cátalos e cavalleiros, com a maior duração dos cavallos em serviço, portanto seu barateamento, e que, por fim, pela normalisacão deste mercado repercutirá favoravelmente sobre a respectiva producção nacional, bem precisada desse incentivo.

Mas, no que concerne a pessoal, occupa o primeiro plano a necessidade de **formar chefes** experimentados, intelligentes e dedicados ao seu nobre officio.

Si o futuro governo nos fizer um legado deste genero, terá direito ao reconhecimento do exercito, por isso que a formação delles implica a previa preparação do meio apropriado para o seu exercicio, para a sua selecção.

Esse meio indispensavel para que se faça justiça é o da tropa com todos os recursos em pessoal e material, é o dos serviços com os elementos necessarios, com a responsabilidade e com a fiscalisação que a torna effectiva.

Assim surgirão em condições paralellas os officiaes capazes de produzir mais e melhor, assim estará fundado o campo para o exame dos candidatos ao accesso por merecimento e a exclusão dos que não o devem ter **nem por antiguidade**.

Assim aflorarão naturalmente os officiaes que merecem o voto dos chefes por serem os mais capazes de os auxiliarem na consecucao da vi-

ctoria e ficará de vez esquecido o proselytismo curto, irritante e injusto que ainda retarda a nossa evolução.

E' preciso ter em vista que a nossa **rêde ferro viaria** é deficiente e sobre ser assim — são palavras do Sr. Marechal Faria ao assumir a gestão da Guerra — têm defeitos estrategicos provenientes do facto de nunca ter sido ouvido o Estado Maior antes das concessões ou das construções das estradas.

Não pôde o actual governo enfrentar como se faz mister ás necessidades da defesa, o complexo problema ferro-viario, posto que reconhecendo as más condições technico-militares de nossas principaes arterias, nomeadamente da *Brazil Railway*, onde existem estrangulamentos de trechos que, pouco consideraveis embora, prejudicam por completo o escoamento rapido e uniforme do trafego e neutralisam todo o valor militar que esta importante via de comunicação possa ter.

Tambem não ficou o nosso E. Maior apparelhado para poder influir com autoridade nas decisões relativas a esse importante problema.

Em largos traços assim se vê que, embora o quatrienio corrente seja um dos mais propositos que teve o exercito, muito ha que fazer ainda para que nos possamos considerar organisados e em condições de merecer toda a confiança da nação.

Este trabalho que deve continuar a obra iniciada, não pode entibiar nem mesmo impressionar um patriota operoso e sincero. Hoje todos vão comprehendendo a importancia das questões de defesa e basta provar que se pretende realmente solucionar uma questão, para conseguir auxiliares dedicados e formar corrente favoravel. O exercito sente que precisa produzir para se impôr á consideração publica e está pedindo por todos os meios indirectos que lhe deem elementos de trabalho, orientação firme e sincera, fiscalisação e justiça.

Depois... o trabalho tudo vence.

Acquisição de material bellico

Noticiaram os jornaes que um deputado riograndense apresentaria á Camara dos Deputados, uma emenda ao projecto da emissão lastreada, mandando destacar cem mil contos desse dinheiro para aquisição de material bellico.

Quem tiver noção da quantidade de material necessario para os serviços da guerra, quem conhecer os progressos e

a diferenciação desse material, quem meditar sobre as difficuldades da sua aquisição no momento em que fôr necessário applical-o, e quem não estiver interessado na dissipação desse dinheiro a emitir, só poderá achar que o illustre deputado foi exageradamente parcimonioso na sua emenda, porque é sabido que agora só se poderá obter material de guerra por elevado preço.

Os considerandos com que S. S. justificava a sua iniciativa são bastante sugestivos para remover qualquer vacilação nesse sentido.

Não é possivel que um congresso de patriotas seja indiferente ás falhas militares que se tem propagado no seu proprio seio, que esses brazileiros não se afflijam ante as considerações formuladas e se conformem em deixar o paiz indefeso, embalado numa imprevidencia que é o mais evidente atestado da nossa incapacidade.

Todo o exercito está confiando que esse assumpto seja devidamente estudado e si registramos a emenda do deputado riograndense, é porque estavamos convencidos, como aliás toda a gente, que o governo já estava armado de autorisações para resolver este problema com maior reserva e amplitude, e consideramos a emenda publicada como symptoma de alguma deliberação em contrario.

Será possivel?....

Os officiaes mortos em serviço e a aviação militar

A nossa legislação no que concerne ás vantagens conferidas ás familias dos officiaes e especialmente ás daquelles que morrem ao serviço da Patria, é de uma iniquidade revoltante.

«A Defeza Nacional» sempre se absteve de advogar interesses pessoais, mas o descaso com que se tem tratado a situação em que ficam as familias dos officiaes quando roubadas de seu chefe, já sae do terreno das questões secundarias e cabalmente justifica o individualismo de todos os que não desejam legar a miseria aos que lhes são caros.

Pagando a Nação um montepio miserímo, em relação á contribuição, mais caro do que o de muitas instituições particulares bem solidas, o official que não procurar, fóra da sua profissão, os re-



curtos indispensaveis para evitar que sua familia fique dependendo da piedade publica, não legará, si fôr subalterno e tiver mesmo 25 annos de serviço, o quantum necessario para o simples alugel de uma casa modesta.

Reflicta-se sobre a assistencia que o governo dá á familia de um 1.º tenente que morre com 25 annos de serviço efectivo, como os ha muitos. Essa assistencia se reduz a 70\$000 mensaes que, convenhamos, poucas difficultades removem em um regimen de papel-moeda desvalorizado.

Mas, si essa situação já é intoleravel para officiaes que morrem sem a responsabilidade do paiz, que dizer então dos que desapparecem no pleno exercicio dos seus deveres e por elles dominados?

Será exigir altruismo excessivo e até injustificavel numa phase normal, o pretender organizar serviços de maior risco ou obter a indispensavel dedicação ás idéas e resoluções do governo, que por sua parte se esquece de que os seus auxiliares são homens de sentimentos e de necessidades como elles proprios.

Os casos lamentaveis do 1.º Tenente Eugenio Possolo, da esquadra que sulca o Atlântico em serviços de guerra e da missão medica militar, estão mostrando que é preciso modificar esse estado de cousas, legislar para os casos de morte e inutilisação em serviço.

A proxima criação da escola militar de aviação, exige que os seus alumnos saibam antecipadamente o que os aguarda si ficarem mutilados ou inutilizados em serviço e o que aguardará ás suas famílias, si elles despresarem pela praticagem arriscada do novo officio, os ideaes de ganancia que estão ao alcance de toda a gente que goza, progride e manda.

Idéas subsidiarias para a formação das reservas

Nos tempos que correm é natural que se fale em mobilisação. Os jornaes já disseram o suficiente para que todos conheçam a importancia dessa operação, para que todos saibam que, no inicio da guerra actual, só pesaram as nações belligerantes que estavam em condições de mobilizar perfeitamente seu exercito e sua armada.

Não é preciso ser um profissional para ter a sensação dos effectivos, para comprehender que um exercito incapaz de passar ao pé de guerra com todos os recursos em pessoal e material, rapidamente, serenamente, permitindo aos homens de governo o estudo dos mil outros problemas que se ligam á guerra e, mais do que

ao exercito, envolvem toda a vida nacional, não é um exercito a mobilisar e sim um exercito a pedir que se complete previamente a sua organisação.

Entre outros motivos, o decreto de 6 de Outubro de 1917 aconselha a discussão do problema da mobilisação, porque sempre nos despreocupamos das tristes contingencias sociaes, e, consequentemente, não cultivamos a previsão em assumptos de guerra, o que pode ser muito bonito mas pouco pratico.

Não é nosso intuito fazer critica: sabemos que o problema começou a ser resolvido com o sorteio e que, com os orçamentos vigentes, em dois annos pouco mais se poderia ter feito.

A mobilisação é uma operação complexa e principia exigindo que haja o que mobilisar.

Officiaes capazes e em numero sufficiente, soldados instruidos convenientemente, animaes, ensinados e todo o material de guerra moderno, eis o que é preciso ter preparado e adquirido, para reunir rapidamente, dando o maximo de efficiencia potencial ás unidades constituidas ou constituindo unidades de formação prevista.

Foi esta reunião que a França poude realizar em 1914 de maneira que honra o estado-maior francez; foi essa mobilisação perfeita que permitiu parar o golpe germanico; foi essa mobilisação que salvou todos os aliados, porque os allemaes não se deteriam ante a noticia da organização do exercito inglez.

Convene notar que os exemplos inglez e americano não devem ser lembrados no caso, porque a mobilisação deve ser estudada em vista de uma reacção isolada; o caso de existir um aliado que permita gastar um ou mais annos na organização do exercito para a guerra, é excepcional.

A nação que não tiver os elementos necessarios á mobilisação, deve pensar todos os dias em completar a organisação do seu exercito e dar graças a Deus por lhe ter concedido tempo para conhecer e corrigir as suas deficiencias.

Chamar homens sem instruccion militar, esses que denominamos reservistas de 3.ª categoria e que são meros alistados, não é mobilisar, é simplesmente recrutar para instruir, é começar a preparar um dos elementos da mobilisação. Augmentar os effectivos até o pé de guerra sem ter os officiaes indispensaveis é organizar elementos que escaparão ao commando ou que serão mal conduzidos; e preencher tumultuarialmente os postos é ainda peor. Comprar material de guerra e cavallos, mesmo ensinados, quando os houver, é agir para organizar, porque uma unidade não é mobilisavel enquanto não tem em numero sufficiente todos os elementos que não poderá requisitar para o completo do seu effectivo de guerra.

Nisto não ha novidade. A acção do actual governo traduz a convicção dessas difficultades todas e, só uma politica previdente, calma e emprehendedora, poderá estabelecer a possibilidade de uma mobilisação que não dê uma triste idéa da nossa capacidade.

* * *

Mas o problema está a pedir solução.

Elle não se satisfaz com o que já poude ser feito e como a situação do exercito é excepcional em consequencia do seu atraso, parelho ao do meio que o deve formar e das difficultades mate-

riais com que luta, muito logico parece que procuremos uma solução tambem excepcional para a formação dos elementos de mobilização; ahí sim, convém lembrar a organização dos exercitos inglez e americano.

Todos sentem que devemos tomar providencias militares de vulto, mas os que tem maior responsabilidade principalmente na gestão dos negócios financeiros, tremem ante a prática de medidas preliminares e pensam que talvez se possa evitar esse sacrifício á nação.

E si se dê o caso contrario?

As dificuldades que temos a fortuna de contemplar fóra da pressão das bayonetas, quando as bombas estão longe das nossas cabeças e quando a familia brazileira está respeitada e feliz, deviam constituir um grande ensinamento e, quem sabe si não serão um aviso?

Deixando de parte os outros elementos da mobilização, até mesmo o problema dos quadros — um dos mais serios para nós — vamos tratar sumariamente das nossas reservas de soldados.

* * *

A julgar pelos dados constantes do ultimo relatorio do Ministerio da Guerra, que devem soffrer um abatimento de 30% em consequencia dos devios de reservistas para as forças policiais e para a marinha, e da inobservancia do que estatuem as alíneas c e d do Decreto nº 12790 de 2-1-918, é bem pequeno o numero de homens com que podemos contar para a mobilização.

Não é aconselhavel o uso, no presente momento, de quaisquer paliativos tendentes a minorar as dificuldades da mobilização; convém atacar de frente o problema, insistindo de preferencia no **augmento dos effectivos** do exercito, aumento que poderá chegar ao maximo estabelecido, si não em todas as divisões, ao menos nas 2^a, 3^a e 4^a, aquellas que oferecem mais facilidades e cujo preparo intensivo não pôde despertar suspeitas sobre a sinceridade com que sempre desejamos a paz na America do Sul.

Com esta resolução muito lucraria o preparo do exercito, e as nossas reservas dariam um passo em frente, seguro e valioso.

O aumento de despesa, unica objecção que se poderá fazer e de incontestavel importancia, seria fartamente compensado pelos resultados que se podem prever facilmente.

A maior das vantagens que se apresentaria paralelamente á da preparação intensiva das nossas reservas, seria a materialização, si nos permittem o termo, das innumeras dificuldades decorrentes de uma mobilização, dificuldades que se pretende resolver na Avenida, entre duas fumaças de cigarro, e que muito convinha ficarem bem patentes e discutidas.

Mas, si as condições financeiras do paiz constituem o unico embaraço para que se dêm ao exercito reservas sufficientes em numero, porque não aproveitamos, para diminuir o custo dos effectivos todas as vantagens materiais que podemos tirar da execução do sorteio?

O chamado serviço de um anno, generalizado, já abriu fallencia aos olhos de todos os que contemplaram as suas consequencias e, não fosse o patriótico intuito de aumentar as nossas reservas tão atraçadas em numero, já estaria posto á margem; porque não reservamos a diminuição do tempo de serviço que exige homens de

melhor instrucção elementar, para aquelles que se fardem e se mantenham á sua custa?

No grupo dos que estivessem dispostos a substituir o sacrificio pessoal de servir 18 ou 24 mezes (armas a pé e montadas) pelo de servir 9 ou 12 com um sacrificio pecuniario, podíamos considerar voluntarios e sorteados e estamos certos que, sendo bem feito o alistamento, esse grupo não será pequeno.

E si mesmo assim a nação não puder supportar a despesa de grandes effectivos, porque não fazer, apôs o sorteio regular, um segundo sorteio local para a classe mais nova, afim de obrigar-a em parte á instrucção nos corpos, onde os houver, nas Sociedades de Tiro onde não houver unidades do exercito e depois incorporar estes novos sorteados durante 5 semanas que abrangam 3 do periodo de instrucção que antecede as manobras e 2 dentro do periodo destas?

E si esta solução tão racional não agradar, porque não organizar em todas as unidades do exercito as escolas para a preparação de reservistas voluntarios, moldadas com toda a tolerancia admissivel e já propostas por autoridade competente?

O problema para nos é formar, economicamente, em curto espaço de tempo, um grande numero de reservistas que mereçam toda a confiança quanto ás qualidades indispensaveis ao soldado. Parece-nos portanto que, nem podemos adoptar as soluções seguidas por nações previdentes, mesmo sul-americanas, onde a criação das reservas foi oportunamente iniciada, methodica e perseverantemente mantida, nem nos devemos illudir com o empirismo das sociedades de tiro, que podem realmente prestar serviços, mas que devem ser collocadas nos justos termos de educar a parte não sorteada da classe de 21 annos e, isso mesmo, onde não houver corpos de tropa para fazel-o.

O interesse com que os responsaveis pela nossa preparação militar, encaram a formação e desenvolvimento das sociedades de tiro, vale por uma prova formal do atraso das nossas reservas e do perfeito conhecimento das suas consequencias.

E o louvável desejo de passar do nada ao tudo ante a contemplação da serie intermina dos factos que derrogam a nossa politica de chimeras. Precisamos começar evitando que a formação das nossas reservas corresponda a um acto dessa mesma politica, e, tirando do que está feito o melhor partido, marchemos para a educação do maior contingente possivel nas casernas, embora com a tolerancia que a época justifica.

A admissão de soldados que não pesem no orçamento pela compensação do tempo de serviço, tem encontrado certa repugnancia por parecer um privilegio obtido com o dinheiro. Mas esse exemplo não tem o menor cabimento porque esses soldados serão enquadrados até estarem satisfactoriamente instruidos, passarão pelas mesmas situações de todas as outras praças com as quais convivam, muitas vezes farão o sacrificio pecuniario para solver dificuldades que não diminuem o seu patriotismo e o seu valor militar.

Vem a propósito lembrarmos que a isenção proporcionada pela frequencia das sociedades de tiro comporta o mesmo aspecto. Com as dificuldades hoje communs, nem todos os cidadãos podem dispôr de joia, mensalidades, recursos para adquirir fardamento e ás vezes equipamento; e

entretanto só estes tem o direito de frequentar sociedades de tiro.

Porque não admittirmos, com maiores exigências, que o sacrificio pecuniário possa contribuir para aumentar os efectivos, facilitando a formação das nossas reservas e proporcionando melhores elementos para educação dos nossos quadros?

Por outro lado, enquanto existirem as sociedades de tiro com o actual carácter, é indispensável que se organisem nos corpos as escolas propostas pelo E. M. E., para que os pobres, os operários, aquelles que dão e sempre deram o maior contingente para a nossa defesa, aquelles que firmaram as tradições de que tanto nos orgulhamos, onde quer que tenha operado uma fracção do exercito, também possam, sem grandes sacrifícios, evitar as urnas do sorteio e fazer a sua preparação militar.

Nas condições propostas, auxiliaremos efficazmente a formação das nossas reservas e manifestaremos o nosso reconhecimento áquelles que precisam a assistência do governo.

Todos esses processos acarretam um trabalho excepcional para os officiaes; é certo porém que elles reconhecem as necessidades de uma época excepcional e está nas mãos do governo, estabelecer para os que nos corpos tomarem a si as escolas especiais de preparação de reservistas, — vantagens razoaveis e já consignadas para outros instructores.

1º Tenente *Pantaleão Pessôa*.

Detalhes de offensivas (*)

A evolução da tactica de infantaria é principalmente devida aos modernos petrechos bellicos e se caracteriza pelo emprego intensivo de granadas e metralhadoras. A acção mortífera dos elementos de ataque acarretou modificação profunda no dispositivo de defesa: a organização inicial tendia a guarnecer fortemente a 1ª linha, dando-lhe largo campo afim de dominar e repelir o ataque adversário. Hoje, procura-se retrair essa linha de resistência, de forma a pol-a a salvo do nivellamento causado pela artilharia inimiga: como os efeitos desta são formidáveis, recúia-se a linha mais forte, escalona-se a defesa em profundidade.

É este o característico das linhas Hindenburg, que comportam geralmente duas ou tres posições, abrangendo cada uma pelo menos duas trincheiras essenciais: de vigilância e de resistência.

O conjunto de uma 1ª posição se pode, de forma schemática, representar em corte pelo esboço ao lado:



No lançante da ondulação, em *a*, os vigias, os bombeiros, os postos de escuta; em *b*, na crista, de mais largo horizonte, a linha de vigilância, pouco densa, afim de não sacrificar efectivos; em *c*, reforço, a linha de resistência, já abrigada pelo movimento do terreno; e finalmente em *d*, as linhas de dobramento, ne-

linha de vigilância, pouco densa, afim de não sacrificar efectivos; em *c*, reforço, a linha de resistência, já abrigada pelo movimento do terreno; e finalmente em *d*, as linhas de dobramento, ne-

cessarias aos movimentos de tropa de abastecimento, de evacuação de feridos.

Todas estas trincheiras reunidas pelos caminhos de comunicação, semeadas de abrigos, de depósitos de munição; os flanqueamentos numerosos, instalações e ninhos de metralhadoras a cada passo. Quadricula-se o terreno, engaveta-se o avanço inimigo. Na extrema trincheira de 1ª linha, escassos postos de vigilância; na segunda, como tive ensejo de ver em Laffaux, no trecho conquistado da linha Hindenburg, cada 150 ou 200 metros, profundos abrigos, recobertos de concreto, destinados a proteger pelotões ou secções que, no momento opportuno, surgiam por traz das primeiras vagas assaltantes, ceifando o adversário.

Geralmente, nas primeiras posições somente figura a artilharia de trincheira, isto é, o canhão de 37 mm; porém os dispositivos mais variados são empregados para a projecção de bombas, granadas e torpedos aéreos; o alcance destes, limitado a 40 ou 50 metros ha dois annos, atinge hoje 300 e 400; tive oportunidade de ver alguns, que não haviam explodido, em Tracy le Val, a essa distância das trincheiras, de onde haviam sido arremessados.

Disse acima que, em geral, apenas a artilharia de trincheira era installada em 1ª linha. Tal não se dá, porém, do lado alemão, que coloca por vezes, a sua artilharia de campanha na 1ª posição. Recordo haver assistido, em Acy, a um exercicio figurando o assalto a trincheiras, por um batalhão de zuavos: o thema comportava a redução, a granada, de uma bateria de 77, flanqueando a avançada e situada 150 metros á retaguarda da 1ª linha. Surprehendeu-me a posição arriscada, muito embora já tivesse visto, ao sul de Roye, instalações abandonadas de baterias alemãs a menos de um km, ou mais precisamente, 800 metros das antigas linhas francesas. De resto, o thema do exercicio não fazia senão evocar um episodio real: no ataque das Chambrettes, a N. de Douaumont, esse mesmo batalhão de zuavos conquistara a posição inimiga, reforçada por uma bateria de 77, oculta numa dobra do terreno, nas condições que o exercicio reproduzia: a artilharia fora aniquilada pela granada de mão.

Para que se possa comprehender a progressão da infantaria no assalto de hoje, mistér se faz debuxar, de forma succinta, o seu apetrechamento e composição. O batalhão se desdobra, como é sabido, em 4 companhias, sendo uma exclusivamente de metralhadoras, a 8 peças. As outras tres, de efectivo teórico de 194 homens, comprehendem um terço de especialistas, assim distribuidos: 32 granadeiros de mão, 18 fuzis-metralhadores e 16 V. B. Esta denominação abreviada (iniciais do inventor, coronel Viven Bessiere) designa a granada projectada pelo fuzil, ou, mais exactamente, impellida pe'a força de propulsão dos gases; á boca da arma se adapta um dispositivo afunilado que a faz assemelhar-se ao bacamarte antigo e que se destina a receber a granada; esta é de forma cylindrica, perfurada interiormente; o diametro deste canal corresponde ao calibre da arma; a deflagração do fulminato é provocada pela passagem da bala, que, ao sahir do fuzil obtura o orificio da granada um tempo infinitamente pequeno, mas suficiente para que a acção dos gases se possa exercer sobre o novo projectil;

(*) N. da R.: Este trabalho nos foi agora entregue pelo Sr. General Tasso Fragoso, com a declaração de que foi escrito azem já alguns meses.

este, se a arma é convenientemente inclinada, cerca de 30° sobre o horizonte, vai cair a 200 metros; o seu efeito é proximamente o mesmo da granada de mão; porem o alcance da ultima, limitado pelo vigor physico do homem, não excede em geral 30 a 60 metros. A V. B. sendo atirada por elevação, consente fazer preceder os granadeiros de mão por uma barreira de fogo e fumaça. (**)

O fusil-metralhador é uma arma muito robusta: provido de uma forquilha que permite apoial-o sobre o solo, pesa apenas 9 kg e permite 150 tiros por minuto. Cada fuzil é servido por 3 homens, sendo dois especialmente incumbidos do renunciamento.

O fusil V. B. é a arma commun, apenas com o dispositivo em forma de bacamarte, ajustado no extremo do cano: 3 homens formam um grupo de dois fusis V. B. Os granadeiros de mão são distribuidos em 4 esquadras. O resto da companhia é composto de fusileiros. A companhia tem 4 sapadores, mas alem disso, cada homem transporta a sua ferramenta individual, pá, enxada, etc. O commando do batalhão dispõe, por sua vez de um destacamento especial de 32 sapadores; tem ainda ás suas ordens um numeroso estado-menor: telegraphistas e telephonistas, agentes de ligação, cyclists e signaleiros, alem de clarins e sargentos.

A artilharia de batalhão se resume no canhão de 37 mm, modelo 1916, destinado a destruir os abrigos blindados, mas de ação inefficaz sobre o concreto. A sua principal vantagem reside na mobilidade; separa-se em duas partes, pesando o canhão propriamente dito 47 kg e o reparo 37. O freio recuperador permite o regresso automatico da peça em bateria, consentindo uma rapidez de 15 e mesmo 20 tiros por minuto. A precisão do apparelho de pontaria é aumentada por uma luneta com visor. O reparo assemelha-se ao do Deport italiano e eleva o canhão apenas a 60 cm do solo. No terreno, o seu transporte é efectuado por dois homens apenas; em marchas, reparo e peça são adaptados a um carrinho puxado por um animal. O alcance efficaz está comprehendido entre 600 e 1500 metros; geralmente, graças á precisão do tiro, 5 minutos são suficientes para destruir um objectivo descoberto; emprega tres espécies de projectis. Vi apenas o de ferro fundido, peso 450 gr, explodindo por percussão e o de aço, não explosivo, destinado simplesmente a abrir brecha. A guarnição se compõe do carregador, atirador, chefe de peça e mais 4 serventes; com o cabo e o sargento, ao todo 9 homens.

A artilharia de trincheira comprehende alem do 37 e dos lança-torpedos aereos, uma variedade extraordinaria de material. Os canhões pneumáticos que tive ensejo de ver são o Dor-moy-Chateau, calibre 0,60, atirando o projectil de 1 kg a 280 metros, já abandonado; os dois modelos do obuzeiro Brandt, o de 1915, diâmetro 0,60, projectil de 1 kg e o modelo 1916, mais leve, pesando apenas 16 kg, mesmo calibre, mas lançando um projectil de 680 gr a 400 m.

Vi funcionar o canhão inglez Stokes: na realidade não é senão um longo tubo de aço, de 1,30 de comprimento, fechado na parte inferior, em cuja parede interna ha um espião metallico

fixo servindo de percussor. O projectil, 5 kg, ligado a um cartucho contendo ballistite, é introduzido pela boca do cano, inclinado a 60°; deslisando rapido por elle, a capsula vem ferir o espião e a deflagração lança o projectil numa parabola muito elevada, attingindo a flecha a mais de 200 metros, para um alcance de 260; este alcance pode ser augmentado, empregando maior carga de projecção, o que é facilmente obtido mediante o accrescimo de discos de polvora de 7 gr. cada um; consegue-se, com tres discos, attingir 685 metros. O que ha de extraordinario é a rapidez de tiro, cerca de 40 por minuto; tive occasião de contar 9 em 11". Como se comprehende, não ha senão uma pontaria inicial: o tubo acha-se fixo no tripé e os serventes introduzem os projectis um apos outro; a velocidade inicial sendo pequena, contam-se no ar dez, doze projectis, seguindo successivamente a mesma trajectoria.

* *

Descripto de forma succinta o material, passo a esboçar a tactica seguida pela infantaria no ataque a posições que se suppõe já nivelladas pela preparação de artilharia. Um batalhão tem por objectivo apossar-se das duas primeiras linhas inimigas que se lhe antepõem. Destaca á frente duas companhias, que se desdobram em quatro secções de assalto e quatro de reforço; as primeiras formam tres vagas: uma de granadeiros nas alas e fusil-metralhadores ao centro; a segunda de «voltigeurs» e fusis V. B., que atiram por elevação; os voltigeurs são praças cuja instrucção permite substituir os granadeiros V. B. Por fim, em 3^a linha, os varredores (nettoyeurs) de trincheiras. No batalhão a cujos exercícios assisti, eram estes alentados senalezes, armados singelamente de granadas de mão e de avantajado facão de matto. Destinam-se a impedir o retorno offensivo do inimigo que simula ou se esconde.

O equipamento de assalto é a nossa meia marcha: as praças levam capote, cantil, bornal com viveres e a tela de barraca a tiracollo, alem da indispensavel mascara anti-gazes; as tiras de lona (2×2), destinam-se a constituir barracas quando reunidas em numero de seis; o seu emprego é porem em mais larga escala como abrigo individual: por vezes as praças bivacam noites seguidas nos trechos conquistados, regresso tolhido pelo tiro de barragem ou por um flanqueamento de metralhadoras, aprovisionamento cortado e impossibilidade de serem revezadas.

As vagas progredem lentamente no terreno revolvido pelos obuzes e obstruido por arames farpados; esta progressão é fixada previamente para haver um synchronismo perfeito entre o avanço da infantaria e a elevação de alça da artilharia; geralmente, não ultrapassa 50 metros por minuto. A frente de ataque orça em 400 metros por batalhão. O intervallo entre as 3 primeiras vagas regula de 15 a 20 metros; as secções de reforço carregam tambem em duas vagas. Cerca de 200 metros medeiam entre as companhias de assalto e a reserva; com esta, formada pela 3^a companhia e a de metralhadoras, marcha o commando do batalhão; proximo, os telephonistas desenrolam os seus carreis, mantendo-se em communicação com o regimento que recebe, pelo sem fio, tambem os informes do avião. Vem este pairar ao alto, por

(**) N. da R.: Segue-se ahi uma noticia descriptiva sobre granadas de mão que por falta de espaço suprimimos.

vezes a menos de 200 metros; é denominado avião de ligação ou de infantaria; faz-se reconhecer por uma tigelinha convencional, a 5 latrinas, por exemplo. Cumpre-lhe a missão de esclarecer o comando sobre os obstáculos que defronta a progressão, informar o da posição que ocupam as linhas avançadas. Na desordem de um terreno revolto, forçados os homens a aproveitar todos os obstáculos, essas linhas tendem por força a se fragmentar e, ao sabor da maior ou menor resistência encontrada, ficam aquém ou ultrapassam o objectivo fixado: o avião, ao adejar sobre elas, pede, por uma tigelinha convencional, que lhe forneçam o alinhamento, ou revelem onde se acham. Isso é feito de diversos modos: ora por uma série de explosões fumarentas, fogos de bengala, ou por um estendal de pannos, lenços ou outros distintivos, que permittem ao aviador identificar e locar sumariamente as posições sobre um croquis de que se apetrechou previamente.

E' opportuno referir a importância crescente das cartas, das plantas de grande escala: nenhuma operação, já não digo estratégica, mas tática, de pequenos efectivos, embora simples golpe de sonda, é resolvida sem que o terreno tenha sido attentamente estudado e trigonometricamente reportado no papel. As trincheiras inimigas, os seus abrigos, caminhos de comunicação, postos de comando, depósitos de munições, tudo se acha consignado de forma minuciosa; exemplares da planta são distribuídos aos officiaes, aos sargentos, com os objectivos assignalados. As antigas minutias do S.º Geographico concorreram em parte, mas na maioria tudo é trabalho novo. A photographia aerea principalmente e, em segundo plano, os informes dos prisioneiros e desertores, concorreram à precisão dos detalhes.

Não é uma das menores surpresas desta guerra ver o assombroso desenvolvimento tomado pela cartographia, (*) a rapidez com que novas plantas de determinados sectores são confeccionadas, revistas, correctas e impressas; uma secção especial funciona ao lado de cada exercito — e estes não numeram actualmente menos de dez.

Lembro um record estabelecido por um «*Carnevas de tir*» que tive ensejo de visitar, aliás de relance: «em tres dias, afirmou-me o official encarregado, rectificamos a planta de um sector, assignalamos as modificações, mencionamos detalhes novos, desenhamos e imprimimos a planta a heliogravura, distribuindo os exemplares aos corpos, naquelle prazo.»

Volvendo ao avião, um Caudron bi-motor, vimos que este pode localizar com suficiente aproximação a posição das linhas; regressa a informar o comando do batalhão; facil seria-lhe encontrar o se este tiver a precaução de mandar estender no terreno o seu pano indicativo, largo rectângulo (2 a 3 m. de lado) branco ou de cores vivas; o observador enrola o seu esboco em larga tira de panno, que um lastro qualquer conduz ao solo: a imagem graphica orienta logo o comando que, ao sabor das circunstâncias decide da oportunidade relativa ao avanço das reservas e instalação das metralhadoras. Geralmente, após a conquista das duas

primeiras linhas inimigas, as companhias de assalto organisam-se sobre elas; cumpre á de reserva ultrapassá-las; as metralhadoras aproveitam um talude, o reborde de um vallo, de uma trincheira semi destruída para se abrigarem e encetar o tiro.

Por vezes, a reacção do adversario se concentra em determinados pontos: são ilhotes de resistência, pequenos reductos, ninhos de metralhadoras que, desarmadas e desenfiadas até o assalto, surgiram no ultimo momento. Se o canhão de 37 não pode agir efficazmente, o comando destaca para as reduzir uma ou duas secções, organizadas como as anteriores. Estas antennas, como as conhece a tecnologia actual, progridem por saltos, até se approximarem e conseguirem o objectivo; frequente, porém, é a ação do pequeno canhão, cuja utilidade é incontestada, embora se lhe critique o longo esguicho de chaminás que o torna mui visível. A invisibilidade é a unica condição de escapar á convergência, intensidade e precisão dos fogos modernos. Ouvi, do general chefe do 5º Exercito, que se dignara entreter palestra sobre o assunto, achar-se em construção arma mais aperfeiçoada.

Como, de resto, não foi preciso dizer, o assalto somente é resolvido após a confirmação do trabalho util da artilharia pelas provas photographicas dos aviadores. Esta, porém, continua a sua ação fazendo preceder as vagas de assalto por um fogo destinado não só a cercar as avançadas adversas, como a impedir que sejam socorridas pelos elementos escalonados em profundidade.

A ligação entre as duas armas se faz ou por telephone, com ou sem fio, T. S. F. ou signaes luminosos; convenções estabelecidas indicam á artilharia se o dique de fogo deve ir avançando ou se convém mantel-o na mesma alça.

Existem actualmente nos diversos grupos de exercitos escolas especiaes em que são estudados todos os meios de ligação empregados no campo de batalha. Resumamol-os.

Em primeiro lugar, o telephone, que funciona geralmente bem quando o ataque logra bom exito; quando é cortado ou uma força se acha cercada, ha o recurso do pombo correio. Mas o meio de ligação mais empregado é o sem fio: o aviador que paira sobre o campo, transmite informes pela sua T. S. F.; todos os que possuem antennas — e estão neste caso os commandos da artilharia e da Divisão — podem recebel-os.

O comando do regimento dispõe de um emissor T. S. F. e de um receptor T. P. S. (telephone sem fio); o batalhão que se acha em 1ª linha transporta um emissor T. P. S., apparelhos de telegraphia optica alem de tigelinhas, foguetes e pannos de signaes. O T. P. S. é uma applicação recente, fundada no aproveitamento da terra como conductor; a base de emissão, para o batalhão, é de cerca de 50 metros de fio, sumariamente enterrado; o batalhão conduz somente o apparelho emissor (duas caixas, uma com apparelho Morse, outra com uma bateria de accumuladores, consentindo 12 horas de trabalho), porque o apparelho receptor constitue maior impedimento: é formado por tres caixas e os fios são enterrados até cem metros. A rapidez de comunicação efectuada pelos signaes Morse, alcança 14 palavras por minuto. O regimento recebe por comunicação por

(*) N. da R.: Esta observação do illustre addido, que é um competente no assunto, deve pesar bastante para que não pouquemos esforços no sentido de desenvolver o nosso serviço geographico militar.

T.P.S. e reexpede por T.F.S. mediante a sua antenna baixa (1,20). A Divisão e o commando de artilharia recebem por antenna alta (4 a 5 metros).

A telegraphia optica é concentrada em dois estojos de reduzido volume que são carregados no cinto dos especialistas; num, a pilha, noutro a lampada, cuja luz reflectida por um espelho é percebida de dia, a 4 km.

Em resumo, o batalhão no assalto pode manter-se em ligação: com o avião, por meio de pannos estendidos no solo e signaes convencionaes que aquelle transmite pela sua T.S.F.; com a artilharia mediante tigelinhas ou foguetes; com o seu commando de regimento pelo telephone sem fio; com a Divisão, empregando o telegrapho optico.

O commando de companhia marcha geralmente entre a 2^a e a 3^a vaga, proximo aos varredores de trincheiras; o seu papel não consiste mais em conduzir ou arrebatar a tropa e sim em não perder-a de vista, em modificar a disposição do assalto, de conformidade com os obstaculos encontrados, distribuir os seus homens para contra atacar ou vencer a resistencia mais tenaz em certos pontos.

Os aprovisionadores dos granadeiros transportam nos bornaes de 20 a 25 granadas; esse burnal é mais uma bolsa aevental, trazida á frente.

O schema das batalhas modernas se poderia desbuxar em tres phases caracterisadas pela accão mais intensa de cada arma. Antes de tudo, naturalmente, ha o estudo do terreno; durante os annos anteriores a 1914, esta parte fôra, até certo ponto, sacrificada em França, na Escola de Guerra: attribuia-se importancia decisiva á intensidade dos fogos. Retoma hoje o devido lugar, mui principalmente o estudo do sub-solo para a construcção dos abrigos; necessario torna-se lembrar que a protecção só é efficaz contra o 210 quando é revestida pelo menos com 5 metros de terra; as construções em concreto resistem, mas as de cimento armado se fragmentam e se desaggregam de prompto ao choque dos projectis; os vergalhões de ferro, o metal déployé, são logo despidos do elemento conjugado, com a trepidação formidável da incidencia das granadas.

Das tres phases da batalha a que acima alludimos, a primeira diz respeito á aviação, para conseguir os esclarecimentos indispensaveis, as photographias das posições adversarias, das trincheiras, das baterias a contratacar, observando simultaneamente o tiro da propria artilharia. A aviação substitue largamente, nesse papel de informante, a cavallaria de outr'ora. Desdobra-se em tres formas de actividade essenciaes. A de protecção, ou de mascara, que opera hoje a mais de 5 mil metros de altura, á qual incumbe varrer a atmosphera, estabelecendo a rede de segurança. A de informação ou aviação de commando, que pela T.S.F. assignala os movimentos inimigos, mantendo-se entre 2 a 3 mil metros, observa e corrige o tiro de artilharia. Por fim, os aviões de infantaria que poderiam assemlhar á antiga cavallaria divisionaria, effectuando a ligação entre os elementos de assalto e desendo, por vezes a 200 metros afim de metralhar o inimigo nas suas trincheiras.

A coordenação dos successivos informes, das provas photographicas demonstrando, de forma evidente e quasi palpável, a accão aniquiladora

da artilharia, fornece ao commando elementos seguros para desferir o assalto de infantaria. Mais do que nunca, a posse do terreno, a sua conquista definitiva somente é assegurada por esta arma; ao infante cumpre installar-se na posição, organisa defensivamente e repellir os contra-ataques. Somente o consegue empregando a sua ferramenta de sapa; cada homem transporta o seu utensilio, pá, picareta ou enxada, com o qual remata a conquista.

Ha, porém, um intenso trabalho previo, obscuro talvez, mas preâmbulo indispensável a qualquer offensiva. Esta é ordenada apos a reunião dos elementos necessarios, da installação das numerosas baterias de diversos calibres, do immenso aprovisionamento de munições, do abastecimento formidável de granadas e cartuchos. A condução dos canhões, o transporte do material exige excellentes vias de comunicação; e estas não podem ser limitadas ás estradas ordinarias. Necessario se torna construir vias ferreas, subdividindo-se em ramaes de bitolas menores, para vencer curvas de mais estreito raio e alcançar as 1.^{as} posições. Por mais intenso que seja o trâfego de auto-caminhões, não consegue equiparar o seu rendimento ao de uma ferrovia: a de Révigny a Souilly permitti no abastecimento de Verdun, um movimento diario de 50 trens, ou de 40 mil toneladas, equivalente ao de quasi 15 mil autos. Defrontando o inimigo no Aisne, o 6º Exercito assentou em 3 meses, 220 km. de ferrovias de 0,60 e 0,40 para o abastecimento de suas linhas, antes de iniciar a sua vitoriosa investida, que rechassou o adversario alem do Ailette.

A via ferrea não dispensa, a seu turno, a construcção continua, incessante, de numerosas estradas de rodagem, formando a maravilhosa rede que entrelaça as posições de retaguarda e permite aos autos alcançar as primeiras linhas, ou quando menos, as suas proximidades. Por toda parte, numerosas turmas de sapadores concertam, empedram, betonam, alcatroam as estradas; locomóveis compressores trituram, consolidam o balastre e rematam o macadam.

Como no tempo dos Romanos, as legiões modernas somente avançam quando religadas ás suas bases por vias de comunicação, que subsistirão através das edades, para o escoamento dos productos da paz.

Major Malan

O serviço geographico militar

As notícias que nos chegam da Europa põem em relevo a decisiva contribuição que ao desfecho das operações militares está offerecendo a cada momento esse importantissimo orgão technico.

Já tinhamos conhecimento das impressões a respeito manifestadas por officiaes nossos, actualmente em França, salientando o papel representado na presente guerra pelo Serviço Geographico entre os aliados, vindo a propósito, entre outras, as referencias que sobre este assumpto nos proporciona o Major Malan d'Angrogne, nosso addido militar, no artigo que publicamos em outro local desta Revista.

Bem interessantes deverão ser tambem os ensinamentos que advirão do grupo adverso de belligerantes, notadamente da Austria, que com

o seu modelar Instituto Geographico já se havia celebrisado antes da guerra nas applicações do methodo estereophotogrammetrico á technica militar. (1)

Accentuando, sob outro aspecto, o seu inestimável valor, como lhe acaba de reconhecer o governo francez, publicam jornaes europeus recentes que ao general Robert Bourgeois, director do «Service Géographique de l'Armée» acaba de ser conferida a alta distincção da Cruz de Guerra, na Legião de Honra, «pelas notaveis qualidades technicas reveladas desde o começo da campanha, na direcção de um serviço particularmente delicado e importantissimo, tornando-se pelo vigoroso impulso que lhe deu e pelos reconhecimentos do terreno pessoalmente levados muitas vezes até á primeira linha, um precioso auxiliar do alto commando.»

Coube agora aos Estados Unidos dar um notavel desenvolvimento a esse orgão technico militar apparelhando-o materialmente e provenindo-o de topographos especialistas que sob um treinamento apurado se destinam não só a operarem na linha de frente, tomando photographias com os recursos da aviação, como a interpretarem com criterio científico todos os informes e documentos assim colhidos.

E' digno de ser posto aqui em fóco o que a respeito da divisão do Serviço Geographico norte-americano junto ao alto commando alliedo escreveu na *Engineering New Record* Mr. Robert Tomlin, fazendo notar que, no caso, não se trata simplesmente de levantar pela photographia um terreno já detalhadamente cartographado antes e durante a guerra, mas de consignar as modificações que ocorrem continuamente em ambos os lados da linha de frente, num serviço permanente de «manutenencia de cartas.»

Logo no começo da conflagração, quando a luta passou da guerra de movimentos para a de trincheiras, as condições ficaram sendo exactamente as da guerra de sitio, de modo que houve tanta necessidade de cartas topographicas em escalas grandes que delas se tiraram avultadas edições. Este estado de cousas provocou uma ampla produção de cartas na escala de 1:20.000 que é hoje a usual nas frentes francesa, ingleza e norte-americana, cobrindo cada uma delas uma area de 20×16 km. e divididas em quadrados de 1 km. de lado.

Alem das cartas normaes que por si sós patenteiam o papel importantissimo que os levantamentos photographicos estão exercendo nas ordens de todos os commandos, ilustrando-as com cartas e diagrammas photographicos, a Divisão de Topographos está encarregada de cartas especiaes, editadas urgentemente para estudo dos estados maiores.

Vê-se que apesar de se tratar de uma região que ha mais de um seculo vem sendo detalhadamente cartographada, não se pôde prescindir da intervenção do S. Geographico para manter em dia as cartas militares destinadas á elaboração dos planos de operações geraes e parciaes.

Para os serviços cartographicos exigidos pela guerra não possuam os americanos nem organisação apropriada nem pessoal treinado militar-

mente nessa technica. Não exitou porém o governo enviar grandes turmas de topographos a praticarem entre os seus aliados, procurando attenuar com o seleccionamento dos operadores a exiguidade do tempo necessário a uma aprendisagem que pouco produz com pessoal improvisado.

Não é preciso entretanto insistirmos sobre a importância que, para a defesa nacional, vêm adquirindo cada vez mais essas organisações enfeixadas, em todos os paizes, no Serviço Geographico, para sentir-se bem como precisamos não descurar entre nós de uma instituição cuja existencia mal se começa a definir.

Move-nos o mais elevado interesse em despertar a atenção dos nossos dirigentes para que se assegure a este orgão, hoje reconhecidamente imprescindivel, o apparelhamento indispensavel ao seu pleno surto, completando-lhe o material que se faz mistér á sua acção, provendo-o de technicos recrutados com a precisa garantia em nosso corpo de officiaes e estabelecendo as relações que devem existir entre a cartographia militar e os trabalhos civis, interessando desde logo o Estado Maior nesta acção coordenadora e de muito alcance.

Tal como foi traçado com clarividencia e firmeza por um projecto oficial á disposição do Chefe do Estado Maior do Exercito em um projecto de cartographia nacional (*) o nosso Serviço Geographico, ora installado no Morro da Conceição, não se restringirá a ser uma simples comissão destinada a levantamentos geodesicos e topographicos e á sua impressão respectiva

Em seu plano geral elle abrangerá 5 Grupos de serviços, comprehendendo o primeiro os trabalhos de geodesia, astronomia, topographia, e estatística regional, revisão e manutenção de minutas e cartas topographicas; o segundo, os de estereophotogrammetria, photographia militar, topographia expedita e cartographia especial; o terceiro, a cartographia (organização de originaes cartographicos); o quarto, a edição de trabalhos cartographicos (cartas militares e trabalhos correlatos) e technica de reprodução; o quinto, a direcção technica e os serviços administrativos geraes, de ordem technica e economica.

Os serviços principaes já se acham installados nas dependencias do antigo Forte da Conceição, com organisação, porém, transitoria e deficiente.

Embora merecendo uma acção desvelada da Chefa do Estado Maior do Exercito e varios actos altamente significativos da actual administração da guerra, nosso incipiente Serviço Geographico que aliás já conta assignalados serviços na sua simples phase de organisação, exige ainda dos nossos dirigentes que se preoccupem com a sua estabilização e desenvolvimento.

Uma das questões que necessitam ser logo encaradas, alem da dotação dos recursos materiais, e da qual depende não só essa estabilidade como a idoneidade dos trabalhos executados, é incontestavelmente a do recrutamento de technicos.

Abordando esta questão como acaba de o fazer o abalizado official encarregado da organisação do Serviço junto ao Chefe do Estado Maior, vemos formulado de um modo altamente seguro delineamentos tão bem traçados que bem podem inspirar o recrutamento dos technicos em geral.

(*) Vide «A Defeza Nacional» n. 1, o trabalho do Major A. Vidal *A introdução da estereophotogrammetria no Brazil*. Ed. desta Revista 1915 e o Boletim do Estado Maior de Julho — 1916.

(*) Obr. cit. do Major A. Vidal.

Realmente, mesmo que a nossa Escola do Realengo, convenientemente apparelhada, estivesse de molde a preparar officiaes para os variados ramos da technica militar, ella não poderia ministrar senão o prelado fundamental e jamais o indispensavel tirocinio que só se adquire verdadeiramente nas commissões especiaes ou em institutos apropriados.

Para isso, entretanto, tornam-se necessarias disposições bem definidas que precisem as condições normaes a vigorarem para o recrutamento systematico dos que tenham de servir nessas commissões ou nesses institutos.

São absolutamente aleatorios os resultados até agora colhidos com a ausencia de normas pre-estabelecidas. Está neste caso, por exemplo, a Carta Geral, onde, aliás, se tem formado os melhores geodesistas e topographos que possuimos.

Particularisando as suas considerações em relação ao Serviço Geographico e preoccupado não apenas em vel-o estabilizado, mas ainda, dotado da maxima idoneidade, como o são os seus congeneres no Estrangeiro, o Major Alfredo Vidal funda as condições de exito na comprovada idoneidade technica especial dos candidatos e na manifesta vocação de cada um delles para o exercicio das variadas funções que terão de desempenhar. A estas duas condições e como de grande alcance para garantia de todo o commettimento, elle propõe se allie o estímulo a dar aos officiaes durante o periodo de prova, quando se acharem trabalhando como praticantes de topographia e photographia militar e bem assim durante o longo estagio em que permanecerem no S. Geographic como profissionaes de elite, logo que tenham demonstrado a sua plena aptidão.

No parecer deste illustre official, os officiaes que tiverem de ser admittidos como auxiliares no S. G. M. serão recrutados em qualquer arma, dentre os de posto não superior ao de capitão e que tenham no minimo um anno de serviço efectivo na tropa.

A escolha desses officiaes ficará subordinada não só á vocação que cada um allegue para as funções especiaes que desejem exercer como, principalmente, á capacidade real revelada em prova de admissão a que previamente se submettam — execução de trabalhos de campo e de gabinete necessarios á execução de questões typicas completas, mediante o emprego dos methodos e processos mais efficients.

Para assegurar a precisão dos resultados desta prova, que, alem do objectivo de definir aptidões e idoneidades terá o de dar o imprescindivel tirocinio em trabalhos de topographia militar (organização e uso de cartas expeditas) os officiaes farão um estagio de 6 meses a um anno, durante o qual os que revelarem determinadas qualidades de ordem technica especial serão incorporados ao S. G. M. e os que se não acharem nestas condições voltarão ao seio da tropa na posse de novos e valiosos conhecimentos e aptidões que aquelle tirocinio certamente lhes deverá proporcionar.

Deste estagio de admissão e das suas vantagens poderão participar tambem os officiaes de qualquer arma, principalmente os que tenham de promover a pratica de topographia militar, de estimular entre os seus camaradas a applicação a esta especie de trabalho ou de auxiliar os commandos de

Regiões militares na direcção dos levantamentos topographicos expeditos necessarios á instrucção technica.

A rigor, portanto, esse estagio não poderá em qualquer das hypotheses apresentadas, constituir um curso (no sentido vulgar do termo) mas sim o treinamento methodico em topographia expedita e photographia militar. Ali os officiaes de tropa habituar-se-ão a julgar da importancia do terreno e das cartas nas operações militares e a prepararem racionalmente todos os elementos necessarios para a execução segura de uma operação completa de topographia militar de campanha, desde os trabalhos de levantamento até os de reprodução e edição rapida das cartas expeditas, de acordo com as exigencias prementes da occasião.

O Exercito tirará directamente precioso proveito do estagio de seus officiaes neste Instituto. Alli é que os subalternos poderão se habilitarem a organizar e dirigir as equipes de topographia expedita e photographia militar que tão imprescindiveis são ás grandes unidades em operações de guerra, especialmente quando estas se tem de desenvolver em terreno ainda não cartographado. Os officiaes superiores de todas as armas ahí tambem deverão adquirir o tirocinio e a idoneidade de technica especial de que haverão de socorrer nos casos em que lhes incumba a espinhosa missão de efficientemente organisarem e pôrem em acção as *unidades de topographos militares* destacadas junto aos commandos em chefe durante as operações de guerra. E' precisamente nesse momento em que todos os cinco grupos do Serviço Geographico Militar Brasileiro especialmente os de Estereophotogrammetria, topographia expedita, photographia militar e particularmente a cartographia secreta, as operações de revisão e manutenencia de cartas — assumem a responsabilidade maxima como serviço auxiliar da mais absoluta necessidade á tropa e implicitamente evidencias a importancia das suas actividades technicas.

E' desnecessario encarecer a importancia dos trabalhos do Serviço Geographico do Exercito, de utilidade manifesta na paz e na guerra. Imprescindivel porém é que as nossas autoridades e os nossos legisladores o considerem com clarividencia e patriotismo.

SOLUÇÃO DE UM PROBLEMA

São velhissimas as queixas que desperta a ausencia de officiaes nos corpos. Velhissimas e constantes.

Não ha talvez um relatorio annual de commandante alheio ao Rio que não clame anciosamente pelos transfugas da fileira; ou não disfarce um convicio, por vezes justo, contra os collegas que «pela porta larga da protecção, escapam muito naturalmente ás imposições do dever.»⁽¹⁾

Esquecem-se, porém, os commandantes, das *interinidades* dos quartéis generaes, es-

⁽¹⁾ Relatorio da 4^a Brigada Estrategica, 1909, p. 17, Typ. do Commercio, São Gabriel.



quecendo consequentemente que as funções militares excederam sempre, entre nós, ao numero de officiaes necessarios para exercitá-las.

Era assim nos velhos tempos; assim era, ainda há pouco, após mais de tres lustros de Republica, entre cujas claridades pompeavamos a militância das rondas e das patrulhas.

Afinal organisou-se o exercito e pareceu um momento — tamanhas as esperanças em torno da obra do Marechal Hermes — que iriam conjurar-se os males oriundos daquella anomalia desalentadora. Mas creou-se, ao contrario, graças á ingerencia nociva do Congresso, o singular paradoxo do augmento dos quadros que reduz os instructores.

Cresceram as faltas. Corpos houve, como o 4.^º Regimento de Artilharia Montada, onde, mal compensando os 27 officiaes em destino, só se encontrava, prompto, um capitão. Em toda a 4.^a Brigada Estratégica — afóra os medicos, os intendentes, os veterinarios e após dez meses de vida angustiosa — numeravam-se, entre seus 225 officiaes, 165 ausentes. E na 11.^a Região era em tanta maneira notável, por aquelle tempo, a escassez dos quadros, que o 2.^º Regimento de Artilharia não dispunha de um unico 2.^º tenente; que o 6.^º de Infantaria tivera batalhões chefiados por officiaes desse posto; e a 12.^a Companhia Isolada, em cuja direcção se puzera um subalterno estranho, ficára, praticamente, sem successão de commando. (2)

Parecerá que a feição malandante dessas forças delata apenas um estado transitório, o colapso imanente ao seu periodo organico. Mas, corridos quatro annos, em 1913, o Snr. General Alberto de Abreu relata que, «como em 1912, é muito incompleto o pessoal das unidades organizadas, agora accrescidas do 2.^º Batalhão de Engenharia, aquartelado em Paranaú.

«Já o mostrei, especificando o pessoal affecto aos Quartéis Generaes; quanto aos corpos, pode ajuizar-se melhor o seu estado, attentando para o quadro infra, que mostra a diferença entre o pessoal existente e o que devêra existir. (3) E risca

um mappa em que se accusa, num total de 324, a falta de 172 officiaes.

Volve-se de novo ao Rio Grande, na intenção de saber se por lá, ao menos, as cousas melhoraram; porém o Capitão Bertholdo Klinger nos conta, sustido em dados firmemente seguros, que há, por unidade, entre oito ao acaso apontadas, a média destructora de sete officiaes em destino. (4)

* * *

Ora, ante uma situação tão anomala, que ainda dura e ameaça perdurar indefinidamente, uma medida radical impõe-se.

Comprehende-se bem que soluções parciais ou fortuitas, dependentes da vontade pessoal das autoridades, não bastem a minorar a carencia chronica de officiaes nos corpos.

Recordem-se todos os recursos praticados ou propostos — da aspera energia do Snr. General Dantas Barreto ás instruções recentemente publicadas pelo ilustre Coronel Felinto Alcino (5) — e veremos, sem esforço, que o problema, assim considerado, permaneceria, como tem permanecido, perpetuamente insolvel. (*)

Mostra-o a experencia; demonstral-oia a razão.

O ponto de partida essencial da questão tem que ser outro. Consiste, de um modo geral, em definir os quadros do exercito como a somma de duas parcelas por igual irreductiveis: a totalidade dos officiaes necessarios ás forças; e a totalidade dos officiaes necessarios ao seu commando.

Posta nestes termos, resta-lhe apenas um additivo concernente á nossa organisação politica e á moral do tempo. Porque não se pode ir de encontro ás normas constitucionaes, que toleram ao soldado o exercicio dos cargos electivos, nem se conseguiria, sem um espirito de classe esteiado na pratica das melhores virtudes militares, que sobrepuzessemos, de salto, aos nossos pequeninos interesses pessoaes, os grandes e mais nobres interesses do Exercito.

O que se requer, pois, no caso, é uma lei que lhe dê o numero integral de of-

(2) Relatorio da 11.^a Região Militar, 1/1/910, p. 17, Typ. A. Hoffmann.

(3) General Setembrino de Carvalho — Relatorio das Operações no Contestado, 1915, p. 30.

(4) 1º Tenente Bertholdo Klinger — O Interesse Pessoal e os Interesses Collectivos, 1917, ps. 12—13.

(5) A Defesa Nacional, ediç. de Junho de 1918, p. 303.

ficiaes — e cuja execução assente, de algum modo, em nosso proprio egoísmo, solidamente amparado no Poder Judiciario.

Ora, ha pouco mais de um anno, em sessão do Directorio Regional da Liga da Defesa Nacional no Paraná (16—Julho—1917), (**) o dr. João Baptista da Costa Carvalho Filho, membro daquelle Directorio, Juiz Federal desse Estado e franco entusiasta do serviço militar obrigatorio no Brazil, lançou esta formula, para logo acceita por todos os presentes.

«Indico que o Directorio Regional do Paraná, pelos meios regulares, solicite do poder publico, competente, a seguinte modificação nos moldes vigentes da legislação das classes armadas:

a) os officiaes activos do exercito e da armada ficam, dentro de cada corporação, respectivamente distribuidos por tres quadros, a saber: quadro ordinario, quadro supplementar e quadro extraordinario;

b) no primeiro quadro serão incluidos todos os officiaes activos propriamente arregimentados, de accordo com a ordem de batalha das duas corporações; no segundo, todos os officiaes activos, estrictamente necessarios aos varios serviços do exercito e da armada, tambem de accordo com a ordem de batalha das duas corporações; e, no terceiro, todos os officiaes activos que não exercitarem funções de carácter estrictamente militar;

c) os officiaes que pertencerem ao quadro extraordinario perderão no seu posto, para a promoção ao posto immediato, todo o tempo em que estiverem nelle incluidos, e não poderão, em caso algum, ser promovidos durante a sua permanencia no dito quadro.»

E', como se vê, a minuta de um projecto em que se entalham quasi todos os dados do problema. A' parte sua feição jurídica, que não discutiremos, tão bem se estriba no proprio nome que o subscreve, considerem-se, a correr, outros aspectos por igual interessantes.

Em primeiro lugar, o aprumo inflexão dos seus intuios golpeantemente impessoas. Depois, em harmonia com a lei que remodelou o exercito, a ampliação dos quadros, ainda agora em desacordo, quanto a effectivos, com as disposições em vigor. Depois, com o taxar officiaes necessarios a todos os corpos, a todos os

serviços e ao commando, a normalisação da actividade collectiva, de todo em todo inadiavel, até para esmaiar o preconceito, ainda nascente e já pernicioso, da precedencia indebita(***) do serviço na tropa sobre o serviço, evidentemente mais complexo, dos quarteis generaes. (6). E, mais que tudo, a enorme diferença, que establece, no tocante a merito para o accesso, entre os officiaes, cuja existencia se escôa no serviço militar, e os seus camaradas que por ahi andam emgrimpados nas posições brilhantemente estereis da política.

Quer parecer, todavia, que, a par dessas virtudes, a indicação encerra, como desvantagem, um augmento de despesas.

Não prejulguemos, porém. Não firmemos um conceito passível de annular-se em presença de um calculo elementarissimo. Porque a execução do projecto determinaria, de prompto, duas economias realmente compensadoras; a gratificação que pagamos ás interinidades; e a redução das ajudas de custo e dos transportes pela diminuição consequente das transfe- rencias, no futuro menos repetidas, por isso mesmo que todos os logares, em todo o exercito, se achariam, desse modo, normalmente ocupados. Considere-se ainda o soldo vitalício dos veteranos do Paraguay — despesa que tende a eliminar-se, dentro de pouco tempo, aliviando-nos de um peso morto avultadissimo. E se houver a coragem de rompermos com um sem numero de custosas inutilidades, tornando mais radicaes as suppressões intelligentes do actual ministro, disporremos logo de saldos a tal ponto vultuosos que talvez não se precise augmentar de um ceitil o orçamento da guerra.

Não as indicaremos. Seria inutil, seria mesmo irritante apontar, de passagem, sem a ajuda das demonstrações suasivas,

(6) Não se discute com anomalias. Supondo o cumprimento exacto dos regulamentos, não ha, em todo o exercito, posição mais simples que a de um subalterno prompto. E quem quer que se valha do juizo expresso da nossa lei organica, argumentaria rectamente com a disposição que manda o official reverter do supplementar para o quadro ordinario «quando não satisfizer as condições de capacidade e idoneidade, exigidas pelo regulamento, para o exercicio da função que lhe tenha sido confiada.» (Dec. n. 11.497, art. 25, § 5, ali. e.) Quer dizer: além da capacidade de instructor supposta em todos os officiaes do exercito, requerem-se no quadro supplementar outros requisitos que a lei julga dispensaveis para o serviço na tropa.

desacertos, ou antigas inutilidades, a que a tradição ainda empresta a resistência passiva das alavancas.

Ha vicios que reclamam, para serem extirpados, não já apenas a dissecação das analyses minuciosas, mas o repiso insistente das discussões aturadas.

Não presentis o clamor que espertaria, por exemplo, a extinção das musicas militares?

*
* *

Concluamos. Mas accentuemos que a indicação do dr. Costa Carvalho, a despeito de vistas tão syntheticas, não exclue, antes requer mais alguns additivos, que a completem.

Acodem-me, em primeira linha: um relativo á situação dos officiaes licenciados por doença, para cujo afastamento temporario «A Defesa Nacional» já sugeriu um esplendido alvitre⁽¹⁾; e outro que ampare o accesso, em todos os postos, tornando-o, pela instituição do concurso, mais autonomo e menos sujeito a possíveis iniquidades.

1º Tenente *Daltro Filho*.

(1) A Defesa Nacional, n. 55, p. 203.

NOTAS DA REDAÇÃO

(*) Estamos convencidos, á evidencia, de que com *energia* e com o processo da *rotação* é possivel — sem nenhuma lei especial — como excellente solução de momento, uma distribuição equitativa dos officiaes pela tropa.

(**) Consideramos de grande importancia e oportunidade uma lei de quadros. Em principio do anno de 1917 um dos nossos redactores organizou um projecto fazendo a distribuição dos officiaes por tres quadros com as mesmas denominações citadas no presente artigo e com fins semelhantes. A denominação de quadro extraordinario foi proposta por um dos nossos generaes e o projecto a que nos referimos, já organizado em Junho, como se lê na pg. 20 do n.º 49 d'A Defesa Nacional, deu lugar a esta publicação, á inserta no n.º 48, pg. 44 e a 1.ª das bases da lei provisoria de promoções, publicadas na pg. 421 do n.º 48 desta revista, em artigo do nosso illustrado collaborador 1.º tenente Rodolpho Villanova Machado.

(***) *Modus in Rebus*. — Não devemos discutir com anomalias nem com exceções. Em tais casos, as condições do meio devem constituir factor preponderante e entre nós o espirito militar recem começa a surgir e a prometter bellos fructos. A precedencia do serviço na tropa será indebita quando este fôr considerado pela quantidade e em detrimento de officiaes que já demonstraram ter as qualidades fundamentaes para instruir, commandar e conhecer a tropa, isto é, quando outros conhecimentos de valor

e outras qualidades até indispensaveis em certos postos, forem systematicamente despresadas para realçar o official que só tem serviços na tropa, ás vezes de utilidade discutivel ou em consequencia de não poder prestar outros. Esta precedencia indebita, não é preciso lei para evitá-la, basta o criterio da commissão de promoções. Quando a precedencia se institua porque de uns se conhecem *qualidades militares* e de outros se sabe apenas serem *cidadãos* honestos, intelligentes e trabalhadores, achamol-a perfeitamente justa pelo mesmo motivo que não aplaudimos a distribuição de postos por todos os cidadãos que só tiverem estas qualidades.

Os quarteis generaes existem, como todos os outros serviços, por mais complexos que sejam, em consequencia da necessidade de articular a tropa e mantel-a nas melhores condições, sendo que muitos são parte inherente della. O Estado Maior do Exercito e os quarteis generaes de Divisão e Brigada devem viver na maior intimidade com as necessidades e os progressos da tropa e della não são mais do que uma parte especial. Por isso mesmo esses quarteis generaes só devem ser constituídos com officiaes que conheçam perfeitamente a tropa em todas as situações e que nella fluctuaram pelas suas qualidades militares.

Para os especialistas em fabrico e exame do material de guerra, em construções militares e no ensino de assumptos que não constituem especialidade militar, constiuia-se quadro especial, com as vantagens inherentes á importancia relativa dos seus serviços, mas não se perturbe a selecção e o indispensavel treinamento dos educadores das massas de soldados, dos condutores de homens para a victoria, dos que devem saber pedir aos especialistas e dos que precisam saber empregar a vida e o sangue dos nossos patricios.

E' muito justo que, em certos postos, atendendo á exigencia dos quadros e ás consequencias funestas da precedencia indebita dos soldados de annel, seja dispensado o serviço arregimentado ou, como tal considerado o de certos quarteis generaes; mas isto transitoriamente, enquanto não tivermos uma lei de quadros, que amplie o campo para recrutamento de todos os serviços.

Conhecemos a bôa intenção do nosso prezado collaborador e amigo; mas não nos dispensamos de esclarecer-a porque seria pernicioso dar ensanchas a que os cavadores justifiquem mil exceções e tentem desviar a corrente salutar que está formando um valioso contingente de officiaes modernos.

Quaesquer que sejam as consequencias do exagero decorrente da precedencia do serviço na tropa com relação aos que nunca a conheceram, ellas serão sempre insignificantes em presença das oriundas do preconceito doutoral, pretençoso e improdutivo, que não formou um só especialista de destaque real e nos legou a literatura e os costumes militares que bem conhecemos.

Ao mesmo tempo que todo official precisa servir na tropa em diferentes postos, a tropa tambem precisa, para o seu progresso, o valioso contingente dos officiaes de elite que serviram ou servem nos quarteis generaes.

A doutrina de guerra e o Estado-Maior

Em breves palavras de nosso artigo anterior mostrámos a necessidade absoluta de ser instituída afinal a doutrina de guerra nacional, como solução geral de todo o problema militar no exercito e na armada.

Não precisámos demonstrar que essa concepção só pode resultar da conjugação systematica de esforços de ambos os estados maiores, de terra e mar — sem o que não se comprehende a possibilidade de chegar-se, neste e naquelle orgão de preparação, a um mesmo resultado. Entre nós, mais do que em qualquer outro paiz, uma tal coordenação de esforços impõe-se como consequencia directa, dentre outras causas, de nossa situação geographica toda especial.

Vamos provar nosso asserto através de um só exemplo para não alongar a exposição synthetica a que nos propomos. Seja a concentração.

Supondo feita a mobilisação de nossas unidades, em todo o paiz, isto é, a passagem rapida do pé de paz para o de guerra, devem elles iniciar in continenti as marchas de concentração que consistem, como se sabe, em condensal-as no theatro das operações. Quer se projecte uma tal reunião no Norte, no Centro ou no Sul do paiz, sua execução exige, preliminarmente :primeiro, a liberdade do mar; segundo, meios materiaes de execução, isto é, recursos de transporte e de protecção. Por essa só consideração já se deprehende nitidamente que a operação presupõe a acção conjuncta dos exercitos de terra e mar: nossa concentração é de ordem mixta: transportes terrestres e transportes marítimos.

Nos outros paizes a questão da segurança dos transportes é confiada quasi exclusivamente á cavallaria independente ou de cobertura estrategica, no maximo apoiada pelos elementos das outras armas mobilisadas ás immediações da propria zona de concentração. Entre nós, porém, a questão é mais ampla, exigindo, ao mesmo tempo: inviolabilidade das fronteiras terrestres; liberdade no mar. Aquella só pode ser obtida á custa das brigadas de cavallaria independente, auxiliadas pelas demais forças do proprio theatro da guerra; esta a custa de nossas forças marítimas. Em vista da feição

toda especial de que se reveste, pois, o conjunto de taes operações, é logico, segundo se nos afigura, que as operações inherentes á concentração só podem ser estudadas com o concurso dos dous grandes estados maiores, do exercito e da marinha. Só depois d'um entendimento methodico desses dous orgãos é que será possível a elaboração systematica das leis e regulamentos indispensaveis á realização do plano correspondente. Si não procedermos por essa forma, nada teremos feito de pratico e efficiente, condemnados, portanto, a agir tumultuariamente e de afogadilho, á ultima hora, como é nosso vaso infelizmente.

Como essa questão, muitas outras podéramos invocar, si quizessemos demonstrar cabalmente a necessidade inelutável da conjugação de esforços que nos occupa.

Ora, sendo assim, é logico que a instituição da doutrina de guerra nacional, quer se a considere no ponto de vista organico ou dynamico, si nos relevam a expressão, só pode resultar do estudo aprofundado de nosso problema militar, encarado simultaneamente por ambos os aspectos: terrestre e marítimo.

Nós sabemos que, comprehendendo precisamente uma tal necessidade, nosso E. M. tem procurado *particularmente* estabelecer, em certas questões, o contacto de que precisa, para a melhor solução d'ellas — o que é louvável e mostra suas bôas tendencias. Mas essa harmonia de esforços deve ser assegurada em lei, garantida pela organisação d'ambos os departamentos, definida em seus regulamentos respectivos — de modo que elles conheçam a maneira como deverão agir e a natureza das questões em que a cooperação se impõe irrevogavelmente.

Questões de tal relevancia não devem ficar ao arbitrio desta ou d'aquelle autoridade, por mais idoneas que se as reputem; carecem de ser expressas em lei.

Admittindo, porém, que essa dupla corrente venha a estabelecer-se deste ou daquelle modo (*) e que a preparação e conducta de guerra consigam firmar suas bases entre as forças do continente e do mar, decorre, ainda, a necessidade de regulamental-as, divulgando-as pelos orgãos sobre os quaes devam incidir, assegurando, emfim, sua effectiva realização.

(*) N. da R. — O autor baseia-se na legislação vigente onde não ha obrigação explicita de estabelecer qualquer entendimento.

Assentados os principios geraes communs a cada um dos grandes estados maiores de terra e mar resultará então uma tarefa especial para cada um.

Mas, para o desempenho destas o que é indispensavel é que se os dote da autoridade e dos recursos que lhe permittam o exercicio de sua função, em toda a sua integridade.

Vejamos, porém, como as cousas se passam na realidade. Deixando de margem a outra face da questão, tratemos só de nosso E. M. analysando, d'um lado, as mingoadas attribuições a que as leis o obrigam e, de outro, os ainda mais mingoados meios que lhe facultam para o fiel cumprimento d'ellas.

O art.º 6.º da remodelação do E. M. (lei de 25 de Fevereiro de 1915) diz: «ao E. M. E, como orgão essencial do alto Com.º, *organisador de suas creações*, cabe auxiliar-o na constatação das necessidades que decorrem *dessas creações*, na fixação dos elementos precisos para satisfação *dessas necessidades* e na determinação da oportunidade para o emprego *aesses elementos*». Ora, essa disposição de lei restringe e, pode-se dizer sem medo de errar, amputa, entre nós, a função capital e preponderante do E. M. Em todos os exercitos bem constituidos, o estudo e organisação da doutrina de guerra e tudo o mais que d'ella decorre compete, privativa e exclusivamente, ao grande E. M. E. Este orgão é o responsável, em toda parte, pela organisação e preparação do E. para a guerra, dentro da doutrina que tiver firmado — *criação essencialmente sua* — fructo de um estudo prolongado do problema militar de cada paiz. A função que o art.º 6.º atribue ao E. M. compete ao E. M. do E. em campanhá, cuja missão é diversa da do de paz — cumprindo áquelle agir dentro da vontade do com.º supremo, preparando e *organisando suas creações*, visto como o com.º, neste caso, é o unico responsável, perante a Nação, pelo resultado das operações. O mesmo, porém, já não se dá com.º orgão de que nos occupamos e tanto isso é exacto que o proprio art.º 6.º, em seu § 3.º, estabelece: «Ao E. M. E. compete, durante a paz, o estudo dos elementos necessarios á defesa nacional, o cuidado constante pelo progresso da instrucção das

forças, para o que seu chefe tem acção(*) sobre as Tropas e Serviços». Mais adiante, porém, o mesmo § estabelece que as providencias decorrentes do exercicio dessa atribuição serão submettidas á apreciação do Alto Com.º, por intermedio do Ministro, que as mandará executar, quando approvadas.

Ora, o com.º supremo das forças de terra e mar competindo ao Presidente da Republica, á apreciação d'esta autoridade é que, pela disposição citada, devem ser submettidas as providencias, os planos, todos os trabalhos, emfim, do E. M., por intermedio do M. da G. Ficam, portanto, todos os trabalhos do E. M., pela lei, sujeitos ao estudo, apreciação e approvação do Presidente da Republica. Não é preciso entender muito de organisação da guerra para comprehender-se que uma tal subordinação pecca pela base, por melhores que sejam as intenções e o preparo da mais alta autoridade da Nação, em assumptos desta natureza. Nem o chefe da Nação desejará uma tal responsabilidade, nem o E. M. devêra, pelos seus fins e natureza de suas funções, subordinar-se a esse controle que é, como se vê, ilogico e inadmissivel.

O chefe do E. M. não deve ser absoluto em sua conducta: mesmo na paz é natural que se conduza de harmonia com os demais poderes da Nação. Mas o que é preciso — o que se impõe, como principio, é que elle e seu departamento adquiram a necessaria liberdade no exercicio privativo de sua incumbencia organica.

Dentro d'ella, é claro que se o devêra armar de todos os meios, recursos e autoridade, para poder haver-se com a penosa tarefa. O contrario seria exigir-lhe pela lei o que não lhe fôra possivel fazer na realidade. Infelizmente, porém, é justamente o que se dá entre nós: o E. M. do E., pela organisação actual, recebe em parte uma incumbencia que não pode absolutamente desempenhar, pela deficiencia dos indispensaveis meios para esse fim.

Elle aborda, é verdade, consoante a função que reputa lhe competir, todas as questões que lhe devem ser affectas, estudando-as e projectando-as, na medida de suas forças e capacidade. Mas o exer-

(*) N. da R. — E' tão erroneo o juizo corrente, entre nós, sobre o E. M. E., que até hoje se discute essa «acção» e se põe em duvida a vantagem decorrente.

cito não precisa só de quem lhe estude as questões: isso é indispensavel mas é preliminar. O de que elle carece, afinal, é tornar effectivas e reaes suas deliberações, dentro de seu programma, imprimindo ao complexo organismo por cuja vida, progresso e efficiencia é responsavel, suas directrizes geraes, de modo que elle resulte o producto exacto de sua concepção, e se conduza em tudo, na paz e na guerra, de conformidade com as theorias que tiver instituido, desde as mais geraes até as mais detalhadas.

Mas é justamente essa liberdade de accão que lhe fallece, é uma tal autoridade que se lhe furta; de sorte que o nosso E. M. caracterisa-se como si fôra um orgão platonico, quando exactamente devera possuir attributos executivos, praticos e simples.

Ora, esse ideal só poderá ser effectivamente attingido quando sobre elle recair a investidura de com.^o supremo, das forças do Eexrcito e elle puder, alem disso, ser ouvido e devidamente acatado pelo Congresso Nacional.

E' quasi incrivel que entre nós o E. M. E. encontre os principaes tropeços, no exercicio de suas funcções, na propria organisação do exercito, como vimos, e no poder legislativo, justamente o orgão que tinha por dever politico, ir ao encontro de seus ideaes e de suas naturaes tendencias. E' verdade, e isto convém ficar bem claro, que taes embaraços decorrem apenas do feitio organico em que se enquadram suas relações, e não de má vontade ou de qualquer outro motivo que não existe. Nem se poderia, de resto, comprehender fosse o departamento de guerra por excellencia, conscientemente hostilizado pelos elementos que devem concorrer para facilitar sua tarefa patriotica. Não; o facto resulta tão só da organisação, que é defeituosa e carece, portanto, de novos moldes. Para melhor nos fazermos entender, mostremos, syntheticamente, de um lado, o que se passa e, d'outro, como as cousas deveriam conduzir-se. Nossa pequeno exercito resente-se de uma serie de deficiencias organicas que precisam ser saídas, custe o que custar. Ora, o E. M., estudando-as cuidadosamente, afim de bem inteirar-se de nossa situação militar, confronta, em seguida, a defesa de que dispomos com a defesa que devíamos posuir — consoante a solução geral de nosso problema militar — e chega á conclusão

exacta do que lhe cumpre fazer para que ella corresponda, afinal, aos elevados fins para que foi creada. Todas essas providencias, porém, sejam elas de grande envergadura ou questões de detalhe minimo, enquadram-se harmonicamente dentro de seu programma, são consequencias de uma só concepção geral que não pode ser alterada, sob pretexto algum, si não se quiser sacrificar a doutrina estabelecida, traductora de nossa situação e necessidades militares.

Ora, o conjunto dessas providencias systematicas, estudadas originariamente no E. M., constitue um corpo doutrinario homogeneo mas que só pode ser executado por partes, successivamente e, n'estas condições, é absolutamente indispensavel que o seja por um só orgão, por uma só autoridade — unica responsavel pela elaboração. O contrario é a anarchia, a amputação do systema, que se desvirtúa e desequilibra, desfazendo-se no que desgraçadamente nos ocorre, transformado como se acha o exercito em victima infeliz de uma multidão de idéas, que podem nascer das melhores intenções, mas, por serem disjunctas, discrepantes, contraditorias, resultam inaptas á elaboração constructora que se tem em vista attingir. Para d'uma vez sairmos desse lamentavel estado de cousas, só vemos uma solução, em que pese ás opiniões em contrario: é atribuir ao E. M. E. a dupla tarefa de concepção e execução prompta, directa e facil. Em outras palavras: *funcção de preparação* e consequente *funcção de comando*.

O art.^o 48, § 3.^o e 4.^o de nossa carta politica, attribue, privativamente, ao Presidente da Republica, a função de Com.^o Supremo do Exercito, dando-lhe a faculdade de delegal-o, em caso de guerra, em quem deva e possa exercel-o. Mas nós sabemos que o chefe da nação, apesar da capacidade que possa ter, não está no geral nas melhores condições de exercer essa complexa e especial incumbencia, de sorte que, não só na guerra, essa autoridade delega normal e commummente sua investidura constitucional: durante a paz ella recae na pessoa do Ministro que, por essa razão, sobrecarrega a pesada tarefa a que a lei já o obriga com mais esta outra — a do com.^o supremo. De sorte que o Ministro vê-se na contingencia, por certo, penosa, de accumular as altas funcções da administração com as pertinentes ao

com.^o supremo das forças de terra. Não só uma tal conjugação de funções traz como resultado, não lhe ser possível, como convém, o cabal desempenho de ambas, dada a extensão própria de cada uma, como pôde succeder recairem novamente sobre uma autoridade civil — no caso que pode ocorrer (pois a lei o permite) de ser escolhido *um civil* para dirigir a pasta da guerra. Ora, essa occorrença não se dará jamais com o chefe do grande estado maior, o qual, já pela capacidade que deve possuir, como consequência de sua eleição, já pela posição que ocupa junto ao importante órgão que preside, está em situação muito mais propicia para receber e exercer a delegação do com.^o supremo, feita pela mais alta autoridade da República.

De resto, essa doutrina, por um lado, não contraria a função característica do E. M. no tempo de paz e, por outro, não obriga ao Presidente da República a mantê-lo, decretada a guerra, no exercício do com.^o supremo e de chefe do E. M. ou das forças agindo na zona das operações. Neste caso, assentado, que esteja, como é justo e natural, que o chefe do E. M. de paz continue no com.^o supremo das forças em operações, seu sub-chefe pode assumir o exercício daquelas funções — escolhendo-se uma terceira patente, em condições de idoneidade, para este último cargo e isso porque, como se sabe, as funções próprias do E. de campanha não são as mesmas do tempo de paz. Neste não há inconveniente (só vemos vantagem) em ser o seu chefe o próprio com.^o supremo: aquelas duas funções são quasi inacumuláveis attendendo ás graves e extensas responsabilidades que pessam, ao mesmo tempo, sobre uma e outra autoridade. O E. M. na paz tem, como vimos, por função preponderante e capital a organização e preparação das tropas para a guerra ao passo que ao órgão congenere das forças em operações incumbe, muito differentemente, preparar as decisões do com.^o, informando-lhe minuciosamente sobre tudo o que diz respeito: á situação do inimigo, das próprias tropas e do teatro de operações, a todo instante, de modo que elle possa deliberar; assente que esteja sua resolução, em face da situação geral, incumbe-lhe traduzir seu pensamento em ordens, encaminhando-as pelos trâmites próprios e assegurando emfim a sua fiel execução.

Como se vê; as funções do com.^o e do grande estado maior são muito diversas na paz e na guerra — razão pela qual — o chefe do E. M. na paz pôde e deve ser o próprio com.^o supremo do exército, enquanto que na guerra ditas funções não podem absolutamente se superpor, distintas e inconfundíveis como são.

Sob qualquer aspecto que se encare portanto a questão, resulta sempre a vantagem proeminente de ser confiado ao chefe do E. M. a função de com.^o superior do Exército, si quizermos que esse órgão possa, entre nós, resolver o problema que lhe compete mas a lei lhe sonegou e bem assim, os meios de que carece para o desempenho de sua espinhosa e complexa função.

Rio, 16. 9. 918.

1º Tte. de Art. *Sylvio Scheleter.*

Instrução prática da companhia de infantaria nos trabalhos de sapa

Pelo coronel Francisco Emílio Julien

(Continuação)

Alem desses trabalhos de que acabamos de tratar e que se referem á sapa propriamente dita, encontram-se ainda outros no R. S. S., que também devem ser executados pela infantaria, sem o auxilio de ferramenta especial e da arma de engenharia.

Mas, aquelles que ella, de modo algum, puder executar com perfeição e por completo, deverão ser apresentados ao pessoal, ao qual se explicará o fim a que se destinam e a maneira como devem ser executados.

Entre os trabalhos que a infantaria deverá saber executar citaremos: reparação de caminhos, construção de caminhos de columna e travessia de terreno alagadiço, devendo a instrução ser dada, como sempre, por esquadra.

Na «reparação de caminhos», (*) deve-se attender a que a remoção de pequenas elevações no leito da estrada, por meio de seu corte com a pá, etc., é muitas vezes mais prejudicial do que útil.

As aguas do leito devem ser escoadas sempre para os lados e o melhor meio de fazer secar o leito consiste em limpar e aprofundar as valletas, ou na ausencia dellas, fazel-as.

Os trilhos profundos, deixados pelas rodas de veículos, serão entulhados, quando em terreno consistente, com a propria terra saliente nas bordas, e quando em terreno molle, com pedras, cascalho, coke, paus, etc., mas, somente depois de escoada a agua do trilho; nunca se deve empregar terra. Do mesmo modo como se procede no entulho dos trilhos, deve-se proceder quando se tratar de buracos nas estradas, o que não ex-

(*) Vide «A Defesa Nacional» n. 7.

clue a sua cobertura com pranchões, dormentes, folhas de portas e janellas.

Os trabalhos a executar nos «caminhos de columna» consistem em aplanar o terreno ou em entulhar vallas e outras depressões por meio de terra, pedras, fachinas, em estivar os logares molles por meio de taboas, portas, portões ou fachinas, completar o estrado de pontes e em entulhar vallas de estradas calçadas.

Nas vãos a esquadra deve exercitar-se em colocar varas, mourões, estendendo ahi cordas, e em fixar corpos fluctuantes, tudo isso com o fim de assignalar a direcção do vão.

Na travessia de terreno alagadiço, de fundo consistente, deve ella saber escolher os paus e aproveitar os ramos, como esses cortados no matto, afim de lhe permittirem passar do terreno firme de um lado para o do outro. Do mesmo modo praticará, para o mesmo fim, com o emprego de escadas e taboas que encontrar.

Em terreno alagadiço, cujo fundo não fôr consistente, a infantaria rarissimas vezes poderá executar esses trabalhos sem o auxilio da arma de engenharia. Entretanto, deve-se mostrar á esquadra o emprego a fazer dos meios improvisados, taes como, dos caixilhos de taboas, folhas de portas, portões e janellas, bem como de faixas de lona estendidas sobre taboas, de tramoto de arame etc. A construção de lanços de estrados, apresentados nas figs. 2 e 6, R. S. S., incumbe á arma de engenharia.

A esquadra deve saber quaes os trabalhos que se exigem na organização defensiva de edifícios, granjas, localidades e bosques, quer se achem em pontos isolados, fóra, quer na propria linha da posição ocupada pela infantaria, e deve exercitar-se na sua execução, de modo que toda a companhia possa encarregar-se dessa organização.

Assim, na consolidação dos muros, a esquadra terá de cavar um fosso ou amontoar terra, feixes de arbustos, caixões etc., atraç delles, afim de obter rapidamente a altura necessaria para apoiar o fuzil para o tiro. E, si por motivo de escassez de tempo, não obtiver esse apoio, poderá ella recorrer a moveis e outros objectos semelhantes que encontrar pela vizinhança. Quando a altura do muro fôr muito grande, deve a esquadra construir um andaime, tal como mostra a fig. 150, R. S. S., e praticar no muro seteiras na altura de um homem, afim de fazer fogos por «andares». Todas as vezes que se offerecer oportunidade, deverá ella exercitar-se na execução desses trabalhos, oportunidade que lhe offerecerá a demolição de edifícios, porque, si é facil mostral-os sobre o papel, muita dificuldade ella encontrará quando tiver de executal-os, o que, alem disso, exigirá muito tempo.

Em qualquer caso, deve-se reflectir si a esquadra deverá executar os trabalhos primeiramente em toda a extensão do muro ou apenas em um ponto afim de ahi poder collocar alguns atiradores.

O muro deverá ser reforçado do lado voltado para o inimigo, amontoando-se contra elle a terra retirada do fosso cavado ao longo delle, e se deve ter cuidado de cortar leivas para collocal-as sobre o muro afim de evitar os estilhaços produzidos pelos projectis. Convém tambem formar seteiras com saccos de terra, collocando-os sobre o muro.

«Cercas vivas» junto ás trincheiras são preju-

diciaes em vista dos ricochetes, cambalhotas do projectil, que produzem os galhos, e da dificuldade que offerecem as suas raizes aos trabalhos com a pá. Em casos especiaes, poderão servir de mascaramento ou de obstaculos, estendendo-se, para esse fim, arame farpado entre os galhos. As «cercas de taboas» devem ser demolidas e seu material empregado para as obras na trincheira. Immediatamente atraç de uma cerca de taboas pôde-se, entretanto, construir uma trincheira, subtrahindo-a assim ás vistas do inimigo. Quando as taboas estiverem collocadas horizontalmente, retirar-se-ão as que se acham na altura do apoio do fuzil; si em pé, far-se-á uma seteira na que ficar na frente de cada atirador, mas, isso exigirá numerosos serrotes e muito tempo. Convém, porém, lembrar que uma cerca assim organizada, facilita a pontaria do adversario, offerecendo além disso uma cobertura imperfeita ao atirador.

O mesmo perigo que offerecem as cercas vivas apresentam tambem as grades de ferro, collocadas imediatamente na frente das trincheiras, servindo, porém, tambem de obstaculos si elles se acharem a uma distancia conveniente. Quando forem pouco altas, poderão servir tambem de revestimento interior ou exterior do parapeito, depois de cobertas com colchões, cobertores e ramos.

A organização da «defeza de edifícios» constitue um assumpto de exercicio ou ensino que merece especial attenção. Com a permissão previa do proprietario poder-se-ia aproveitar a demolição de edifícios para certos exercicios desse genero que tambem poderiam ser realizados nos edifícios recem construidos, pois, os homens que não tiverem realizado, mostrarão uma falta de habilidade incrivel, e os seus commandantes inferiores não saberão que trabalhos deverão ser executados e como deverão distribuilos.

Nesses exercicios tambem se deve começar por partes:

Nos portões ou nas portas amontoar-se-á terra externamente, como mostra a fig 151, R. S. S., ou então construir-se-á internamente um caixão sufficientemente largo que será cheio de cascalho, fragmentos de pedras ou tijolos, como mostra a fig. 152, R. S. S. Depois praticam-se nas taboas as seteiras e logo abajo dellas e sobre esse enchimento estende-se uma taboa destinada ao apoio do fuzil, e acima dellas pêga-se uma taboa de assoalho. Mas, antes de tudo isso, deve-se fechar, internamente, o portão ou a porta com a chave ou o ferrolho e retirar os ferrolhos exteriores. Pôde tambem haver conveniencia em remover os degraus que conduzirem ás portas exteriores.

As janellas serão organizadas de modo que os atiradores possam atirar de joelho, por cima do peitoril, sendo, porém, necessário considerar qual o menor numero de atiradores disponivel e qual o maior que possa ser empregado. Como a parede da janella, em geral, tem uma espessura menor do que as outras, nem sempre ella offerecerá protecção sufficiente, devendo-se então reforçal-a como os portões ou as portas, ou ainda por meio de moveis, taes como armarios etc., convenientemente preparados e cheios de materiais adequados; pôde-se tambem empregar para o mesmo fim saccos de cereaes etc. ou de terra. O peitoril tambem deve ser reparado para o tiro obliquio a cavalleiro, convindo que se tapem

os vãos das janellas com pannos, reposieiros, afim de occultar os atiradores.

Finalmente ainda se deve mostrar aos atiradores como se preparam as trapeiras, alçapões, nos telhados para se prestarem ao fogo na posição de deitado, alem disso como se praticam cremalheiras afim de aumentar o numero de fuzis no fogo, e como se rompem o forro e o soalho para o tiro de alto para baixo, finalmente como se atravancam as escadas e portas que não se prestarem a fins especiaes de defeza. Quando se organisa a defeza nos galpões, celeiros, estabulos etc., deve-se attender a que hoje em dia as paredes de pao a pique, tabiques, não offerecem grande resistencia e protecção.

Na organisação da «defeza das florestas», convém mostrar á esquadra a difficultade que o terreno enraizado offerece na excavação e o extraordinario augmento de tempo que dahi resulta para os trabalhos.

Si a natureza da floresta o permittir, pôde-se augmentar o poder defensivo de uma trincheira dentro da orla, por meio de abatizes, em cujo caso proceder-se-á do modo seguinte:

As arvores da orla não serão cortadas, ao passo que aquellas que se acharem na linha de defeza, serão apenas dobradas e deitadas com a copa voltada para o lado inimigo, de modo que o tronco continua prezo á raiz. Entre estas arvores deitam-se do mesmo modo aquellas que se cortarão na frente e atraç da linha de defeza. Com estas arvores não se poderá formar mais de duas camadas, visto como prejudicarão o campo de tiro, mas, entre elles ainda se poderá intercalar outras menores e galhos bem comprimidos.

Só depois disso poderá começar o trabalho da pá para a excavação de uma trincheira de atiradores ajoelhados. A terra proveniente da excavação não deve ser espalhada a esmo sobre as arvores cortadas, mas, reunida nas extremidades dos troncos, e depositada entre elles e atraç delles. O parapeito deve ser igual ao construído em campo aberto, mas, si mais tarde se tiver de augmentar a sua altura acima daquella que ocupam as arvores deitadas, o que será de toda conveniencia para impedir que os projectis possam inverter-se ao baterem nos galhos, deve-se ter a precaução de mascarar a crista por meio de capim, musgo, ramos, etc.

Quando se quizer aproveitar madeiras cortadas e falsoquejadas, deve-se primeiramente arrastal-as para a linha de fogo presumivel, e depois empilhal-as convenientemente, para empregal-as como foi mostrado na parte precedente (A Defeza Nacional N. 58, pag. 315).

Sendo insufficiente o pessoal da secção de sapadores da companhia para a construcção de obras de defeza accessorias, haverá necessidade de exercitar-se nesses trabalhos o maior numero possivel de homens.

Exigindo «as obras de defeza accessorias» pessoal numeroso, e, podendo ser insufficiente o das secções de sapadores para a construcção desses obstaculos, haverá necessidade de instruir nesses trabalhos todos os homens da companhia.

Entre outras citaremos «as obras de arame liso ou farpado», que pôdem ser simples ou reforçadas. Na construcção daquellas não se observa uma certa regularidade no seu estabelecimento, estendendo-se os fios em todos os sen-

tidos e á altura de 0,10 m a 0,50 m acima do solo, presos em mourões fortes, fincados no solo. Quanto á construcção das outras, formam-se diversas linhas de mourões de 1,50 m a 2,00 m de comprimento e de 0,08 m a 0,10 m de espessura e fincados profundamente no solo, de modo a que apresentam alturas diferentes, convindo que, para isso, os trabalhadores se coloquem sobre caixões etc., afim de poderem dar golpes mais fortes sobre o topo dos mourões. A distancia entre os mourões deve variar, sendo ella no maximo de 2 m. Collocados assim os mourões estende-se um fio de arame de 5 mm de espessura do pé dos mourões de uma linha ao topo dos da linha immediata e além disso ligam-se entre si, á altura de uma mão acima do solo, os mourões de cada linha, empregando-se o mesmo fio. Depois disso trama-se entre esses fios e os mourões um fio mais fino, formando uma especie de rede com malhas de 0,50 m a 0,70 de largura, e, finalmente, estende-se em todos os sentidos fios de arame farpado. Prendem-se os fios de arame aos mourões por meio de grampos, feitos com pedaços de arame, ou passando-os em volto dos mourões. Os fios de arame devem ser estendidos um pouco frouxamente e não devem ser amarrados entre si no seu cruzamento.

«Os abatizes» difficilmente poderão ser construídos em tempo de paz; com o fim de instruir a infantaria, durante os exercícios da guarnição, nessa especie de obras de defeza accessorias, porque exigiria a derrubada de arvores grandes; de modo que essa instrucção só poderá ser dada no proprio local em que se realizarem manobras. Elles estarão deitados ou em pé, sendo construídos de acordo com as fig. 159 e 160. R. S. S., nas quaes se deve chamar a attenção para os «ganchos» dos galhos que prendem as arvores ao solo. Os galhos que constituem os abatizes são ligados entre si por meio de fios de arame farpado, estendidos em todos os sentidos.

Ha ainda os «ouriços», os «cavallos de frisa» e, finalmente as «boccas de lobo», cuja construcção nenhuma difficultade offerecerá, bastando explicar aos homens a execução desses trabalhos para que estejam aptos a executal-os na guerra.

* * *

Tratemos agora da «remoção e destruição dos obstaculos» bem como dos «meios de atraves-sal-los».

A instrucção nesses trabalhos apresenta o grande inconveniente de causar desperdicio e inutilisacão de muito material, por cuja razão ella deverá ser dada em parte verbalmente.

Na execução exercitar-se-á os homens nos trabalhos seguintes:

«Preparo e manejo de grandes alavancas de pau»; «emprego conveniente das thezouras de cortar os fios de arame», devendo prestar-se attenção particular á posição da thezoura em relação ao fio, que deve estar bem aberta e normal ao fio applicado contra o vertice do angulo por ella formado; corta-se o fio junto a todos mourões, que serão arrancados, ou apenas os fios entre duas linhas de mourões transversaes que são afrouxados para serem depois arrancados e removidos conjunctamente com os fios, formando-se assim um «corredor».

«Meios de atravesar os obstaculos de arame»;

empregando-se taboas, escadas, colchões, etc., colocados sobre elles; meios de atravessar «bocas de lobo», empregando-se feixes de palha, feno, etc., e escadas sobre as quaes se atam taboas, etc.

Ha ainda a considerar o preparo do terreno que fica alem das obras de defeza accessorias, mas, esse trabalho exige apenas a presenca dos homens no terreno afim de lhes serem explicados os trabalhos ahi para cada caso especial, sem haver necessidade de se exercitarem na sua execucao; elles consistiriam na remoção de triges, cercas vivas, muros e valles e na derrubada de arvores isoladas e na limpeza de florestas.

Na remoção de triges far-se-ia marchar sobre elles os homens o que, porém, exigiria batalhões inteiros não acontecendo o mesmo si fossem empregados homens peritos no manejo da foice e do gadanho.

Os valles e aterros seriam inutilizados em prejuizo do atacante, cortando-se o talude voltado para o defensor; as cercas vivas que, como é sabido, nenhum abrigo offerecem contra o tiro, só seriam derrubadas si o tempo e o trabalho com o emprego de machados, machadinhas e serrotes corresponder ás vantagens de sua remoção.

Na remoção de muros, caso ella não exigir o auxilio da engenharia — emprego de explosivos —, seriam derrubados os muros, empregando-se picaretas e alavancas, o que aliás dispensaria todo ensinamento: «o espirito de destruição, demolição, desperta tão facilmente no homem».

Para a derrubada de arvores isolados deve-se aproveitar toda oportunidade afim de ensinar a todos os homens da companhia, sobretudo aos commandantes, o que devem saber executar e poder conseguir, em um tempo dado, com a ferramenta (machados e machadinhas) tanto nas mãos de homens dextros como de inexperientes, a espessura das arvores e a qualidade de sua madeira representam ahi um grande papel. O tempo necessário para derrubar-se um trecho de floresta pôde ser deduzido do tempo gasto por um homem na derrubada de uma arvore e, quando se tratar da derrubada ou limpeza de uma floresta, os homens não devem collocar-se em uma linha, e trabalhar um ao lado do outro, mas, cada um em sentido contrario do outro. As arvores, os arbustos, bem como os galhos, depois de derrubados, serão empregados para tornar-se impeneiravel o trecho da floresta.

O mascaramento das posições fortificadas só pôde ser exercitado no proprio terreno e isso mesmo obedecendo-se a uma situação tactica. Todos os homens devem conhecer os meios que servem para o mascaramento e o modo de servirem-se delles para esse fim. As posições devem achar-se a uma distancia tal da verdadeira posição que as tropas não sejam atingidas pelo fogo inimigo.

(Relativamente ás obras de defeza accessorias veja-se A Defesa Nacional, N.º 40, Anno IV).

* * *

«Passagem de cursos d'agua».

Segundo o art. 2 do R. S. S., compete á infantaria a construcção de pontes improvisadas, expeditas, ao passo que, segundo o art. 99 do R. S. S., a construcção das «pontes de campanha» e das «pontes de campanha reforçadas» compete á arma de engenharia. Mas, a daquellas,

taes como de pinguelas e das importantes pontes rapidas, do mesmo modo como a das pontes ligeiras para infantaria em columna de costado e cavallaria a pé por fila singela, (*) só pôde ser confiada a homens bem instruidos nessas obras e ás secções de sapadores do batalhão e do regimento, cujo pessoal é suficiente para executal-as; e a companhia tambem deve para todos os casos estar preparada para que a sua secção de sapadores, reforçada convenientemente, possa com os proprios recursos da companhia organizar as passagens mais simples. Não ha, portanto, necessidade de que todos os homens tenham recebido a instrucção nesses trabalhos. A da construcção de pontes aos homens que della serão encarregados será dada pelos inferiores que tiverem sido instruidos no serviço de sapo, mas, de acordo com as instrucções do commandante da companhia, devendo os inferiores ensinar a esses homens aquillo que lhes foi ensinado e tal qual lhes foi ensinado.

Essa instrucção abragerá:

1) Os conhecimentos preliminares constantes dos art. 100 e 101 (partes componentes de uma ponte de sua ligação) do R. S. S. (*)

2) O conhecimento das medidas preparatorias para a construcção constante dos art. 102, 103 e 104 do R. S. S. (comprimento da ponte, profundidade do curso d'agua, natureza do seu leito, etc.).

3) A divisão do trabalho e do pessoal, art. 105, R. S. S., devendo os homens executá-lo de acordo com os art. 107 a 142 do R. S. S.

A secção de sapadores da companhia tambem compete a construcção de balsas e pontes volantes e a organisação do respectivo serviço, de acordo com os art. 146 a 150, R. S. S.

A passagem de cursos d'agua expedita, por meio de material improvisado, deve, ao contrario, ser familiar a todos os homens da companhia, para cujo fim é indispensavel que se lhes ensine o uso do remo (a pá) e da vara para mover os fluctuadores. Nenhuma patrulha, nenhum estafeta, pôdem vêr no curso d'agua um obstaculo que lhes impeça o desempenho de suas importantes missões. Apparece assim a necessidade da natação, que de modo algum pôde ser descurada nos corpos.

Meio expedito importante que permite a passagem de cursos d'agua offerece o equipamento das barracas. Do mesmo modo como o soldado deve saber emalar a sua mochila deve elle tambem saber preparar rapidamente, com aquelle equipamento, um fluctuador, representado pelas fig. 77 e 78, R. S. S. Naturalmente, os pannos de barraca não pôdem ser de «algodão», como as nossas barracas, porém, de um tecido impermeavel, usado em todos os exercitos.

Convém que o maior numero possivel dos homens saibam, por si mesmos, construir balsas, jangadas, de tonneis, mangedouras, etc., taes como os das fig. 89, 81, 82, R. S. S.

Balsas de grandes dimensões serão construidas pela secção de sapadores da companhia.

(Veja-se A Defesa Nacional N.º 17, Anno II).

* * *

«Trabalhos de obstrucção», barreiras.

A infantaria compete a execucao dos trabalhos de obstrucção nas vias ferreas, da qual



se encarregão as secções de sapadores, segundo o estabelecido nos art. 194 a 200, R. S. S. A instrucção desses trabalhos não deve ser apenas theorica, mas seguida dainda instrucção pratica, na qual convém empregar os recrutas que sejam operarios ferro-viarios e mineiros. Mas, para isso ha necessidade de seleccionar os conscriptos por occasião de sua incorporação. Assim procedendo, poderá a companhia formar especialistas nesses trabalhos de obstrucção.

A obstrucção de estradas rurais também compete á infantaria, mas, como não será possível dar-se a sua instrucção em tempo de paz, ella somente será theorica, de acordo com os art. 202 a 204, R. S. S.

Para terminar a instrucção da esquadra, resta mencionar ainda o «estabelecimento de bivaques».

Entre os trabalhos de que aí serão encarregados os homens citaremos:

os da construcção de «para-vento» executada de acordo com o art. 408, R. S. S. e

os de regos para cosinhar, fogões, de acordo com a fig. 196, R. S. S.

Os trabalhos restantes para o estabelecimento de bivaques competem ás secções de sapadores.

Supondo terminada assim a enumeração dos trabalhos de que se ocupará a instrucção da esquadra, passaremos agora a tratar de sua aplicação á do pelotão.

(Continua)

vae atacar é gravissimo não só porque é difficilimo *mudar a frente* como porque só se conseguirá esta quasi prestidigitação fazendo intervir tropas da reserva, (o meio verdadeiramente efficaz do chefe imprimir sua vontade á primeira linha — 324) que entretanto deviam ser guardadas para os fins de carácter decisivo.

Imagine-se um chefe que não iniciou o combate com *forças insuficientes* (314); que collocou suas reservas n'uma posição onde dispuzessem de *tempo* e *espaco* para oportunamente fazer a acção decisiva (325); que tenha assegurado a influencia do seu commando atribuindo uma missão precisa a cada unidade em primeira linha (323); como se haverá n'uma circunstancia em que, por não *estar informado* sobre a situação do inimigo e do terreno (310), por não ter adquirido um conhecimento pessoal da situação do inimigo, do terreno e das tropas vizinhas (306—4), vê seu prestigio periclitar porque sua *decisão*, da qual não devia se afastar sem motivo justificado (301), foi tomada em falso e injustificadamente (inconfessavel) revogada!

Emfim: «para se decidir é preciso querer e para querer é preciso saber.»

316. A *extensão da frente de combate* de uma tropa e o seu *escalonamento em profundidade* dependem do objectivo do combate, da natureza do terreno e do apoio de que dispõe nos flancos. Variam ainda, conforme a tropa combate — isolada ou em ligação com outras, na defensiva ou na ofensiva, — ou se empenha a luta sómente para ganhar tempo.

317. Influe sobre a *extensão inicial* da frente de combate, além da intenção propria e do efectivo de que se dispõe, também a extensão da frente do inimigo.

Quando uma força de pequeno efectivo tem de ocupar uma frente muito extensa, deverá combater em grupos mais ou menos separados. Em tais casos se escolherão de preferencia os pontos do terreno cuja configuração favoreça a execução do combate.

318. Quando a tropa está *apoada em ambos os flancos* (força enquadradada) o numero de unidades a pôr em primeira linha fica dependendo da extensão da frente de que se dispõe. Neste caso as forças deixadas á retaguarda como reserva, só são necessarias para a execução do combate frontal.

319. A tropa *apoada num só flanco* não está tão subordinada á extensão de sua frente, mas é obrigada o escalonar-se para cobrir assim o flanco não apoiado. Neste caso é conveniente dispor os escalões para fóra do flanco (*escalonamento do flanco*). Quanto mais fortes forem os escalões, tanto maiores serão os intervallos e as distâncias entre elles.

320. A tropa *combatendo isolada* é a que está menos subordinada á extensão da frente e

A segunda parte do R. E. I.

Commentários aos seus principais artigos como subsidio ao estudo dessa parte do R. E. I., a mais importante e a menos explorada.

COMMANDO

CONTINUAÇÃO

315. Quanto mais importantes são as unidades empenhadas na luta tanto mais difficil se torna *mudar a frente* da primeira linha de combate. Por isso, antes de entrar em acção, é preciso estabelecer, com a possível exactidão, a direcção da frente em que se vai combater. Se no decorrer do combate se vem a verificar não ser essa frente que se devia ter tomado, mui raramente será possível, nas grandes unidades, outro recurso, a não ser formar novas linhas na frente conveniente.

Quanto mais importantes são as unidades empenhadas na luta... o que resalta é que é sempre difficil a operação de mudar a frente da primeira linha.

Quanto mais a fundo tenha chegado o esclarecimento mais se terá afastado a possibilidade dessa *difficil operação*. Entre nós, nas manobras, ha, constantemente, o pessimo habito das unidades se lançarem ás escuras; além das informações da ordem, communmente, nada mais se procura saber.

O erro na direcção da frente, que se

ao escalonamento em profundidade, mas terá em certos casos de proteger ambos os flancos contra o envolvimento.

«A linha permite desenvolver toda a potencia de acção» (frente). «A columna condensa essa potencia» (escalonamento á retaguarda).

Eis os principios apenas á espera de inteligente applicação para produzir magnificos effeitos.

E' sempre conveniente se ter uma frente pelo menos igual á do inimigo. Comquanto as sub-unidades combatam n'uma frente razoavel á capacidade dos seus quadros e soldados, as unidades que as comportam poderão se engajar em frentes extensas (evitar golpes envolventes). «A linha é a força no presente».

Demais toda tropa que inicia o combate muito concentrada será *obrigada* mais tarde a se dispersar para attender aos ataques de toda a frente inimiga, tendo que o fazer, então, sem o necessario reconhecimento do terreno e dos effectivos do inimigo. Ao contrario, toda tropa que inicia o combate com uma frente *sufficientemente* extensa tende a se concentrar o que será determinado pelos effeitos *decisivos* e facilmente conseguido pela acção do escalonamento á retaguarda. «A columna é a força reservada».

As frentes de combate quasi nunca podem se restringir ás extensões regulamentares (meros padrões) por isso que a necessidade de manter effectivos na reserva que possam pezar na manobra e a de atacar o inimigo em toda sua frente, nos levará a grandes extensões, inevitavelmente.

Por outro lado, é preciso convir que depois do moderno armamento pode-se conseguir a concentração dos effeitos (fogos) sem se exigir a concentração dos homens (unidades).

«Em razão da rapidez do tiro, os effeitos do fogo dependem menos do numero dos atiradores que do numero dos cartuchos atirados; 10 homens atirando 100 cartuchos produzirão um effeito igual a 100 atirando 10 e serão dez vezes menos vulneráveis».

Sómente ocupando frentes extensas poder-se-á ter contacto com toda a frente inimiga e isso só se pôde fazer com effectivos *relativamente* pequenos por isso que precisa-se de effectivos razoaveis á retaguarda para a manobra.

Resumindo: a extensão da frente de combate será sobretudo relativa á capa-

cidade de dispersão das unidades e seus chefes e o verdadeiro thermometro d'essa capacidade é a ligação; enquanto esta se fizer sem incidentes que prejudiquem a comunicação dos chefes e seus subordinados e vice-versa, pode-se manter a extensão realizada sem receios. «Assim como uma tropa tem uma potencia de marcha além da qual não pôde ir sem esgotar a força dos seus homens, cada tropa tem uma potencia de dispersão acima da qual não poderá ir sem se dissolver».

E quantas vezes se tem visto o absoluto dominio do schema respeito á extensão de frentes de combate? Corre até pelas casernas a lenda de um official que educava a vista para estimar com precisão os 150 ms. do seu sector de companhia...

«Do objectivo do combate», «da natureza do terreno», «do apoio de que se dispõe nos flancos», da capacidade de dispersão dos quadros e soldados, poucos se apercebem.

Tambem já foi lançada a ideia de que se a tropa estiver enquadrada respeitará *rigorosamente* as extensões regulamentares e no caso contrario terá *ampla* liberdade. Outro erro como todo schema em tactica. E' verdade que a tropa enquadrada não poderá ir muito além da frente que a *situação* lhe impõe (effectivo, terreno, missão, frente inimiga), mas tambem é certo que uma unidade combatendo isolada tem que se manter dentro dos limites impostos pela possibilidade do comando (cohesão, unidade de acção, ligação) e dispõe de elementos mais fracos na primeira linha devido ao escalonamento em profundidade exigido pela protecção dos flancos.

Os dados numericos regulamentares sobre extensão de frentes de combate são apenas pontos de referencia de onde se partirá para um melhor aproveitamento do terreno, dos fogos e dos effectivos.

Quanto ao escalonamento em profundidade é preciso que elle seja realizado na medida das necessidades. Ha quem queira, por esthetic, que todos os sectores tenham os mesmos escalões e assim, innumeras unidades que podiam impellir o combate para a phase decisiva ficam, secundariamente, como reservas parciaes, injustificadamente, como reservas que nunca chegarão a forçar o termo da lucta empenhada.

321. O emprego da companhia de metralhadoras cabe aos commandantes de brigada, que

podem conservar-as todas, ou em parte, á sua disposição, ou distribuir-as pelos regimentos.

Dada a nossa organização é preferivel que se execute sempre a segunda parte deste artigo — distribuir-as pelos regimentos. Sendo a metralhadora uma arma *opportunist* por excellencia é necessario que ella acompanhe as unidades onde terão oportunidade de agir com a sua potente «infantaria condensada». Isso porque não temos ainda as companhias regimentaes. De outro modo, as metralhadoras com o seu cdte. e suas unidades directamente subordinadas ao chefe da brigada, como que convidam a ser usadas como artilharia, isto é, em casos que comportam o canhão, o que é um grave prejuizo. (G. T. 49—2).

322. A artilharia forma a ossatura ou esqueleto do combate; de sua posição dependerá quasi sempre o grupamento das outras forças. Por esse motivo o chefe da tropa — baseado no reconhecimento em que o auxilia o chefe da artilharia — é quem determina o momento, o logar e a amplitude do emprego dessa arma.

Tem-se visto innumeras vezes — é quasi a regra — o chefe da tropa abdicar do «reconhecimento em que o auxilia o chefe da artilharia» e de determinar «o momento, o logar e a amplitude do emprego dessa arma».

D'ahi quasi nunca vermos «a artilharia formar a ossatura ou esqueleto do combate».

E' que ha o preconceito de nos julgarmos incapazes, devido á especialização de arma, em relação ás outras armas. Entretanto o que se dá é coisa muito diferente. O official de uma determinada arma é, por falta de tirocinio, incapaz de *instruir* e *conduzir* a unidade que lhe corresponde em qualquer outra arma. Todavia não se lhe pôde perdoar que desconheça o emprego e rendimento de qualquer das outras armas. Isto é apenas ignorancia das accão tactica das armas diferentes da sua, falta de manusear os seus regulamentos, ausencia de estudo de themes na carta, o que é imperdoavel.

Quem não sabe que nos grandes effectivos de artilharia se poderá ter baterias em primeira linha e na reserva? Quem não é capaz de distinguir baterias em espera e baterias em vigilancia? E' claro que a designação das baterias de infantaria e contra-baterias (natureza de objectivos) só cabe aos cdtes. de artilharia engajada, assim como tambem a esco-

lha de posições cobertas e descobertas, como ainda a determinação de posições de acolhimento, etc. Será crivel que um official qualquer ignore a dotação e o lugar da artilharia na columna de marcha de um destacamento mixto depois de considerados a sua natureza, o seu efectivo, o terreno e a proximidade do inimigo?

O facto é que na maioria das vezes a artilharia chega a ser considerada trambolho! E quem se vê ás voltas com tal trambolho, para se despachar d'elle, diz qualquer coisa ao seu cdte. á guiza de ordem, com a intenção de ficar á vontade.

Ninguem se lembra do trambolho para forçar o desenvolvimento ao inimigo, bater seu ponto de apoio, escudar o avanço da infantaria etc. E apesar do R. E. I. a artilharia fica sendo um *osso a roer* em vez de formar a ossatura do combate. Em-fim sempre é um osso.

Vem a propósito considerar-se que dos chefes da infantaria se deve exigir mais conhecimentos sobre o emprego tactico das outras armas, por isso que, a elles quasi sempre cabe o commando de destacamentos onde, em diferentes doses, entram a cavallaria, a artilharia e a engenharia. Demais, pela grandeza do quadro da arma entram, como maior contingente, no generalato...

344. A mais distinta qualidade de um chefe é o *amor da responsabilidade*. Seria, porém, mal interpretal-o, tomar resolução sem attender ás accões do conjunto, ou não cumprir escrupulosamente as ordens recebidas, substituindo assim a obediencia pela pretenção de saber melhor.

Nos casos, porém, em que o subordinado reconhece que o chefe de quem emanou uma ordem não podia conhecer sufficientemente a situação, ou quando o desenrolar dos acontecimentos fez a ordem perder sua oportunidade, é dever do subordinado modifical-a, ou não cumpril-a, comunicando ao chefe a resolução tomada. Pelo não cumprimento da ordem fica-lhe, porém, a inteira responsabilidade.

Um chefe que não teme a responsabilidade não hesitará em empenhar irremediavelmente sua tropa no combate, mesmo quando o exito da luta lhe pareça duvidoso.

Todos os chefes devem ter sempre presente e se esforçar por compenetrar seus subordinados, de que a *negligencia* e a *inacção* dão lugar a *consequencias mais graves* do que o erro na escolha dos meios.

Este artigo resume o verdadeiro cathecismo do chefe. Não basta possuir-o e meditar-o. Para se estar á altura das suas exigencias é preciso um grande esforço quanto á preparação pessoal. Só pode ter amôr á responsabilidade o chefe capaz de medir

essa responsabilidade e para medi-la é indispensável a capacidade profissional.

Um chefe não preparado não inspira confiança á sua tropa — mesmo que *queira* não pode ter esse «amor da responsabilidade» porque *não sabe* e ha de ser sempre inclinado aos conselhos de guerra para a tomada das suas decisões ou a mentores de todos os graus hierárquicos, que por melhor que obrem, nem sempre são accordes e acabam por lançar ao descredito o chefe que esclarecem. Os chefes que não possuem o fundamento profissional indispensável á aquisição desse «amor de responsabilidade», os que são incapazes de decidir por si mesmos — são germens de derrota inoculados na tropa que tenha a infelicidade de os possuir e á espera de oportunidade para destruirem todos os esforços dos que estão a altura das suas funções.

Tenente *Mario Travassos.*

EXERCICIOS Á NOITE

De um livro de *Immanuel*. Traducção do capitão *A. A. Villanova.*

GENERALIDADES

I.

FUNDAMENTOS DA INSTRUÇÃO

O R. S. C. 30 diz: «Exercícios á noite são indispensáveis. E' especialmente importante marchar á noite também fora das estradas. A tropa deve estar preparada para combater á noite.»

Essas simples exigências foram consideravelmente aumentadas pelos suplementos do R. E. I. de Agosto de 1909, os quais prescrevem uma instrução completa e aprofundada de todas as unidades no serviço á noite. As experiências das últimas guerras provam que para o futuro deve-se contar com longas lutas que durarão dia e noite, especialmente as lutas em torno de posições fortificadas de campanha terão lugar principalmente durante a noite. A experiência da guerra tem muitas vezes suficientemente mostrado que comandantes de tropas só estão realmente preparados para as suas missões na guerra quando se mostram á altura de qualquer situação e quando nada os surprende.

Nisto deve estar comprehendido antes de tudo a ação da tropa quando empregada á noite.

Um justo meio termo parece-nos aqui o melhor caminho, que desejamos seriamente recomendar a bem de uma instrução completa, realmente de acordo com as exigências da guerra. Para afastar exageros chamamos a atenção para a observância dos requisitos fundamentais da instrução:

1. — Tudo que se referir a formações e movimentos a executar-se de noite, deve ter-se tornado habitual aos oficiais e á tropa por meio de exercícios correspondentes feitos de dia, de

modo que a dificuldade resida unicamente na execução á noite.

2. — Os movimentos e as outras ações são difíceis á noite e conduzem facilmente á confusão, á desordem. Por isso é preciso manter como princípio que á noite só se podem executar as mais simples coisas. Durante o dia as fantasias já são inadmissíveis e com muito mais forte razão não se as admite absolutamente de noite.

3. — O princípio segundo o qual se deve marchar progressivamente do fácil para o difícil, tem também applicação nos exercícios á noite. Por isso não se deve fazer com o pelotão o que antes não tenha sido ensinado a fundo individualmente ou na esquadra. De maneira semelhante effectua-se a graduação do pelotão para a companhia — que também aqui é a verdadeira unidade de combate — e da companhia para o batalhão, etc. Acontece muitas vezes que logo no inicio trabalham de noite com a companhia ou com o batalhão, si bem que os fundamentos ainda não estejam suficientemente sólidos. O insucesso é desde então a inevitável consequência.

4. — Como em qualquer serviço, a preparação dos chefes para os exercícios nocturnos é de importância capital. E' principalmente no serviço á noite que é necessário o domínio absoluto da tropa, mesmo quando o soldado não vê o chefe, quando não o ouve. Dahi a necessidade de dar uma instrução completa, por meio de exercícios especiais, aos chefes inferiores, que devem estar completamente familiarizados com as particularidades dos movimentos e combates á noite. Só então estarão elles em condições de instruir e conduzir sua tropa á noite.

5. — O reconhecimento á noite tem especial importância. E' preciso determinar caminhos e posições a ocupar, reconhecer linhas de postos avançados e posições do inimigo, reconhecer e remover obstáculos. Exactamente aí é que residem as maiores dificuldades, pois que sem tal reconhecimento fracassarão os emprehendimentos á noite. Por isso é dever indeclinável preparar em cada companhia um forte núcleo de comandantes de patrulha capazes (oficiais e sargentos) juntamente com soldados que tenham aptidão para acompanhá-los, e aperfeiçoar todos por meio de exercícios práticos contínuos e progressivos. Observe-se o art.º 259 do R. S. C.: «Ainda mais importante do que instruções detalhadas é a escolha dos soldados e principalmente dos comandantes (das patrulhas).»

6. — E' fundamental ter-se em vista que os chefes de todos os graus e a tropa devem habituar-se á calma, á maior calma. Para isso em primeiro lugar deve o comandante esforçar-se em manter pessoalmente a possível calma, dando assim o bom exemplo aos subordinados e á tropa. Nada actua mais prejudicialmente, nada se transmite de modo mais desastroso e com tanta facilidade aos subordinados e á tropa do que a nervosidade. Combata-se-a, evite-se-a — principalmente nos exercícios á noite, onde os atritos e malentendidos já são por si mais numerosos do que nos exercícios durante o dia. A experiência da guerra ensina que á noite

(Continua na pag. 30)

Commando de tropa em gabinete

3º problema traduzido de um livro de v. Altrock por E. de Lima e Silva, capitão de artilharia.

Carta geral de Metz e terrenos adjacentes, 1:100.000, que acompanha a tradução brasileira do Griepenkert.

São do tradutor as notas e as advertências entre parenteses.

Marcha de frente de uma divisão de infantaria quando o inimigo está longe

Metz e Diedenhofen são cidades abertas. No começo de Junho forças azuis concentram-se no rio Saar entre Merzig, (1) Saarbrücken (Quartel General do Comando do Exército) e Saargemünd. O inimigo ainda não transpõe a fronteira nacional. A 5. D. I. está no flanco direito azul, a 10. 6., estacionada do seguinte modo:

Vanguarda. Commandante general da 9. Br. I. — 8. Reg. de Granadeiros, 3/4 1. e 2. esq. do 6. Reg. de Couraceiros, 1. Grupo do 54. Reg. de Art. de Camp., uma companhia de engenharia com o trem de pontes divisionário, uma

(1) A nordeste de Metz. Vide o croquis junto. Escala 1:500.000.

columna ligeira de munições em Waldwiese (quartel general), Flatten, Gongelfangen, Bettingen, Biringen, Silvingen. O 3/6. R. Couraceiros fôra mandado para Fentsch, via Diedenhofen, como esquadrão de exploração.

O griso acantonou:

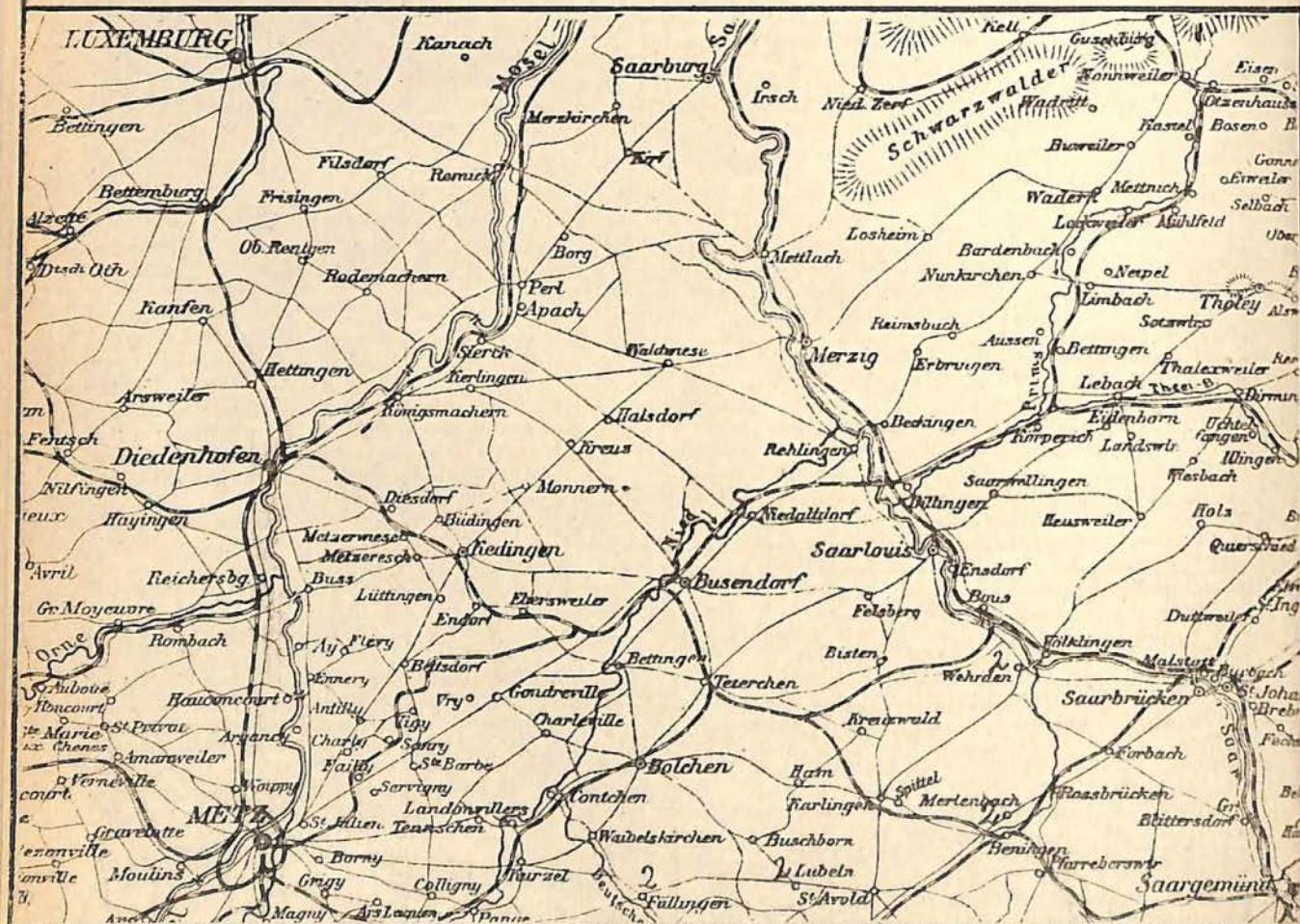
a) 48. R. I. com a respectiva companhia de metralhadoras, 1/4 1. esq. do 6. Reg. de Couraceiros, estado maior do regimento e 2. Grupo do 54. Reg. de Art. de Camp. a oeste do Saar, no espaço Schwemlingen—Hilbring.

b) 10. Br. I., 18. R. A., Secção de Teleph., 1. e 2. Comp. de Saude a leste do Saar em Ponten, Besseringen, Merzig, Brotdorf.

c) Quartel General da Divisão, o da 6. Br. I. e o da 5. Br. A. em Merzig, Hotel Hoffmann. Os trens de estacionamento estão com a tropa.

Quanto a columnas de munições e comboios foram atribuídos á divisão: I. Sec. Col. Mun.; 1. e 2. Col. de Provisões; 1., 2. e 3. Col. Auxiliares de Prov.; Hospitais de Campanha 1. a 4. Estavam todas acantonadas em Bachem e Römlingen (respectivamente a 5 e 6 km. a nordeste de Merzig, fôra da carta).

Na tarde de 10. 6. a 5. D. I. recebe ordem de avançar a 11. 6. até o Mosel afim de cobrir a concentração dos azuis, que em breve será completada, e vedar o trecho do rio entre Sierck e Diedenhofen. Segundo participação da cavale-



Ordem da 5. D. I. para a marcha de 11.6

5. D. I.

Quartel General da Divisão em Merzig 10. 6. 18⁰⁰.

Ordem á divisão para 11. 6.

Repartição das tropas
Esquadrão de exploração
mandado para a frente:
3/6. R. C.

Vanguarda:

General Cdte. da 9. Br. I.
8. R. Gran.

3/4-1. e 2/6. R. C.

1/54. R. A.

1. Comp. Eng. com o
Tr. Pont. Div.

Sec. Teleph.

1 c. I. m.

Grosso (na ordem da
marcha)

Cdte: o Gen. Cdte. da
10. Br. I.

1/4 1/6. R. C.

48 R. I.

48. C. Metr.

Cdo. do reg. e II/54 R. A.

3. Batal. Caç.

3. Grupo de Metr.

Cdo. do reg. e I/18 R. A.

Cdo. do reg. e I/12 R. Gr.

II/18. R. A. (Obuzes)

10. Br. I. (menos o 3.
Caç., o 3. G. Metr. e
o I/12. R. Gran. com
o cdo. do R.)

3. c. I. m.

1. e 2. C. S.

1. O inimigo ainda hoje (10.6.) não transpõe a fronteira nacional. Luxemburgo está livre de inimigo.

2. Nossa cavalaria observa ao norte de Sierck. O exercito está no Saar, quartel general em Saarbrücken.

3. A 5. D. I. marcha amanhã (11. 6.) de Merzig para Königsmaichern, via Waldwiese — Kerlingen afim de vedar o trecho do rio Mosel entre Sierck—Diedenhofen.

4. O 3/6. R. C. foi mandado para Fentsch, por Diedenhofen, como esquadrão de exploração. Em Waldwiese e Diedenhofen serão instalados para a marcha centros collectores telegraphicos.

5. A vanguarda parte de Waldwiese as 8⁰⁰.

6. O grosso atinge a saída leste de Waldwiese:

a) ás 8³⁰ a testa das tropas que estacionaram a oeste do Saar.

b) ás 8⁵⁰ a testa das tropas que estacionaram a leste do Saar
e mantém 1 km de distancia da vanguarda.

7. Os trens de estacionamento seguem o grosso a 2 km de distancia, em ordem de marcha correspondente á das tropas, os do estado maior da divisão na testa.

8. As Col. Mun. e os comboios atingem ás 13⁰⁰ Waldwiese, Heimelingen, Halsdorf.

9. As participações encontram-me na vanguarda da divisão.

7. General cdte. da 5. D. I.

Exemplares impressos enviados em automovel aos quartéis generais das brigadas afim de serem transmittidos aos reg., batal., grupos, esq., comp. eng., vanguarda, C. S., Sec. Teleph.; por escrito, resumo, ás col. mun. e comboios; resumo telegr. ao 3/ R. C.

v. K.

Major do est. maior da 5. D. I.

laria azul que está observando ao norte de Sierck, o Grãoducado de Luxemburgo está livre de inimigo.

Composição da 5. D. I.

9. e 10. Br. I., cada uma de 2 reg. de inf. e 1 comp. de metr., tendo a ultima 1 btl. de caçadores com seu grupo de metr. (2), 6. reg. de couraçeiros e 3 esquadrões; 5. Br. Art. de 2 reg. a 2 grupos, sendo um destes de 3 baterias de obuzes; (3) 4 c. I. m.; 2 comp. de saude; trem de pontes divisionario; 1 comp. de engenharia; secção de teleph. divisionaria; colunas de munições, etc., como já ficou dito acima.

Discussão

A solução do problema não é mais do que uma simples ordem de marcha. O objectivo da marcha é o Mosel. As missões ulteriores da

(2) Os grupos de metr. compõem-se de 3 secções de 2 peças e uma secção de munição de 3 viaturas. Atrelagem a 2 parelhas. As comp. de metr. dividem-se em 3 secções de 2 peças e 1 v. m. Atrelagem a 1 parelha. Aquelles, ligados aos batalhões de caçadores, estas aos reg. de inf., uma por brigada.

(3) Ha reg. da artilharia de campanha alemã que têm um grupo de canhões e outro de obuzes, todos de 3 baterias de 6 peças.

divisão, cobertura da concentração dos asues e barragem do trecho Sierck—Diedenhofen do Mosel só poderão ser preenchidas quando ella chegar a este rio. Naturalmente o commandante da divisão já a 16.6. reflectirá largamente sobre a maneira de se desobrigar destas tarefas; mas na ordem de marcha para 11.6. não cabem taes ponderações. E' verdade que o inimigo ainda está tão longe que a barragem do rio pode ser executada sem dificuldades notaveis. Mas, no correr do dia 11. 6. poderiam durante a marcha chegar participações taes sobre o inimigo que exigiriam uma completa modificação das medidas projectadas. Então seriam necessarias contraordens. *Contreordre — désordre!* A confiança da tropa ficaria abalada em consequência dessa vacilação do commando. Portanto, para a marcha, a divisão manter-se-á estreitamente unida afim de ficar em condições de ser lançada em qualquer direcção, com qualquer intuito. Por serem suas malhas muito extensas, a rede de caminhos não se presta á marcha em varias columnas. Seria inopportuno partit a divisão em diversos grupos com objectivos de marcha especiaes. A barragem do Mosel e a cobertura só devem ser encetadas quando a divisão se approximar do rio. A estrada de

marcha via *Reimelingen*—*Kerlingen* é a mais curta para qualquer ponto do trecho do Mosel que interessa á divisão. Se fosse por *Halsdorf*—*Mönneren* a divisão teria que marchar 4 km. mais até *Diedenhofen*. Na falta de cavalaria de exercito a divisão deve tomar a si o serviço de exploração longinqua.⁽⁴⁾

E as necessidades de tal exploração ficaram plenamente satisfeitas com o envio do 3./6. R. C. para *Fentsch*, tanto mais quanto o inimigo ainda não transpôz a fronteira e o referido esquadrão pode a qualquer hora servir-se do telegrapho nacional para fazer suas participações. Por isto é melhor que o resto da cavalaria divisionaria fique á mão afim de ser empregada na exploração contigua.

Quem quiser estabelecer centros collectores de participações deve encarregar de sua instalação determinadas fracções de tropa. Quando se distribue ordem impressa tendo separada, á esquerda, a *repartição das tropas* e a notação «*Grosso (na ordem da marcha)*», pôde ser suprimida no texto a indicação: «*O grosso segue na ordem de marcha abaixo mencionada, etc.*». Mas se a ordem é dictada para ser escripta aproveitando-se material apropriado ao serviço em campanha (folhas de aviso, etc.), é recomendável repetir no texto da ordem esta indicação referente á disposição do grosso na marcha. No que concerne á formação da columna de marcha do grosso veja-se o R. S. C. 3/6. Alli se recomenda fazer que as diversas unidades entrem na columna conforme a situação de seu estacionamento.⁽⁵⁾ Applicado este princípio ao caso do estacionamento da 5. D., suas partes que ficaram de um lado e outro do *Soar* tem que ser trazidas separadas á formação da columna de marcha. Os trens de estacionamento seguem a tropa. Sua disposição na marcha deve ser contemplada na ordem.

Não se deve ordenar que as columnas de mulhões e comboios sigam a uma determinada distância dos trens de estacionamento e sim designar-lhes objectivos de marcha que deverão atingir, independentes, a uma hora marcada. Só se faz a separação de um «escalão de combate»⁽⁶⁾ quando se espera encontrar o inimigo.

A observação relativa á distribuição e remessa da ordem serve para verificação da própria autoridade de que a expede, e por isto devem ser alli feitos citados os destinatários.

(4) Excepcionalmente também podem ser mandados esquadrões de exploração tirados da cavalaria divisionaria (R. S. C. alemão 145). Diz o art. 276 do R. S. C. brasileiro de 1918: «Quando a divisão opera isoladamente e por qualquer circunstância não ha em sua frente cavalaria independente, cumpre á cavalaria divisionaria procurar a maior distância de informações sobre o inimigo...»

(5) Art. 179 do R. S. C. brasileiro: «... Se as tropas ocupam acampamentos extensos no sentido da frente, a columna se forma pela passagem sucessiva de seus diversos elementos em um mesmo ponto chamado *ponto inicial*. O comando fixa as horas de passagem da *testa* das unidades principais neste ponto e, sendo necessário, os itinerários que devem seguir para o attingir...»

(6) Esta denominação não figura no R. S. C. brasileiro, mas a mesma idéa está perfeitamente exarada no seu artigo 451: «Na iminência de uma acção importante, as columnas divisionarias devem se aproximar da tropa e uma parte delas (grupo ou secção) avançar para tão perto quanto seja possível, da frente.»

(EXERCICIOS A' NOITE)

(Continuação da pag. 27)

vêm-se perigos onde nenhum existe, que se os exagera e aumenta; que fogo não ordenado, desordem e panico rebentam com bastante facilidade. Tudo isso reside em causas psychologicas, que, portanto, já durante a instrucção devem-se reconhecer e utilizar acertadamente. Por isso é necessário que cada sub-chefe, cada soldado, toda a tropa, de baixo para cima, habitue-se com a noite e que sejam familiarizados com as particularidades das marchas e combates á noite, com calma e com paciencia. Não se pronunciará uma palavra que não seja absolutamente necessaria. Não se deve fazer barulho com o armamento e equipamento, a tosse deve ser sopitada, o silencio é prescrição obrigatoria para todos. A habilidade dos chefes de todos os grãos deve, apesar desse silencio, garantir o domínio sobre a tropa.

7.—Como á noite todos os movimentos são mais difíceis do que de dia, é preciso um cuidado muito especial com duas causas: moderação e cohesão. Si a velocidade das marchas á noite por estradas e bons caminhos, principalmente com luar ou céo estrellado, não pode ficar muito aquém da alcançada de dia, tambem crescem as dificuldades logo que se pisam maus caminhos ou quando se marcha fora dos caminhos pelo terreno a dentro. Ellas crescem além disso com o aumento da escuridão e chegam ao maximo logo que se tenha de atravessar terreno accidentado ou coberto, arenoso ou molle, com empecilhos de todas as especies. Por isso é preceituado em tais condições reduzir consideravelmente a velocidade de marcha, muitas vezes de $\frac{1}{3}$ ou $\frac{1}{2}$ ou mesmo ainda mais. Isso necessita, como ensina a experiência, exercícios especiais e exige constante cuidado da parte dos superiores. Muitas vezes observa-se que exactamente na escuridão profunda o movimento, inteiramente por si proprio, pouco a pouco se acelera, levado pela ancia de sahir de pressa da incerteza, ancia que principalmente na proximidade provavel do inimigo costuma apoderar-se do espirito dos soldados.

Só por meio de um movimento devidamente lento, intercalado com altos de tempos a tempos para o restabelecimento da ordem, pode ser mantida a cohesão da tropa. Como é natural, a utilidade disto mostra-se em alto grão quando se abandona a formação de marcha e se passa ao desdobramento e finalmente quando tem lugar o desenvolvimento, portanto o movimento em linha de atiradores com partes da tropa em ordem unida á retaguarda. É preciso manter como princípio fundamental que o desdobramento e o desenvolvimento devem ser feitos o mais tarde possível, tão tarde quanto o permittam as considerações relativas á presteza para o combate e á segurança contra surpresas. Deve-se compreender que tropas desdobradas e, ainda mais, desenvolvidas são muito mais difíceis de dirigir á noite, que ellas tem de vencer muito maiores dificuldades para manter a cohesão, do que tropas em ordem unida, que estão emmassadas na mão dos chefes. Entretanto será necessário muitas vezes percorrer á noite longos trechos com a tropa desdobrada ou desenvolvida. Para que em tais situações seja mantida a ordem, direcção da marcha e articulação, é preciso

em primeiro logar, como já mostramos, persistir na moderação do movimento, em fazer muitos altos, bem como na adopção das mais simples formações. Os intervallos das linhas de atiradores serão bem pequenos — na maioria dos casos collocar-se-ão os soldados um ao lado do outro com os cotovelos em contacto ou no maximo a um passo de intervallo —, commandantes de pelotão e de esquadra proximos da frente; os fracções em ordem unida proximas e desdobradas; entre as linhas de atiradores e as fracções que as seguem, bem como para os lados até ás tropas vizinhas, numerosos soldados de ligação bem informados e dextros. A tropa base (esquadra, pelotão, companhia) — sendo o melhor processo tomal-a no centro e conserva-la como base durante o movimento — deve ser sempre designada, do que se dará conhecimento a todas as outras tropas. Ela recebe instruções precisas sobre a direcção da marcha, que pode ser indicada e mantida por meio de objectos visíveis, nesgas de terreno, linhas assinaladas (por meio de soldados, ramos fincados no chão ou outros signaes) ou pela bussola. Mudanças de frente só são possíveis quando a tropa base executa a conversão determinada, orienta-se exactamente e pára até que todas as outras tropas tenham chegado á nova frente. Desenvolvimentos, reuniões, prolongamentos de frente, etc., só tem lugar á noite durante o alto.

(Continúa)

EM TORNO DA ESGRIMA DE BAYONETA

«Vaincre, c'est avancer, se rapprocher de l'adversaire, se jeter sur lui á coups de baionnette et prendre sa place.»

E' um logar commum afirmar-se ho diernamente ser de elevado destaque o grão de instrução militar nos corpos de tropa de nosso exercito. Ninguem, de consciencia equilibrada, poderá negar o valor quē, de tempos para cá, tem trazido á caserna officiaes de quem não é exagero dizer acharem-se na altura da actualidade militar. E, essa instrução tão carinhosamente cuidada em todas as armas, máo grado a geral insufficiencia dos meios, ha tomado vulto na infantaria, onde de anno para anno a evolução é tão accentuada a ponto de se ter a illusão de que o exercito brasileiro — é a infantaria.

Ha, entretanto, um ramo de instrução desta arma que continua a soffrer, por parte de muitos officiaes, o reflexo de methodos anachronicos e em absoluto inaceitaveis: refiro-me á *esgrima de bayoneta*.

Não é, de todo, admissivel que n'um periodo como o que atravessamos, continuemos a testemunhar, silenciosos e de braços cruzados, a exhibição de theatraes *escolas de esgrima*, algumas das quaes se dão ao irritante capricho de trabalhar aos

silvos de apito. Ao demais, como justificar tão absurda irregularidade, se as I. E. B. no seu art. 5.º, prevendo-a, sabia e judiciosamente a prohibem? Não posso crêr que esse attentado ao espirito das instruções citadas procure attenuantes na superfluidade que pareça revestir essa derivate da instruccion na infantaria.

Não se pôde contestar, e é sediço repetir que a infantaria ataca pelo fogo e desaloja pelo choque. Se isto é verdade, se a decisão no combate deve ser obtida pela luta de corpo a corpo (R. E. I. 423); se, na defensiva, as reservas devem estar á mão, promptas a repellir o inimigo á bayoneta, no caso que elle tenha conseguido penetrar na posição (R. E. I. 453), como julgar secundaria a instrução de esgrima, a ponto de transformal-a, criminosamente, em bailados russos?

Não se argumente, para justificar tal modo de proceder, com a falta de material adequado á instrução de que tratamos; nem se procure, como é corrente, adduzir razões oriundas da impossibilidade de um unico instructor ministrá-la conforme os preceitos do regulamento.

Sendo o seu objectivo o combate corpo a corpo, achamos injustificavel o emprego de outras armas, na aprendizagem da esgrima, que não a regulamentar: só a frequente e habil utilisação do proprio fuzil permitirá ao soldado manejal-o com firmeza, pondo-lhe á prova o golpe de vista, habilitando-o á rapida execução dos movimentos, ensinando-o a tirar todo o partido de sua dupla faculdade de arma offensiva-defensiva.

Quanto á outra parte, implica uma simples questão de metodo: formando os homens em fileira, completamente á vontade, com os intervallos que forem precisos, o instructor explicará gradualmente os movimentos discutindo-lhes a razão de ser, mostrando os inconvenientes das execuções viciadas e determinando a praticação dos mesmos.

Assim, fazendo executar esse ou aquelle movimento irá o instructor, individualmente, apontando e corrigindo defeitos, patenteando, cheio de convicção e entusiasmo, os magnificos effeitos dos que resultarem de uma acção destra, rigorosa e consciente.

Isso que por ahi vemos nos corpos de infantaria, exceptuando um ou outro caso isolado, de esgrima de bayoneta apenas tem o nome: devíamos considerar antes a

essas escolas de exhibição como modalidades inuteis — de *gymnastica* com arma. Desse modo, observamos constantemente o ridículo de paradas sem significação por isso que deixam completamente descobertas as linhas a que se destinavam defender; deslocamentos para frente, sem objectivo nem preocupação do atacante em cobrir-se, absurdamente combinados com attitudes defensivas; passos e saltos á retaguarda transformadas pela deficiencia de energia muscular em movimentos tardos e consequentemente de nenhuma utilidade.

Deve haver uma completa distincção entre a *esgrima preparatoria* e a *esgrima de combate*. A' primeira cumpre antes de tudo cuidar da realização perfeita e rápida dos diversos exercícios, em correspondencia com o vigor physico dos homens que se instruem. Não basta, para completa segurança, uns golpes, mandar ferir essa ou aquella regiā do alvo escolhido; convem não esquecer que ao primeiro movimento da arma, o homem será tocado *se não estiver coberto na linha em que ataca*. Desse modo a segunda surge como uma applicação da primeira, aprendendo o soldado, na esgrima de combate a observar o adversario, distinguir-lhe os defeitos, forçal-o a combater a seu modo, tirando desse conjunto de circunstancias as vantagens que o conduzirão a sua derrota.

E' pois evidente que só uma rigorosa instrucción individual poderá fazer do soldado um esgrimista de combate. *El instructor toma por termo al individuo o la pareja. Los demás ejercitan solos lo ordenado por aquél. No son permitidos ejercicios colectivos ni a voz de mando* (R. E. F. I. argentino, 7).

Billard, em seu livro *E'ducation de l'Infanterie*, estabelece os assaltos a manequins em oscilação. Julgamos utilissimos esses exercícios como applicação da esgrima de combate. Assim é que os soldados são exercitados, em terreno variado, em percorrer 200 metros ao passo de carga seguido do «marche-marche» e do assalto a manequins largamente espaçados aos quaes o instructor imprimiu um ligeiro balanço. Um outro exercicio proficuo consiste em dividir o pelotão em grupos de dois homens, postos face á face, com 8 a 10 passos de intervallo e de distancia e fazel-os executar simuladamente, em tor-

no um do outro, deslocamentos, ataques, paradas e respostas.

A esgrima assim conduzida, perdendo o caracter de phantasia, não será mais uma esgrima de effeito, elevará porém a nossa infantaria ainda mais no conceito das outras armas, pela eliminação do que é inutil e do que é superfluo.

E, como fecho ao nosso modesto trabalho seja-nos permittido citar a advertencia com que o regulamento argentino de esgrima de bayoneta encerra as suas paginas scintillantes:

Este Regulamento no prescribe el empleo de voces de mando en la enseñanza y práctica de la esgrima de fusil, en razón de que el combate al arma blanca es individual y no colectivo y se caracteriza por la acción completamente independiente de cada uno, con el propósito de ferir el mayor número de enemigos empleando su propia destreza.

La enseñanza, pués, debe tener en cuenta este carácter del combate y tender a asemejar su método y ejecución a las circunstancias de la realidad. Una instrucción colectiva y a voces de mando, traría abstracción de ésta y presentaría al soldado el cuadro de una acción que en realidad no existe.

1º Tenente De Moraes.

Interrupção de combate

RETIRADA

A execução dos nossos regulamentos tem produzido conclusões inexactas, devido ás más condições de preparo em que fomos surprehendidos pelo rapido e vigoroso surto de progresso, que se não pôde fazer em perfeito equilibrio sob todos os aspectos dos assumptos profissionaes. Trabalhamos na ordem unida; martellamos com força e com vontade. Erramos algumas vezes. Talvez demais. Chegamos enfim, ao conhecimento pleno da materia, na sua execução, na sua doutrina. Não n'a sabem ainda os que não querem, ou não podem. Cogitemos da ordem aberta. Já é tempo. São passados quatro annos de observação e de estudo. Não tendo apprehendido convenientemente o espirito do regulamento, fomos levados a interpretações erroneas, que não podem perdurar por mais tempo. Só a pratica demorada, alliada a uma observação conscientiosa pode derrocar ensinamentos que tinhamos por absolutamente verosimeis.

A medida que se vae meditando e estudando o nosso regulamento, vão surgindo novas verdades, occultas na sua synthese admiravel. Ha nisto imperfeição do regulamento? Sejamos justos e conscientiosos: a insufficiencia é nossa — a inapti-

dão é nossa. Resgatemos com uma dedicação maior os erros de um passado incolor e desaprovado, que nos fez recuar no nosso mister, no conhecimento de nossa profissão. Ainda não está muito longe o tempo em que se não faziam exercícios no verão, porque fazia calor, e no inverno, porque fazia frio.

Na ordem aberta ha um ponto em que, parece-me, estamos completamente errados. Até hoje temos instruído os nossos soldados erradamente. Ensinamos-lhes a *avançar por lances e retirar por lances*.

O avanço *por lances* é um movimento prescrito pelo regulamento no seu n.º 209. Este numero começa pelas seguintes palavras: para *avançar por lances...*

Absolutamente o regulamento em nenhum dos seus pontos falla em retirar por lances e quando falla no movimento para a frente por lances *grypha a phrase citada*. Porque o *grypho*? Dever um fim. Interpreto-o, supondo que o regulamento quiz frizar que só se empregará o lance para avançar. Não vejo outra razão. Que outro motivo poderia existir para se chamar a atenção sobre as palavras *avançar por lances*—? Francamente só se justifica o *grypho*, para chamar a atenção sobre o modo de avançar e não de retirar.

Dentro das proprias disposições regulamentares, ha outros argumentos valiosos.

Para encaminhar convenientemente o meu raciocínio vou partir do ponto inicial, onde nasceu a suspeita de que erravamos.

Estavamos o meu particular amigo Sr. Major Alvaro Mariante e eu a ver os movimentos de retirada da 1ª Companhia de Metralhadoras. A nossa posição a cavalo favorecia-nos para uma boa observação. Trocamos ideias. Achamos os movimentos confusos, desnecessários. Certos comandos não nos calharam bem. Resolvemos mastigar um pouco de regulamento no meu gabinete, nesta parte de retiradas. Impressionou-nos o n.º 205: «Os movimentos das linhas de atiradores consistem: «Em avançar e retirar com a linha de todo o pelotão ou de suas fracções; por exemplo (*tal*) *pelotão!* (*secção*) *marche (marche-marche); meia-volta-volver-marche!* etc.»

Pensamos logo que aquelle comando *meia-volta-volver-marche!* só se podia entender com o caso de retirada. Porque no retirar só o comando *meia-volta-volver-marche?* E não também o *marche-marche* prescrito para o avançar da linha de atiradores? Ficamos embasbacados com a pergunta, que estava a pedir uma resposta revolucionaria, que não ousavamos formular. Não podíamos admittir a possibilidade de que estávamos errados. Começamos a ler e meditar o regulamento, linha por linha, palavra por palavra.

O regulamento sempre que falla em retirada diz que o commandante do pelotão marcha do lado do inimigo. E' uma regra geral, onde elle não admite exceções. Com os lances para a retaguarda, reconhecemos a impossibilidade do commandante do pelotão ficar do lado do inimigo, porque ficaria impossibilitado de comandar e dirigir o seu pelotão em marcha. Collocam-o na linha durante o lance para a retaguarda, deixando a posição regulamentar para o caso de retirada, longe do fogo inimigo. Esta tão arraigada em nós esta ideia de que o pelotão retirava por lances, que desrespeitamos

uma disposição clara, taxativa, terminante do regulamento. A posição do commandante do pelotão estava certa; o lance é que estava errado.

Stirn em seu livro «Processos de Combate» recomenda a retirada por lances como nós fazemos, mas de um modo mais irregular. Quer o recuo por lances e por grupos que se reunirão aos chefes mais próximos. O meio empregado é um pouco diferente do nosso, mas de acordo com a doutrina, que havíamos adoptado neste caso particular: Combater na retirada o inimigo pelo fogo é diminuir as perdas, quando a doutrina do nosso regulamento é desprender-se o mais rapidamente possível do inimigo, com ordem e cohesão. No regulamento para manobras de infantaria de 1907 eram recomendados para a retirada os mesmos movimentos para o avanço, como se poderá ver á pag. 34 N.º de 1911 não foram consignadas as mesmas prescrições.

Em falta de disposições taxativas que nos ensinem a retirada, como nos é ensinado o avanço, recorremos ao n.º 165, que prescreve: «*E' fundamental para a instrução que se attenda mais ao espirito, que á letra do regulamento*».

Incontestavelmente, conhecido o espirito do regulamento no caso particular de que tratamos, teremos a solução immediata para a nova questão. Mas... qual o espirito do regulamento? Vejamos o que elle diz no seu n.º 465: «O modo de *executar a retirada*, depende do estado da tropa que retira e da forma por que o inimigo vitorioso procede.

«A infantaria batida só pode retirar n'uma direcção sensivelmente perpendicular á sua frente e na formação de combate em que se achar (o *grypho* é meu). Ela precisa de apoio que suas metralhadoras e as outras armas lhe devem proporcionar.

«Para isso a artilharia deve desprezar a artilharia adversaria e dirigir seus fogos sobre a infantaria inimiga, que avança, mesmo correndo o risco de sacrificar os seus canhões.

«A cavalaria para tornar possível a infantaria desembarpaçar-se do inimigo, deve sacrificarse, ainda que só obtenha como resultado ganhar um pouco de tempo».

Vejamos o n.º 466: «Afim de prosseguir nesse apoio e assegurar á infantaria desligar-se por completo do inimigo, trata-se em geral de ocupar um sector de acolhimento, atraç do qual a tropa que retira encontra tempo e espaço para se refazer.

«O mais vantajoso é que para a ocupação desse sector não se precise empregar mais que a artilharia e cavalaria, enquanto a infantaria prosegue ininterruptamente na retirada (o *grypho* é meu). As tropas montadas seguem depois em *mais rapida andadura*. (O *grypho* é meu).

«N.º 430. «No decurso da retirada o objectivo será aumentar a distancia na qual se combate o inimigo pelo fogo. E' pois erroneo que fracções isoladas façam frente, sem motivo forte, porque assim difficulta-se o desvencilhar do adversario («Combate pg. 45).

Com as citações feitas, julgo-me já suficientemente orientado, mas não será demais recorrermos ao Guia para o Ensino da Tactica.

N.º 18. — Os movimentos de uma linha de atiradores são: Avançar, recuar, pequenos deslocamentos etc. etc.

«Esses movimentos fazem-se, em regra, a passo sem cadencia; mas para avançar sob o fogo ini-

migo efficaz, ou para alcançar rapidamente uma zona, fazem-se em marche-marche. Os commandantes das esquadras formam o esqueleto do pelotão e ficam, no avançar, como no retirar, na frente do meio de suas esquadras. O commandante do pelotão no avançar, na frente da linha de seus commandantes de esquadras, e, no retirar, do lado voltado para o inimigo.

«No avançar por lances rapido movimento para a frente feito por fracções, etc., etc.»

No livro citado prescreve-se o modo de avançar uma linha e quando falla na retirada apenas indica o lugar do commandante de pelotão.

«501... Desde que a infantaria está empenhada á pequena distancia, só será possível retirar-a do combate, durante o dia, com enormes perdas, devido á efficacia do armamento moderno; salvo se ocorrerem circumstancias especiaes favoraveis.»

«502. — Quando porem, não se fôr capaz de alcançar uma decisão pelo emprego das armas, será preferivel, em vista da efficacia das armas modernas, protelar o combate o mais possivel até cahir a noite, para retirar protegida pela escuridão.»

O n.º 503 estabelece as prescripções a tomar quando a retirada é ordenada durante o dia, etc.

«A primeira linha de combate resiste até que esteja ocupada a posição do acolhimento, quando começa então a retirada em extensa frente, iniciada nos pontos onde o inimigo faz menos pressão. Para isso a infantaria é efficazmente apoiada pelas metralhadoras, que resistem na primeira linha, lhe facilitam o desenvencilhamento e lhe secundam os esforços.

A missão decisiva é da artilharia, da qual depende principalmente a possibilidade da retirada. Só ella é capaz de deter o inimigo, graças ás suas peças de grande alcance, tiro rapido e escudos protectores. Por isso, toda a artilharia resiste e protege a retirada; só depois é que ella retira, de uma só vez ou escalonadamente para a posição de acolhimento.

«Nisso ella é apoiada pela cavallaria... A questão principal é que a retirada não se interrompa.»

504. — Se fôr preciso iniciar-se a retirada depois de decidido o combate, as condições della serão determinadas exclusivamente pelo grão de derrota soffrida, e pela conducta do inimigo.

«E' preciso tambem aqui em primeiro lugar desvencilhar-se do inimigo... A missão acima descripta das metralhadoras, artilharia e cavallaria augmenta de importancia, devendo essas armas empenhar toda a sua força para libertar a infantaria.

«A artilharia atira exclusivamente contra a infantaria que faz a perseguição, resistindo inabalavelmente até o ultimo momento sem temer nem mesmo o sacrificio das peças.»

Dante das citações feitas, que representam a orientação que nós adoptamos, podemos precisar o modo porque a infantaria deve effectuar a sua retirada.

Em principio a interrupção de um combate só se deve fazer á noite. Effectuada de dia, devemos attender ás seguintes necessidades, sendo a principal a primeira:

1^a. Desvencilhar-se do inimigo o mais rapidamente possivel.

2^a. Manter a cohesão e a disciplina.

3^a. Díminuir as perdas.

O modo porque se deve attender ao primeiro item é o ponto essencial da nossa questão.

O n.º 18 do Guia Tactico traz bastante luz ao assumpto; porque diz que os movimentos de avançar ou recuar etc. de uma linha de atiradores se fazem, em regra, *a passo sem cadencia; mas para avançar sob o fogo efficaz do inimigo ou para alcançar rapidamente uma zona, fazem-se em marche-marche.*

Parece claro que no caso de recuar, não se deve empregar sempre o marche-marche; porque se isso fosse obligatorio e necessario em todas as occasiões, o Guia teria prescripto o marche-marche para o recuo, como lhe prescreve, em regra, o passo sem cadencia.

Toda confusão está em querermos que seja do espirito do regulamento que o retirar se faça do mesmo modo que o avançar. Mas é um engano manifesto. O regulamento prescreveu movimentos regulares e irregulares para o avanço, sob o fogo inimigo e não fez o mesmo para o recuo. Porque? Porque os casos são perfeitamente distintos, soffrendo fortemente o influxo de factores differentes. No ataque, somos os fortes, queremos impôr a nossa vontade ao adversario; na retirada somos os vencidos, e soffremos a imposição de sua vontade. Na offensiva temos a nosso favor a força moral, que nos anima; na retirada a victoria do adversario tem accção depressiva sobre a energia dos combatentes.

Mas é dos livros, é dos mestres que a victoria é uma conquista moral. A questão é fazer chegar o medo primeiro ao adversario do que a nós. Da depressão moral ao medo e do medo ao panico vae um passo.

Nós podemos, pois, reunir as duas primeiras condições em uma só: Desvencilhar-se do inimigo o mais rapidamente possível, mantendo cohesão e disciplina.

Parece fora de duvida que um estudo do regulamento, despreoccupado de ideas preconcebidas, mostrará que não existe o lance para a retaguarda, do mesmo modo que para a frente.

A infantaria em regra retira ao passo; entretanto pode perfeitamente recuar uma distancia em marche-marche para acolher-se a uma posição qualquer onde fique livre dos fogos do inimigo, sem interromper a retirada (condição capital), a qual facilitará a cohesão e disciplina da tropa.

O que espanta nessa retirada é o numero de perdas, mas ellas não serão tão grandes como se pensa. E' preciso notar, entretanto, que os nossos regulamentos dizem que não se pode fazer uma retirada sem perdas notaveis.

Quando a infantaria interrompe o combate e retira, fica protegida pela artilharia e metralhadoras que atiram sobre a infantaria inimiga. Esta infantaria, soffrendo um fogo efficaz, deve ter forçosamente o tiro muito perturbado de modo que os seus effeitos não devem ser tão grandes como se suppõe. E' o apoio da artilharia e metralhadoras, levado ao extremo do ultimo sacrificio, que justifica na Guerra Europeia o aprisionamento nos combates de um numero tão grande de canhões e metralhadoras.

Ha dois factores n'uma retirada que são mathematicos e que serão estudados; os outros são extremamente variaveis. Vamos objectivar um caso de retirada, sob a influencia do tempo e do espaço, para esclarecer melhor nosso thema.

Para desvencilhar-se do inimigo o mais rapidamente possível conservando a coesão e disciplina necessarias, é preciso estudar o afastamento da infantaria que retira, sob a influencia dos dois factores citados.

Qual é o meio mais adequado para a infantaria se desvencilhar do inimigo? Qual é a andadura que deve dar mais rendimento? E' o passo sem cadencia, o que procuraremos provar discutindo um caso concreto.

Tomemos o caso de uma companhia em contacto com o inimigo a 600 metros de distancia. A companhia recebe ordem de retirar. A sua preocupação principal é desvencilhar-se do inimigo o mais rapidamente possível. Supponhamos que retira por lances de 50 metros de pelotão da direita para a esquerda, apoiando-se mutuamente os pelotões pelo fogo. O primeiro pelotão ao receber ordem preventiva para retirar, deve fazer movimentos preparatorios para o lance, em que gastará 60 segundos. Percorridos 50 metros entra *em posição* e rompe fogo.

Desprezemos o tempo gasto pelo lance. Depois de estar *em posição* o primeiro pelotão, o segundo faz o mesmo movimento para a retaguarda no mesmo tempo de 60 segundos. O terceiro gasta tambem 60 segundos. Teremos que a companhia para ficar a 50 metros do adversario, gaste 180 segundos. Reproduzindo o mesmo movimento, teremos que a companhia ter-se-á afastado do inimigo 100 metros em 360 segundos ou 6 minutos.

Se outra companhia retirasse ao passo sem cadencia (de 128 a 130 por minuto) terá vencido em tres minutos 390 passos ou 292 metros.

Por conseguirem em 12 minutos de lances a companhia ter-se-ia afastado 200 metros, contudo ainda em uma distancia em que os fogos são muito efficazes, em 24 min. 400 m. e em 36 min. 600 m. Marchando na cadencia de 130 passos, mais ou menos, no fim de 6 minutos ter-se-ia afastado a outra 585 metros.

Enquanto uma companhia se acha a 700 metros do inimigo a outra se acha a 1085. Não é pois por lances que uma linha de atiradores poderá desvencilhar-se mais rapidamente do inimigo e sim ao passo, augmentada a cadencia.

Pode-se allegar que o movimento ao passo deve produzir muitas perdas. Relativamente, não. A companhia que retira por lances fica pelo menos mais seis vezes do tempo debaixo do fogo inimigo, que a outra.

Os numeros são eloquentes: a companhia que retira ao passo gastará 6 minutos para fazer 585 metros e a que retira por lances 36 para fazer 600.

Se supozermos que a 600 metros exista uma dobra do terreno, que as abrigará, do fogo inimigo, veremos que uma companhia levou 6 minutos sob o fogo inimigo e a outra 36. Pode-se afirmar que a diferença de tempo, compensará a questão do tamanho do alvo. Por outro lado os lances cansam muito e perturbam o tiro. Alliada á fadiga produzida pelos lances a disposição moral de quem retira, vencido pelo adversario, não se pode esperar resultado apreciável do fogo de uma linha que retira.

Pode-se perguntar se não ha exagero nos meus argumentos. Evidentemente, mas contra a minha these. O tempo gasto pelos lances é um minimo theorico, que está muito longe da realidade do mesmo modo que o despêndido pela

companhia que retira ao passo. é um maximo tambem theorico, que não será atingido na pratica, como veremos. Desprezamos o tempo gasto em cada lance que deve ser de 15 a 20 segundos. Além disto a companhia deve ficar em posição depois de cada lance durante um espaço de tempo, que não poderá ser inferior a 5 minutos para fazer alguma cosa com o tiro e fazer descansar o pessoal, porque o lance e os movimentos de deitar e levantar cansam extraordinariamente. E' bom notar que os soldados deitados, fazendo um fogo vivo, não podem descansar.

Não haverá possibilidade de se fazer mais rapidamente uma retirada por lances. Os nossos exames de companhia e as manobras nos tem mostrado a impossibilidade de avançar ou retirar por lances, sem descansos prolongados, vencendo um espaço de 500 metros, sem um cansaço extremo, que devemos evitar na guerra.

Na retirada o rendimento do passo, que calculei em 128 ou 130 por minuto, será ultrapassado na realidade, porque a tendência de quem retira, perseguido pelo fogo-inimigo, é desprender-se delle o mais rapidamente possível, de modo que é bem logico aceitar a hypothese de um rendimento de uns 135 passos, o que confirmará o que alleguei.

Sob o ponto de vista da disciplina e da ordem, uma força que retira em marche-marche está muito exposta a dispersar-se, a desarticular-se, produzindo atropelo, confusão, panico. A guerra é o dominio do imprevisto e essa força que retira desarticulada, sem ordem, poderá resistir a inimigo que lhe surja repentinamente?

Porque motivo não pode uma linha de atiradores retirar ao passo, quando ella tem atraz de si um apoio, que pode estar a 200 ou 300 metros e que retirará em linha ou em columna, na formação em que está?

Fallando na retirada diz um dos numeros citados que as tropas montadas *seguem depois em mais rapida andadura*. Ora se a infantaria retira em marche-marche em que andadura retirarão as tropas montadas?

A toda brida? Impossivel.

A infantaria, depois de começar a retirada não pode interromper-a, salvo obrigada por circunstancias extraordinarias e o lance é uma interrupção da retirada.

Como conclusão, penso que a infantaria retira, em regra, ao passo, mas para aproveitar accidentes do terreno, que lhe facilitarão a ordem e a coesão, pode empregar o lance.

A retirada não obedece ás mesmas disposições *eschematicas* que adoptamos para avançar.

A questão principal na retirada é o desprendimento rapido do inimigo, com ordem e disciplina. A questão de perdas torna-se secundaria. Mais valem em uma retirada 50 atiradores seguros de si, cohesos sob o commando do seu chefe, do que 100, fugitivos, fatigados, expostos a um panico que lhe será fatal.

Creio que o caso está sufficientemente discutido.

No exame de recrutas da 1^a Companhia de Metralhadoras, retirei uma linha de atiradores a passo sob o fogo inimigo.

Foi presente o Estado Maior do Exercito.

Esperemos a sua palavra autorisada.

Capitão Alvaro de Alencastre

A doutrina e os processos de exercicio

(Hans von Below)

Setimo Exercicio de Batalhão

(CONTINUAÇÃO DO N. 47)

Situação: Um destacamento amigo em retirada e o Batalhão constituindo retroguarda a distancia de 800 m.

O inimigo persegue a 5 km.

Ponto de reunião: ...

Tropas: O batalhão, 1 inferior e 10 praças de cavallaria.

Advertencia: Uma bandeirola vermelha figura uma companhia inimiga; bandeirolas azuis figuram a propria infantria.

O commandante do batalhão, ao comecar o exercicio, dá a seguinte ordem aos officiaes reunidos:

leiros) seguirá o corpo a 600 m., conservando o contacto com o inimigo e cobrindo os flancos da retroguarda.
 «4º — Marcharei na cauda».

Em consequencia desta ordem o batalhão iniciará a marcha; o commandante da 3^a companhia (retroguarda) ordenará a sua cavallaria que explore da elevação que fica a 700 m de tal ponto (Estancia A), situado proximamente a sua direcção de marcha e de onde se pode descobrir os movimentos contrarios, e que conserve o contacto com o inimigo. Ordenará tambem que se enviem patrulhas sobre certos pontos, que permittem proteger a marcha da retroguarda.

O inimigo (1 tenente, 1 graduado e 17 soldados dentre os quaes 8 com bandeirolas vermelhas), ter-se-á reunido a 3 kms.



Fig. 41

«1º — O inimigo nos segue a 5 kms.
 «2º — O corpo (ordem de marcha: 2^a, 4^a e 1^a companhia) marchará immediatamente e seguirá o grosso á distancia de 800 m.

«3º — A cauda (3^a comp. com os caval-

Nota: Os exercicios anteriores são referidos á 1^a edição do R. E. I.; para a 2^a edição, aumentar 2 a cada numero citado.

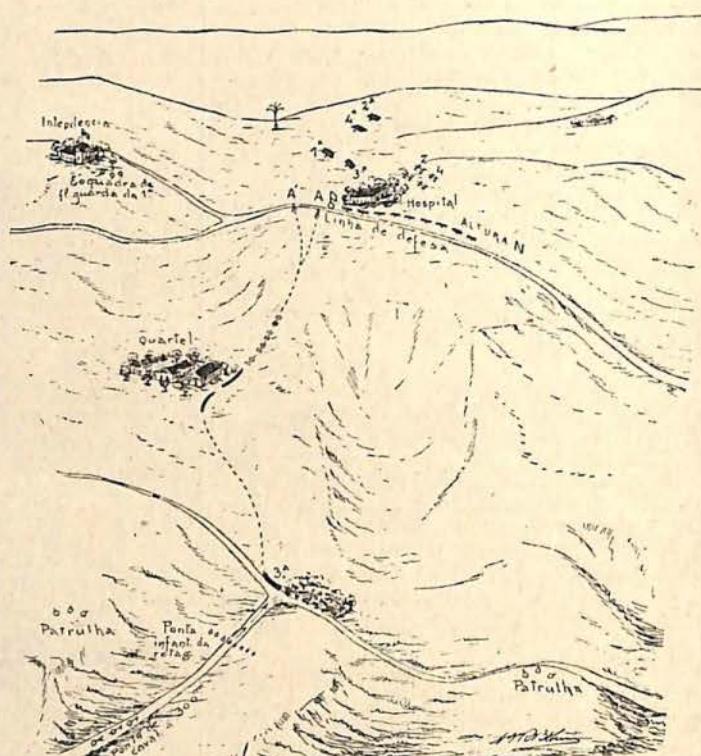


Fig. 42

a S. O. do ponto a que foi enviada a 1^a exploração de cavallaria (mais ou menos a essa distancia da Estancia A).

O tenente que dirige o inimigo figurado receberá com antecedencia suas instruções escriptas. De acordo com essas ordens e horas determinadas porá sua tropa em movimento e assim se acertará a hora conveniente a obter o choque em um ponto determinado.

O inimigo figurado mover-se-á perseguindo o batalhão.

Uma bandeirola branca marchará a 800 m na frente da testa da 2^a companhia, figurando assim a cauda do grosso do destacamento.

Incumbe ao commandante da 2^a companhia a conservação da ligação com o grosso. Os carros de munição marcham reunidos, na testa do batalhão.

O commandante do batalhão irá enviando aos capitães as notícias dadas pela cavallaria.

Logo que a testa da 2^a companhia tenha chegado a A', o commandante indicará á testa do Batalhão, por signaes, a nova direcção e chamará, tambem por signaes, os capitães. Cada capitão que veja o signal é obrigado a avisar os outros.

Em poucas palavras o commandante de batalhão indicará a cada capitão o logar de sua companhia e, alem disso, encarregará á 1^a companhia da segurança do flanco direito, ordenando-lhe que occupe com uma pequena fracção a Intendencia.

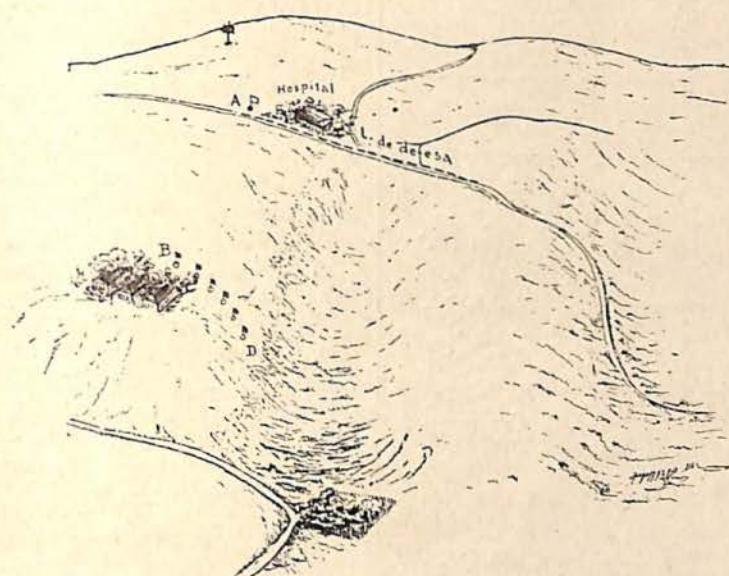


Fig. 43

A bandeirola branca marchará pelos caminhos que lhe vão sendo convenientemente indicados. (Quartel-Hospital).

Quando a testa do batalhão atinge ao Quartel, o commandante galopa até cada um dos capitães da 1^a, 4^a e 2^a companhia, ordenando: «O nosso destacamento está desenvolvido na linha Hospital — altura N., para se oppôr ao avanço do inimigo. O nosso Batalhão ficará em reserva atrás de sua ala direita. Direcção para o Batalhão: a 100 m á esquerda do Hospital. Eu avanço em reconhecimento».

O ajudante levará a mesma ordem ao capitão da 3^a companhia, marchando este com a ponta de infantaria.

Emquanto o commandante do batalhão faz o seu reconhecimento, os capitães permanecem com a tropa (R. E. I. ns. 327 e 469).

A bandeirola branca collocar-se-á em A, figurando a ala direita da defesa.

Os capitães dirigirão suas companhias por signaes aos respectivos lugares, mandando a 1^a um inferior e uma esquadra para a Intendencia.

As companhias ensarilham armas, deixando a 1^a e 3^a patrulhas na frente.

Os capitães dirigem-se ao commandante, que ja terá voltado para A, afim de observar d'allí.

A' cavallaria enviar-se-á esta ordem: «Já terminou a missão de retroguarda. O batalhão vae se collocar atrás da ala direita do destacamento. A cavallaria, guardando o contacto, postar-se-á atrás da ala direita do batalhão, cobrindo-lhe o flanco direito».

O inimigo figurado tem ordem de desenvolver 6 bandeirolas na linha B-D, collocando 2 atrás de sua ala esquerda.

A cavallaria terá assim oportunidade de explorar e fixar as forças e movimentos do adversario, e o que mais importa,

de dar informações ao batalhão (R. S. Camp. all.).

Desde que o inimigo se approxime, as companhias retomam as armas.

Uma vez desenvolvido, o inimigo iniciará logo o fogo sobre toda a linha figurada, iniciando-se a luta entre as duas linhas figuradas.

Num lugar desenfiado, o commandante ordenará a seus capitães: «A ala esquerda inimiga está alli (acrescentando algumas informações da cavalaria).

«O batalhão tem ordem de atacar a ala esquerda inimiga, envolvendo-a.

«As companhias de 1^a linha marcha-

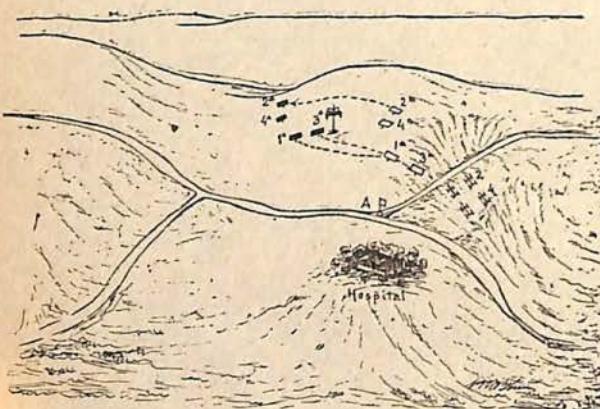


Fig. 44

rão em direcção á palmeira, a 4^a a 100 m e a 2^a a 150 m á direita da palmeira. Deem suas ordens e vão me alcançar por alli (indicando a direcção da palmeira.)»

O commandante do batalhão, indo pela palmeira, approxima-se da Intendencia tanto quanto lhe permitte o abrigo oferecido pelo terreno, com o fim de encaminhar o batalhão a coberto o mais para a direita que seja possível, para contornar a linha inimiga (R. E. I. ns. 429 e 430).

Entre a palmeira e a Intendencia ordenará o commandante: «D'aqui o batalhão atacará o inimigo. 1^a e 3^a companhias em 1^a linha. A 1^a desenvolver-se-á com a esquerda aqui e atacará a esquerda inimiga. Base a 1^a companhia. 3^a companhia á esquerda da 1^a. 4^a companhia em 2^a linha, escalonada para fóra da 1^a linha. 2^a companhia em 3^a linha, como reserva, escalonada á direita da 4^a companhia. Estarei com a 4^a companhia».

Em quanto isso, as «patrulhas de munição» haviam municiado as companhias (para cada homem mais 20 cartuchos).

Durante a marcha do batalhão para a palmeira, os carros de munição seguirão abrigados pelo terreno, atrás da 2^a companhia.

Quando o batalhão se detenha para fazer frente ao inimigo e se desenvolver, o ajudante determinará aos carros de munição que se detenham abrigados onde se achem, pondo-se em comunicação com as respectivas companhias.

As 2 primeiras companhias que tinham estendido cada uma um de seus pelotões em atiradores, recebem fogo a 700 m e entram em combate.

Quando a 1^a companhia vê que a 4^a se approxima, o capitão fará o prolongamento da linha com o seu apoio.

O inimigo prolonga sua ala esquerda com uma companhia (1 bandeirola).

O commandante ordena á 4^a companhia que ataque a esquerda inimiga. Esta companhia estende logo 2 pelotões, deixando um intervalo de 50 m entre si mesma e a 1^a companhia.

Todas as linhas de atiradores terão conhecimento do desenvolvimento da 4^a companhia, o que dará lugar á 1^a companhia de atirar contra os atiradores contrários recém-aparecidos. Toda a linha aumentará simultaneamente a intensidade do fogo, para facilitar o avanço da 4^a companhia.

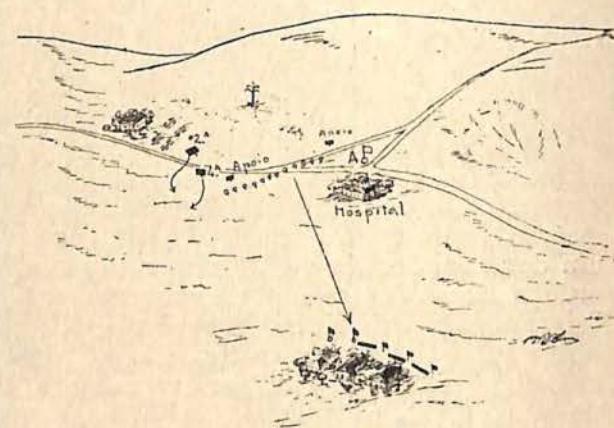


Fig. 45

Chegada a linha de atiradores da 1^a companhia e iniciado o fogo pela 4^a, a 1^a dirigirá novamente o seu fogo contra o inimigo que directamente lhe fica opposto.

A 1^a linha approximar-se-á por lances de pelotão até a 600 m do inimigo. Durante esses lances, o commandante fará saber ás companhias que têm ellias soffri-

do grandes perdas. Trata-se de dar um motivo á 3^a companhia para emprego do apoio. Durante o desenvolvimento da 4^a, a 2^a approximou-se até 200m do apoio da 4^a, escalonada para fóra.

O inimigo prolonga outra vez sua ala esquerda com uma bandeirola.

O commandante do batalhão ordena á 2^a companhia: «O inimigo reforçou sua ala esquerda. Auxilie o ataque do batalhão mediante um ataque contra a nova frente inimiga».

Ao avançar a 2^a companhia, a 4^a desenvolve seu apoio e dirige seu fogo contra o novo inimigo.

A 2^a desenvolve dois pelotões em atiradores, continuando um pelotão atrás da ala direita. Os dois pelotões avançam por lances, alternando os movimentos respetivos.

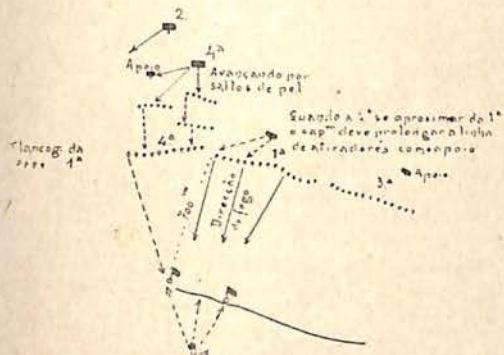


Fig. 46

A 4^a companhia percebendo tal movimento, seguirá, da mesma maneira, á 2^a.

A esquadra da 1^a companhia, que se achava ocupando a Intendencia, deixando um intervallo entre si mesmo e o batalhão, tomará parte, por iniciativa própria, no ataque.

Neste momento, o commandante fará aparecer na linha inimiga bandeirolas de perdas, o que motivará o movimento para a frente, por lances, de toda a tropa.

O batalhão terá então desenvolvido todos os seus fuzis, excepto o apoio da 2^a companhia, que está atrás da ala direita.

Como a superioridade de fogo é condição primordial para avançar (R. E. I. n.º 366), isso foi assegurado pelo emprego de todos os fuzis disponíveis.

Não havia razão para as companhias, nesta luta, guardarem os seus apoios. A ala esquerda, ainda que com intervallo, apoia-se noutras tropas (bandeirola), em-

quanto que a propria cavallaria não avisa de qualquer ameaça na ala direita.

Assim, a situação exigia não somente o desenvolvimento de todos os fuzis disponíveis, mas ainda — um rapido desenvolvimento, porque a ninguem era dado saber se accorreriam mais tropas inimigas.

Cabe agora ao batalhão levar seu fogo até o mais proximo possível do inimigo. O commandante ficará junto ao apoio da 2^a companhia.



Fig. 47

Estando todo o batalhão desenvolvido, fica ás companhias a iniciativa do assalto (R. E. I. ns. 375 e 376).

Para observar a execução do assalto, o commandante vai para a linha inimiga. Não exigirá simultaneidade dos quatro assaltos. (R. E. I. n.º 379).

O inimigo retirará.

As companhias que o tenham atacado em campo aberto, perseguirão pelo fogo, enquanto as demais se insinuarão por entre os edificios (obstaculos), até que o terreno lhes permita agir pelo fogo.

Signal ou toque de «alto».

Depois de pequeno descanso, reunião para a critica.

Desfilar em columna de pelotões para os reparos do chefe, que terá os capitães ao lado para ouvil-os.

1º Tenente *F. Paula Cidade.*

O regulamento de equitação

ERROS DE MÉTODO

(Continuação)

Na parte da instrução da tropa o R. I. S. G., no seu artigo 31º, estabelece para o primeiro periodo a divisão do esquadrão em recrutas e praças promptas, determinando, alem disto, que os cabos e sargentos tenham uma instrução especial, sem prejuizo do auxilio que elles devem prestar como monitores e chefes de turmas. Dispõe, ainda mais, o mesmo artigo que cada uma destas escolas seja entregue a um official. Isto, aliás, era o que sem grandes modificações, existia no antigo regulamento dos serviços internos.

Essas disposições obedecem exclusivamente á necessidade de separar em todos os ramos da instruções individual o pessoal do esquadrão segundo o adeantamento já attingido, e desta sorte fazer o ensino obedecer a uma certa graduação nos assumptos. Para isto é necessário que os regulamentos de instruções encerrem preceitos relativos ás diferentes escolas, como fazem os regulamentos de tiro e de gymnastica, estabelecendo na marcha da instruções regras applicáveis aos recrutas e ás praças promptas.

No que diz respeito á equitação, o R. I. S. G. vai mais longe, determinando que o aperfeiçoamento da instruções atinja á escola de officiaes (*) (art. 44º).

Mas, não seriam precisas essas disposições do regulamento dos serviços geraes, para se reconhecer a necessidade de distinguir no pre-para equestre da tropa montada os recrutas dos soldados velhos. A exigencia de constituir nos esquadrões um nucleo de cavalleiros de elite, aptos ao adextramento dos cavalos de remonta, e, por outro lado, o completo conhecimento da arte de montar que devem possuir os instructores, bastam para justificar a critica que fazemos ao regulamento de equitação por não estabelecer na parte relativa ao ensino do cavalleiro a seriação das lições applicáveis ás diferentes escolas.

Não é possível, dentro das vinte secções dos dois periodos do R. Eq., cujas durações médias estão determinadas a despeito de qualquer retardo sobreindo á instruções, não é possível, dizíamos, distinguir o que se refere ao recruta, á praça prompta e ao sargento. Para quem estuda o regulamento só ha uma conclusão a tirar a esse respeito, pela forma por que elle está feito: *a todas as escolas de instruções, inclusive a dos officiaes, devem ser ensinadas as mesmas cousas no mesmo grau de dificuldade.*

Querer disfarçar esta verdade, admittindo que a iniciativa dos instructores compete regular as dificuldades pelo grau de adeantamento das escolas, é assignalar a inutilidade do regulamento. Iniciativa não significa independencia, arbitrio; ella é, ao contrario, a facultade de tomar resoluções oportunas e agir dentro das normas dos regulamentos. O argumento não é portanto applicável ao caso, não serve para encobrir a falta.

Para finalizar esta parte da nossa critica, referente aos erros de methodo do R. Eq., na qual apontamos conjuntamente como elle está em desharmonia com os outros regulamentos da nosso cavallaria, mostraremos a ausencia de ordenação das lições de gymnastica. Estabelecendo uma secção (e logo uma das primeiras — a quarta —) para o volteio, elle exige do recruta, 17 dias apenas depois de iniciada a instruções, uma serie de exercícios que n'aquelle regulamento estão recommendedos como proprios sómente aos homens mais aptos do esquadrão, a criterio do seu commandante. Este exagero

(*) N. da R. — Lamentavelmente esta importante disposição não teve sancção nas recentes "Directivas para os exames de instruções da tropa". Alli devia caber uma prova de equitação para officiaes nos corpos montados, como há cinco annos o conseguiu levar a effeito um Inspector de Região, o Exmo. Sr. General A. G. de Souza Aguiar.

n'um ramo da instruções que não faz parte propriamente da sua technica, foi ahi levado ao extremo de se tornar obrigatorio para os recrutas uma gymnastica que por suas dificuldades deveria ser considerada como voluntaria. E esta intromissão em assumptos de outras ordenanças, estabelecendo regras que lhes são contrarias e creando innovações impropias a um regulamento militar, como seja a *divertida phantasia* da «substituição a cavallo», redundo n'um grande prejuizo para o ensino propriamente de equitação. São 8 dias em media, alem dos consagrados á gymnastica na sella, em que o soldado não faz absolutamente equitação. E a regra ensina — e os regulamentos estrangeiros ahi estão para o mostrar — que as lições de equitação devem ser ministradas ininterruptamente ao recruta, desde o dia de sua incorporação até mesmo durante os exercícios de conjunto dos esquadrões.

A gymnastica na sella, cujo fim é «melhorar o assento a cavallo, desenvolver a flexibilidade nos quadris, tornar o assento independente do movimento do tronco e das pernas e preparar a aprendizagem das ajuás de equitação», comprehende exercícios proprios para dar desembargo aos recrutas os quaes não carecem ser feitos pelos soldados velhos. Um quarto de hora, dez minutos mesmo, roubados ás primeiras sessões de equitação bastam ao fim assignalado pelo R. G. T. M.

Quanto ao volteio, contem este regulamento, em regras suficientemente precisas, tudo quanto é necessário fazer-se nos esquadrões. Destinam-se a esta parte dois dias da semana, no segundo tempo de instruções e sem prejuizo dos trabalhos propriamente de equitação, que bastam para o adextramento dos nossos cavalleiros, cujo desenvolvimento completo será adquirido pela gymnastica em cavallo de páu, como prescreve o mesmo R. G. T. M. Fóra disto, a continuar a acrobacia do R. Eq. provisorio, acabamos transformando as nossas escolas de equitação em verdadeiras *troupes* de volteio. E com isto sofrerá a preparação dos esquadrões.

NOTA. — No nosso ultimo artigo escapou á revisão typographica um erro que prejudicou a clareza da argumentação.

Commentando a instruções do cavalleiro, procuravamos mostrar que o R. Eq. no longo desenvolvimento das 7 primeiras sessões não ensina as mudanças de direcção e havíamos escrito: — «O primeiro periodo de instruções contém nas 7 primeiras secções as regras para montar e apear, pôr o cavallo em marcha e parar, gymnastica, volteio e salto...» Em vez de *salto saiu volta*. Ora, sendo justamente disto que o regulamento não cogita até a 8ª secção, isto é, depois de cerca de 47 lições, não ficou, por isso, perfeitamente claro o que desejavamos fazer ressaltar, parecendo até haver uma certa incoherencia na critica.

Pedindo aos leitores fazerem a indispensavel corrigenda, não adduzimos sobre isto considerações novas no sentido de mostrar a impraticabilidade do regulamento, que neste, como em outros pontos, não tem sido levado em consideração na tropa.

Tambem aqui não se pôde allegar que se trata de uma pequena inadvertencia, que será corrigida pelos instructores. Onde não fosse estabelecido

um verdadeiro programma de ensino, abrangendo toda a época da instrucção individual, e em que se pudesse fallar em iniciativa, ainda assim a allegação seria fraca e a omissão prejudicial ao preparo da tropa. N'um regulamento que se propõe ao ensino de equitação, por um methodo *original*, que attenta contra as prerrogativas attribuidas aos commandantes de esquadrão nos artigos 21º e 31º do R. I. S. G. e circumscreve a liberdade dos instructores no círculo de ferro das suas 20 secções, este erro é injustificável e só poderá ser corrigido por um... novo regulamento.

(Continúa). Lima Mendes e Euclydes de Figueiredo.
1º Tenentes de Cavallaria

A instrucção da cavallaria

A presente guerra tem estabelecido ensinamentos de certa relevância e muito nos tem preocupado, aquelles que dizem respeito á profunda transformação por que tem passado a direcção geral da instrucção da arma de cavallaria.

Ha noticias de que pôr diversas vezes os cavaleiros foram empregados, nas guerras de posição, como verdadeiros soldados de infantaria; que a presença da cavallaria quer nas invasões quer nas retiradas era sobremaneira fugaz, consequencia talvez da impossibilidade de ser empregada efficazmente em vista da continuidade das linhas do fogo.

Noticias outras tivemos de que na frente oriental a cavallaria desempenhou-se brilhantemente de seu papel quer do lado dos aliados, quer do lado dos imperios centraes, agindo exclusivamente como a mais manobreira das cavallarias.

Ainda foi dos severos criticos militares que colhemos informações de que Dunkerque e mesmo Calais teriam a mesma sorte de Bruxellas e Antuerpia se a cavallaria allemã não desobedecesse ás rigorosas prescripções de seu regulamento de exercícios, relativamente ao desenvolvimento do espirito offensivo de que deve ser dotado o soldado de cavallaria, sentimento que deve predominar na formação do carácter do cavalleiro em geral.

Os proprios franceses por diversas vezes censuraram a acção inefficaz de sua cavallaria quando, sem objectivo e sem utilidade alguma, transitava pelas estradas da Belgica em busca de sua rival allemã que bem cautelosamente se abrigava pelos seus fuzis e metralhadoras economizando as forças de seus cavallos para mais tarde se aproveitar d'essa economia.

O facto é que esse emprego oportunoo, parece nunca ter aparecido, pois não foi sem surpresa para os franceses e para todos aquellos que conheciam o valor da cavallaria prussiana, que se notou não ter a acção tactica da cavallaria allemã correspondido ao pensamento estratégico do Estado Maior allemão quando desencadeou a fulminante offensiva sobre Paris em Setembro de 1914.

Ahi vimos a cavallaria allemã agir exclusivamente com o fim de atrair a sua rival para a zona onde as metralhadoras e a artilharia de campanha, convenientemente mascaradas, vomi-

tavam a morte sobre os lanceiros e dragões franceses, perdendo assim um tempo precioso pois rapidamente tornava-se conhecido o ardil.

Mas porque não admirar a extraordinaria disciplina que devia existir para que os chefes de esquadrão pudessem conseguir a meia volta de suas unidades executado sob as vistas inimigas e depois de iniciado o ataque pelo choque, afim de simular a retirada ou fuga, para se estabelecer a attracção desejada?

E comprehendendo esse recurso tactico, os franceses transformam-se em optimos soldados de infantaria e assim conseguem deter o avanço da ala direita allemã, onde os cavallarianos, aceitando a luta pelo fogo sem razão que justificasse esse modo de agir, concorriam grandemente para a primeira retirada do Marne, porque davam tempo a que os franceses protegessem o desembarque de enormes reforços ingleses em Cassel e Saint Omer, e, uma vez por estes substituídos, fossem elles reforçar as tropas da opportuna contra-offensiva de Joffre.

Ahi, na batalha do Marne, não teria ficado bem patente que a cavallaria francesa talvez esgotada pelo excesso de trabalho já realizado, quer antes da guerra pelo rigor que o serviço de dous annos impunha, quer pelas longas marchas atraídas do territorio belga, não pôde, como devia, explorar o successo da retirada de v. Kluck.

E estabelecendo-se a guerra de trincheiras foi, com as devidas precauções, a cavallaria retirada da linha da frente para, em pleno repouso, na retaguarda, refazerm-se os cavallos, enquanto se confiava o serviço de ligação e outros proprios da cavallaria, á efficiencia dos aviões e dos autos em geral.

Assim vimos os lanceiros de hontem se transformar em infantes que seguiam para as trincheiras afim de auxiliarem seus camaradas n'esse penoso e fastidioso meio de combate.

Ahi nas trincheiras, o mosquetão do cavallariano devia dar a mesma confiança do fuzil do infante, o que exige para o atirador a mesma habilidade e instrucção, quiçá mais perfeita, pois a justeza do mosquetão não é a mesma que a do fuzil e delle se exige a mesma efficiencia de fogos.

A instrucção da cavallaria tornou-se mais complexa, pois sem perder uma só das atribuições que lhe competiam antes do emprego dos aviões no serviço de exploração e de patrulhas de combate, ainda se obriga a que ella se transforme em boa infantaria de combate.

E em nosso paiz o problema será o mesmo? E' questão importante.

Entre nós, pensamos, poucas serão as ocasiões das grandes frentes de combate; raras serão as oportunidades para o estabelecimento da guerra de trincheiras, mas muito commun será o emprego da cavallaria como infantaria manobreira, isto é, como infantaria cuja presença se possa realisar no mais curto espaço de tempo possível nos pontos onde ella se torne necessaria e ahi se manter até que seja substituída pela sua irmã de luta que então assumirá a responsabilidade na direcção geral.

A nossa cavallaria independente agirá, estamos certos, quasi sempre como cavallaria, isto é, deixará de empregar a lança quando de todo se tornar impossível a acção pelo choque; por isso necessitamos desenvolver o espirito offensivo dos nossos cavalleiros, cultivar este sentimento

como principal na sua educação e aquelle que mais concorre para o completo exito do emprego da arma; ter no soldado de cavallaria o mais perfeito cavalleiro, o mais dextro e o mais habil no manejo do cavallo e das armas brancas; ter no cavalleiro o homem que sabe e que quer por sua vontade dominar o seu cavallo amigo e vigoroso; ter no homem aquelle atirador que sabe agir com *reflexão e discernimento* quando a direcção do fogo não possa ser exercida por aquelles a quem compete e assim ficar entregue á sua propria individualidade; em summa, ter o atirador disciplinado, resoluto e calmo, confiante no seu solido preparo.

E como conseguir esse ideal?

Parece-nos que é tempo de meditar sobre este assumpto e, nenhuma oportunidade se nos afigura melhor do que esta em que se observa a nossa arma, necessitada de regulamentos novos e que estejam em harmonia com os que regem a conducta da instrucção das outras armas.

Regulamento que forme o bom atirador já possuimos, e excellente; por elle o atirador terá plena confiança em seu mosquetão e saberá tirar o maior rendimento possível de sua instrucção.

Regulamento de *gymnastica*, o nosso actual R. G. T. M. muito propriamente desenvolverá o phisico do soldado e, especialmente applicado com criterio, adextral-o-á nos exercícios que mais rapidamente preparam o futuro cavalleiro.

Necessitamos ainda do preparo do cavallo, do qual precisamos tirar o maximo proveito possível no serviço militar, o que se conseguirá mais facilmente se desses novos cavallos não exigirmos serviços para os quaes o seu preparo phisico não tenha ainda sido convenientemente garantido.

Necessitamos ter o cavalleiro que não se preocupe com o cavallo, pela confiança que n'elle deposita, quando sobre elle esteja manejando as armas com que deve atacar o seu adversario; assim não passaremos pelo dissabor de assistirmos a scenas em que figurem pobres soldados a pedir ao alvo que delles se approxime para que elles tenham oportunidade de feril-os com a ponta da lanza!

Não é por certo governando o cavallo com as mãos na altura dos olhos do cavalleiro ou mantidas no peito, cotovellos atraç das costas e na altura dos homoplatas, redeas demasiadamente longas, corpo completamente embodocado e a constante preocupação de 20º de abertura do prolongamento das coxas com as canellas do cavalleiro, levando assim as pontas dos pés para além do peito do cavallo que conseguiremos transmitir a nossa vontade ao leal companheiro de lucta, o cavallo, que avido de preparo procura obedecer ao seu cavalleiro nos seus menores desejos.

Só os flexionamentos, decididas de mão e pernas, os *ôhs!* e os *schêus!* não constituirão por certo os elementos principaes para o completo ou indispensavel domínio do homem sobre o cavallo; o que é certo é que as noções de equitação, o methodico desenvolvimento do cavallo e ensino do homem constituirão ainda a por muito tempo a base indispensavel para o melhor aproveitamento das nossas qualidades de cavalleiros destemidos e audazes.

Não deixemos perder estas qualidades, cultivemolas e aperfeiçoemos-nos por meio das lições dos mestres dignos d'esse nome.

E tudo depende do bom senso, de pouca vaidade e menos amor proprio.

Finalmente para a preparação do soldado de cavallaria como bom infante que deve ser, os primeiros passos estão iniciados e em boa hora seguimos a orientação traçada pelo R. E. I. faltando-nos simplesmente a emancipação da terrível ordem unida que pela sua belleza açambarca todo o tempo para se corrigir a meia volta, os oitavos á direita, a marcha obliqua, a passagem do passo ordinario para o acelerado e vice versa e ainda o *alto* na cadencia rythmada do passo ordinario!

No entretanto o carregar e descarregar o mosquetão até no passo de corrida, os movimentos das linhas de atiradores, os lances para frente, a ocupação de uma posição de fogo e outras partes da instrucção, de importância real, em que a pratica constante de exercícios correspondentes conduzir-nos-ia á perfeição, são postas á margem e esquecidas até pelos proprios officiaes que têm responsabilidade.

Aos nossos dirigentes de cavallaria compete estabelecer a orientação da instrucção da arma de modo a não perder uma só de suas qualidades primitivas e adquirir novas qualidades que os ensinamentos da guerra actual a ella impõem.

Major J. M. Franco Ferreira.

COISAS DA TROPA

I

Concurso de apontadores

Parece-me que para o obuz, foi pouco feliz a ideia de adopção do programma para o 1º concurso de apontadores expedido pelo decreto 13.023 de 9 de Maio do corrente anno e publicado no «Diario oficial» de 17.

Senão vejamos: A 6ª e 8ª provas referem-se ao emprego da cêifa.

O R. E. A. quando trata do canhão de tiro rapido traz: art. 139 — *Fogo escalonado*, 140 — *Ceifante*, e 141 — *Salva*, e quando trata do obuz escreve: 269 — *Fogo escalonado* e 270 — *Salva*.

Ainda na parte do T. R. temos 47 — *Para medir o angulo de sitio*, 48 — **No fogo ceifante**, e 50 — ... 1º graduar o sitometro, e na do obuz, 184 — *medir o angulo de sitio* e 185 — ... 1º graduar o sitometro.

Ora, si assim está no regulamento é porque houve propósito deliberado de excluir tal especie de fogo, porquanto em ambas as partes, guarda-se a mesma ordem e arranjo de assumptos.

Alem disto diz o citado decreto que «a 6ª prova é a partir da 5ª e a 8ª a partir da 7ª; trazendo nos exemplos de comandos apenas a alça; ora, como no obuz este é «sempre precedido pelo de car-

ga, segue-se que obrigatoriamente teremos que empregar nas 5^a e 7^a provas a carga 6, porquanto só se pôde fazer ceifa com o shrapnell-tempo (a nossa granada não tem espoleta de duplo efeito).

Quanto ao 2º concurso, acho que o anterior também era melhor que o actual, pois trazia uma prova de *pontaria a luneta* e outra de *pontaria reciproca*, ao passo que o moderno traz duas de *pontaria a luneta*, deixando de margem a reciproca.

Ora, fazer *pontaria a luneta* é a mesma coisa, tanto esteja ella á frente como á retaguarda, havendo apenas a insignificante diferença de não ser necessário, no 2º caso, o emprego da haste de alongamento (R. E. A. — 189).

Poder-se-á argumentar que a *pontaria a luneta* é uma *pontaria reciproca* e que si se a fizesse sobre uma peça não haveria equidade porque então o apontador da peça-base teria muito mais que fazer que os das demais. (*)

Então, seria mais racional que em vez de dous casos de pontaria a luneta se uzasse de um só e que a outra prova (para o obuz) fosse o emprego do *dispositivo de urgencia* conforme já propôz o tenente Mascarenhas de Moraes na «Defeza» n.º 57.

Quanto ao 3º concurso, é demasiado exiguo nos grupos de obuzes e a cavallo, o numero de concurrentes, dous apenas.

Seria mais acertado que se fizesse concorrer também os homens que no 2º concurso houvessem tirado o 2º lugar e satisfeito uma dada condição restrictiva.

Também no julgamento dos erros, o antigo é mais minucioso que o actual e julga com criterio mais conforme á gravidade do erro commettido.

Não comprehendo a razão pela qual

(*) *Nota.* O motivo da suppressão não foi este. No 4º R. A. facilmente sanavamos a dificuldade lembrada, recorrendo a duas balisas collocadas aos lados da bateria.

Assim as peças extremas também faziam como as demais a prova de dar deriva reciproca á direita e á esquerda; procedia-se á verificação, em seguida as 4 peças visavam uma das balisas com a deriva reciproca (igual para todas) e por fim referiam a direcção.

De qualquer modo a prova exige uma demora incompativel com as condições de um concurso e na pratica o apontador, nesse caso de pontaria que deve aliás ser o mais raro possível, não fica entregue a si mesmo.

o actual no n.º 18 exige: «Não se cala o nível das rodas», talvez que se dê o caso de não haver derivação do projectil por motivo do movimento de rotação quando se apontar pelo collimador!... (**)

Em todo caso isto será uma doutrina a ventilar.

II

Os dous annos de serviço

Não ha linha de separação na instrução a ministrar aos recrutas, sejam elles artilheiros ou conductores, porquanto todos são obrigados a aprender desde a parte I até a IX (pag. 72 e 75 do R. I. S. G.).

Dentre as «Observações» ha as seguintes: (pag. 75 e 76) «A instrucção dos apontadores e a instrucção equestre dos artilheiros e conductores não soffrem interrupção», «Os conductores só recebem instrucção com o material d'artilharia o quanto baste para puderem desempenhar as funcções de servente carregador e municiador da peça e servente do carro.»

Aliás estas observações dizem respeito sómente a artilharia a cavallo, mas o R. E. A. (ns. 22 e 160) diz: «Todos os artilheiros aprendem as funcções de todos os serventes excepto as do apontador, forçosamente limitadas aos não analphabetos.

«Os mais capazes devem ficar habilitados para substituir o chefe de peça.

«Os conductores devem receber a instrucção das escolas de servente e de peça, assim como todos os artilheiros devem receber instrucção de equitação...»

As nove partes desta instrucção, junta á escola de apontadores tem materia mais que suficiente para ocupar as 20 semanas de instrucção de recrutas, maximé em se tratando de individuos ignorantes e na grande maioria analphabetos como são os que nos tocaram.

Mas, alem disto o soldado ainda precisa saber muitas outras coisas (R. I. S. G. pag. 76—77) que se ensinam ás praças promptas sómente; ora, durante as escolas de bateria e grupo não é possível fa-

(**) Talvez seja porque nas condições em que se faz pontaria pelo collimador da alça (falta de tempo para collocar a luneta, pequena distancia) o desvio resultante do desnivelamento do eixo das rodas não tem importancia...

zel-o, (***) e muito menos no periodo de férias consagrado ao descanso necessário e ao preparo do nucleo de instructores; portanto, taes conhecimentos, só podem ser ministrados quando estiver funcionando a escola de recrutas, isto é, no 2º anno de praça.

Não ha uma classe de apontadores, estes são dos mais habeis entre os homens da classe de artilheiros.

Para *signaleiro-telephonista*, si bem que o I. E. S. A. C. e o C. G. sejam muito faceis, é preciso porem longo tirocinio para conhecer, transmittir e receber sem hesitações as diversas abreviações e, como se deve tambem ensinar praticamente tudo que diz respeito ao funcionamento dos telephones, claro é que tal instrução não pôde ser, a um só homem, simultaneamente ministrada com a de recruta.

E, como ao começar a escola de bateria é imprescindivel ter bons signaleiros e telephonistas, segue-se «*delenda Carthago*», ser necessário que o signaleiro telephonista seja um homem no seu 2º anno de serviço.

Tambem deve-se dar aos soldados instrução de veterinaria, de hygiene e noções sobre os primeiros socorros (R. I. S. G.) pag. 107 a 110) e a alguns delles apenas a especial de padioleiros e enfermeiros regimentaes.

Ora, como não haja taes classes especias segue-se que isto deve ser ensinado aos artilheiros e conductores.

Qualquer pessoa verifica logo ser impossivel, pelo accumulo de materiaes, ensinar taes coisas a um recruta; logo é *imprescindivel servir dous annos*.

Os soldados «mais capazes devem ficar habilitados para substituir o chefe de peça» (R. E. A. 160), o que só excepcionallissimamente se conseguirá com homens em seu primeiro anno de praça.

E' provavel que no Rio se obtenham voluntarios com capacidade sufficiente

(***) Entretanto deve ser. Infelizmente é uma suposição muito generalisada, a de que com o exame de recrutas está terminada a instrução individual. O trabalho collectivo nos periodos de instrução de bateria etc. deixa horas livres que podem e devem ser aproveitadas na continuação do ensino individual. Sob pena de ficar muito rapidamente esquecido o que penosamente se ensinou anteriormente. Ver Art. 35 do R. I. S. G., 1º periodo: ... pois que, como soldados *continuarão a aprender durante o resto do anno*.

para virem a ser cabos; aqui entre nós é muito pouco provavel, pois que o voluntariado que temos pôde ser dividido em duas partes: a) voluntarios ignorantes que vieram buscar abrigo contra a fome e b) voluntarios muito jovens e de algum preparo que vieram desobrigar-se de uma vez do serviço militar; os primeiros nunca darão cabos e os segundos, da mesma forma que os sorteados, querem se livrar da farda logo que transcorre o primeiro anno de serviço.

Nós (5º grupo d'obuzes) temos 17 vagas de cabo, e só possuimos um auspeçada e um soldado prompto (1) capazes de serem promovidos, os quaes já se acham inscriptos para concurso.

Com os actuaes recrutas só na 1ª quinzena de Dezembro poderemos fazer o concurso (R. I. S. G. 75 combinado com o 66), e como elles naturalmente querem ter baixa a 1º de Janeiro, afim de irem cuidar de seus interesses, segue-se que teremos nossos cabos apenas por alguns dias e que para o anno proximo vindouro, teremos no corpo sómente uns seis destes graduados, pois muitos dos actuaes terminarão seu tempo e não poderão engajar-se.

A minha voz, é a de quasi todos os companheiros da *provincia* que angustiados pedem os dous annos para que possamos ter graduados e sargentos.

Já apresentei varios *consideranda* a este respeito em meu artigo «*Crise dos Quadros*» publicado na «*Defeza*» n.º 57.

E' preciso que o governo lance os olhos para cá e tome providencias consentaneas com as nossas condições locaes.

O meio no Rio não é o mesmo d'aqui, e uma providencia muito boa para lá, pôde ser desastrosa para cá. (****)

(Continúa)

1º Tenente *Correia Lima*.

(****) Conhecemos por igual as condições da *provincia* e as *deste anno* no Rio e por isso afirmamos que dos mesmos males, talvez mais graves, de deficiencia de recrutamento de graduados e sargentos, e obtusidade duma grande parte dos incorporados sofreram os corpos daqui. Mas será mesmo o unico remedio o serviço de dois annos? Acaso applicamos de verdade o de um anno? Não haverá uma solução menos radical e menos schematica, que dê á tropa o que ella razoavelmente precisa e assegure ao paiz a formação mais rapida de reservas instruidas?

Klinger.

Artilharia e Aviação

Seu emprego e ligação na guerra moderna

CAPITULO II

Os periodos da offensiva. O bombardeio preliminar. A designação das missões antes do bombardeio. A reserva de artilharia durante o mesmo. Generalidades sobre a preparação do avanço. Missões da artilharia durante este período e estudo das mesmas.

Na guerra de trincheiras é preciso estudar separadamente os tres periodos em que se divide a offensiva: *o bombardeio prévio, a preparação da offensiva e o assalto*. Estes trez periodos foram postos em relevo pelo general Aranaz⁽¹⁾ como consequencia de sua recente visita á frente ingleza; assevera o mesmo illustre general que os 2 primeiros ficaram perfeitamente desligados, e, por serem completamente limitados nos 2 sentidos, poderemos, com maior facilidade, assignalar a intervenção dos diversos cabildos em cada um.

Com um sistema bem combinado de automóveis e estradas de ferro é possível fazer o muniçamento de maneira tal que sua execução não traga enormes depositos na linha de fogo. A rede de bitola estreita e os auto-tractores para transporte de projectis devem estar em condições de abastecer o mais rapidamente possível os pontos em que se tenha de manter o bombardeio incessante.

É possível tambem deste modo mudar o fogo de logar e de direcção sem obrigar para isso a novos transportes de peças nem de munições, que retardariam consideravelmente as operações. Desta forma consegue-se manter em segredo a direcção definitiva do ataque, uma vez que para conseguil-o é de todo necessário que á massa do proprio exercito não chegue nunca o conhecimento dos ataques futuros. Póde-se tambem, assim, produzir um engano no espaço, tão interessante nesses momentos em que os transportes de forças se effectuam com tanta intensidade, e em que, apesar da existencia de uma frente invulnerável, os elementos de retaguarda e ainda de primeira linha, se concentram, onde é necessário para aumentar a resistencia do mesmo ponto além de todo limite.

No verão de 1916 e durante a Batalha do Somme, o general Sir Douglas Haig, chefe das forças inglesas, escolheu, em 27 de Junho, o angulo comprehendido entre o dito rio e o Ancre para dar um ataque intenso.

O segredo foi conservado da melhor maneira possível, e para isso foi preciso, por um lado não concentrar nenhuma especie de elementos na proxima base decisiva e, no momento opportuno, levar a effeito um ataque demonstrativo que teve logar contra a posição allemã de Angres, muito ao norte de Arras, e foi realizado pela infanteria ligeira do Highland.

A ficção neste caso apresenta a particularidade de não se reduzir exclusivamente ao muniçamento, senão de abranger tambem o proprio mate-

rial. O bombardeio definitivo começou só em 28 de Junho, e para isto, muitas das peças foram transportadas na noite anterior, estando incluido neste numero peças pesadas e muito pesadas, cujo problema de mobilidade começava então a ser resolvido. (2)

Quando se iniciam os primeiros preparativos de uma grande offensiva, as baterias pesadas e ligeiras, que têm de tomar parte na mesma, levam em geral, um tempo mais ou menos dilatado em suas posições. Destas têm feito fogo uma infinidade de vezes sobre objectivos muito diversos, empregando umas vezes para a correção os processos ordinarios e recorrendo, outras, ao auxilio directo ou indirecto da aviação. A ligação por alto e a ligação por baixo proporcionam uma infinidade de dados que cada bateria vae reunindo pouco a pouco até formar um verdadeiro arquivo da posição. As plantas chegam a ter uma importancia semelhante a que têm para as baterias de posição, e, na realidade, um conjunto qualquer de peças que ficam um tempo determinado em posições desenfiadas deve ser dirigido do mesmo modo que as baterias de um forte. Será, pois, conveniente não só assignalar um sector para cada uma destas baterias, senão tambem fixar os objectivos que têm de destruir ao começar o bombardeio.

Esta maneira de proceder tem sido seguida em todas as offensivas da campanha actual. Referindo-se ao ataque de 15 de Setembro de 1916, dos ingleses, dentro da grande batalha do Somme, diz «The Times History and Encyclopedia of War»: «O bombardeio da posição allemã não havia cessado desde a madrugada de 12 de Setembro, e sua intensidade foi duplicada antes que a infantaria fosse lançada ao assalto ás 6²⁰ da manhã. Foi uma notável epopéa, inclusive para a artilharia britannica, que tão bom trabalho realizou desde que foi organisada e convenientemente equipada. O dever de cada bateria pesada tinha sido perfeitamente estudado, seus objectivos se achavam definidos e sabiam quando deviam abandonal-os por outros ou abandonal-os definitivamente. Comprehendiam quando um fogo de contenção tinha de effectuar-se e que pontos, á retaguarda das linhas, tinham de ser batidos.»

A missão theorica do bombardeio, do duello ou do canhoneio prévio é a destruição absoluta de quantos elementos possam estorvar o avanço da infantaria; porém, como só é possível conseguir isso com uma superioridade esmagadora, é necessário contentar-se com um desgaste que se levará o mais possível a fundo. Durante o canhoneio preliminar da artilharia, os objectivos principaes devem ser forçosamente, as baterias pesadas contrarias, já que constituem o mais temível dos elementos adversarios. Será preciso batel-as para atrair sua atenção sobre as proprias baterias pesadas e evitar a destruição das mais ligeiras para desgastal-as, no verdadeiro sentido da palavra, e para obrigal-as sendo possível, a mudar de posição. Serão tambem objectivos do primeiro momento os depositos de munição da linha de fogo que se consigam descobrir, as pontes e os caminhos que possam servir para o transporte das mesmas; será preciso evitar com uma cortina cobridora de pro-

(1) Em recente e bem lançado artigo dado á luz no "Memorial da Artilharia".

(2) Albert foi o logar da principal concentração de fogos, e apesar deste preparativo, chegaram os allemães a conhecê-lo com antecedencia por causa da indiscreção dos soldados do exercito, que é quasi que impossivel evitar.

jectis que as reservas avancem e, numa palavra, terá que bater tudo aquillo que directa ou indirectamente possa ter energia no momento decisivo.

De todos estes objectivos poder-se-ia fazer com antecedencia, uma distribuição conveniente entre os grupos, as baterias e até as peças isoladas de que se disponham, uma vez que a maioria delles devem ser já perfeitamente conhecidos e situados sobre a carta da região; porem, ocorrerá sem embargo, que algumas das baterias, que tinham permanecido até então occultas ás proprias vistas darão, ao iniciar o fogo intenso, a conhecer sua propria situação e para compensar seus efeitos e tratar de neutralisá-los novas baterias inimigas aparecerão que será preciso por sua vez annullar. Poderá ocorrer então que todas as baterias proprias estejam empregadas numa missão concreta e neste caso será necessário trocar as de algumas delas, designando-lhes, um novo objectivo, difícil em geral de contrabater pelo modo imperfeito porque estará situado nas proprias plantas.

Esta mudança de objectivos em plena acção sempre apresentou sérias dificuldades. Em Saint Privat, no dia 18 de Agosto de 1870, algumas baterias alemãs da primeira divisão e do Corpo da Guarda, sabendo já qual seria o objectivo final da batalha, romperam fogo contra a povoação que deu nome a lucta daquelle memorável jornada. E sendo necessaria a posse das alturas de Sainte-Marie para apoiar o ataque final, o general da primeira divisão teve de lutar energeticamente para dispôr de novo de sua artilharia, já empenhada noutro commettimento.

Pois bem, se nos tempos em que se atirava sempre a descoberto e contra objectivos descobertos já era difícil mudar de objectivo, facilmente poderá julgar-se do que actualmente ocorrerá depois de haver empregado uma bateria muitos dias na preparação do seu fogo, ao assignalar-se-lhe novo objectivo que somente por seus efeitos se faz sentir.

Será talvez preferível ter dispostas algumas baterias de calibres diversos de reserva ainda quando isto exija grande excesso de material.

Em cada caso, portanto, determinar-se-á sobre o proprio terreno a possibilidade de leval-o a efecto.

A preparação do avanço da infantaria constitue o segundo periodo da grande batalha de trincheiras. Quando se considera sufficientemente batida a artilharia contraria, por causa do duello anteriormente sustentado; quando se supõe que as munições do inimigo começam a escassear; quando numa palavra, as apparencias da lucta fazem presentir o inicio do desgaste da grande massa do adversario, é preciso, sem perda de tempo preparar o terreno para que a infantaria amiga avance. Esta preparação consiste simplesmente em varrer por completo tudo quanto neste terreno possa servir de esforço; o ideal da mesma é conseguir não desguarnecer as trincheiras de homens, de lança-bombas e de metralhadoras, mas desfazer as trincheiras, revolvendo barbaramente toda a massa de terra e de pedras que serviu para construir-los. A medida que os primeiros mezes da guerra foram passando, esta destruição de obras humanas e até da natureza,

chegou a ter um caracter tão grande que, com o fim de permanecer na terra que existiu, tiveram os defensores de aprofundar as escavações e as cavernas para refugiarem-se nas profundidades do solo até que a refrega de ferro e de fogo tivesse cessado.

Para isto as habitações subterrâneas devem ser cobertas por uma camada mais espessa que a profundidade dos funis que os maiores projectis são capazes de abrir e quando suas comunicações com a superficie não tenham sido tambem destruidas, os habitantes da caverna sairão de sua profunda guarida precisamente quando a onda avance, quando o terreno comece a deixar de ser seu. O ideal consiste em conseguir uma destruição mais absoluta como ocorreu em mais de uma circunstancia no Somme e nos arredores de Verdun e, para isto se comprehende facilmente que quanto maior fôr o numero de peças de todos os calibres que se dirijam sobre o ponto que se quer ocupar, mais probabilidade ter-se-á de conseguir um exito decisivo. Na generalidade dos casos, sem embargo, os elementos de que se dispõem são insuficientes para conseguir varrer tão intensamente, e então, mais que destruir, procura-se neutralizar o terreno que se quer conquistar, porém é preciso que a neutralização se prolongue até os primeiros momentos do avanço, já que, de outro modo, só se conseguirá perder lastimosamente munições, tempo e dinheiro. A destruição do solo na preparação é possível empregar nos avanços de pequena envergadura; porem nos grandes, só a neutralização será praticável. Para a destruição é acumular todos os elementos disponíveis sobre o terreno, aparecendo reunidas em uma só, a massa tactica e a massa technica; com este objectivo tem-se de conseguir uma intensa neutralização da artilharia contraria no primeiro periodo da batalha, para que assim o maior numero possivel de contra-baterias desta primeira phase possa attender á nova missão, tem-se de trazer quantas peças sejam precisas de outro ponto da frente em que a intensidade não seja tão necessaria, deve-se acumular, numa palavra, todos os elementos de que se possam dispôr, prescindindo de suas condições balísticas, de seu estado e até de sua antiguidade.

1º Tte. de Artilharia *Pericles Ferraz*.

TIRO DE ENSAIO

A 3^a Brigada de Artilharia levou a efecto, este anno, antes do exame de recrutas o tiro de ensaio de bateria que o regulamento determina.

Em todas as unidades que a compõem os directores de tiro (cdtes. das baterias) permittiram que os exercícios fossem até á efficacia, não se contentando com a regulação, como cremos, ser o espirito do regulamento. (*)

Como consequencia foi ordenado o levantamento da respectiva efficacia.

(*) E a letra, ex-vi do Compl. (N. da R.)

Em alguns themes acreditamos que tal se pudesse dar, porem em outros, como no caso do *tiro á risca*, se nos afigura bem difficult encontrar impactos com o di-minuto numero de projectis concedidos Art. 77 do C. R. T. A. C.

Se ainda no curso da regulação sobre-vierem contratempos, má visibilidade do objectivo, má observatorio e que consequentemente nella se gastem mais alguns projectis, poucos tiros sobrarão para a efficacia.

Nestas circumstancias o juizo sobre a pericia do official que conduz o fogo ficará bastante abalado, podendo acontecer mesmo, ficar este na duvida se todo o seu trabalho consistio unicamente em organizar um Boletim de tiro...

Pensamos, pois, que a collocação dos alvos deve permittir uma facil appre-hensão e que tambem as distancias não excedam ás distancias médias de combate.

O tiro de ensaio, sendo o "coroamento da instrucção dos recrutas", deve visar mais a estes, não deixando, todavia de ser um meio de fazer praticar o official ou o sargento na observação dos tiros.

Accresce ainda, em nosso meio, ser commun a *queixa* sobre a quantidade de munição, julgada deficiente, a qual queixa desaparecerá desde que se tenha em vista que, nesta parte da instrucção, não ha motivo para a efficacia, a não ser na *campanha de tiro* onde será mais propria.

Como demonstração do que acabamos de dizer vamos calcular o numero de tiros necessarios a uma bateria para completa destruição de uma outra inimiga.

Supponhamos o seguinte objectivo:

"Uma bateria de escudos em acção, a 2000 m."

A dispersão média para o nosso canhão 7,5 cm. c. 28 m. 1908 será a seguinte: 1^o,7 em altura e 1^o,3 em direcção.

Sendo preferivel basear os calculos no desvio provavel encontramos em virtude da formula $d_p = 0.845$, m. respectivamente, os valores: 1,43 e 1,09.

Considerando as dimensões dos alvos regulamentares encontramos para factores de probabilidades:

Para a peça:

$$n_a = \frac{1.4}{2 \times 1.43} = 0.48; n_d = \frac{1.2}{2 \times 1.09} = 0.55$$

Para o carro:

$$n'_a = \frac{1.55}{2 \times 1.43} = 0.54; n'_d = \frac{1.360}{2 \times 1.09} = 0.62$$

Correspondem a estes factores as seguintes porcentagens provaveis:

Para a peça:

$$P_a = 25\% \text{ e } P_d = 25\%$$

Para o carro:

$$P'_a = 27\% \text{ e } P'_d = 32\%$$

As duas probabilidades compostas são:

$$P_c = 25\% \times 28\% = 7\%$$

$$P'_c = 27\% \times 32\% = 8\%$$

E a total:

$$7\% + 8\% = 15\%$$

Como um impacto podera bastar para por fóra de serviço a peça ou carro o numero de tiros será:

$$\frac{1}{0.07} + \frac{1}{0.08} = 14 + 12 = 26$$

Assim cada peça deve dispor de 26 projectis ou sejam 104 por bateria.

Ora, o Art. 77 do C. R. T. A. C. determina que "o calculo da munição para cada bateria será feito sobre a seguinte base para cada thema":

percussão	10 tiros
sht.	14 tiros
grt.	18 tiros

O confronto destes numeros com o que calculamos evidencia plenamente o espirito do regulamento e esclarece, pelo menos em tiros desta natureza, a impossibilidade de se passar á efficacia.

1º Tenente Aventiao Ribeiro.

Acantonamento amigavel

Pela «A Semana Militar» que se publica em Rio Claro, S. Paulo, somos informados que a 6^a Metr. ali aquartelada, fez em Piracicaba por occasião de um exercicio que a levou a esta cidade uma interessante applicação do processo de estacionamento por acantonamento.

Registamos o facto por ser muito significativo para nós que não temos uma lei de requisições militares, uma lei que regule as condições em que todo cidadão é obrigado á «prestaçao de

quartel, serviços e haveres» á força armada, na paz e na guerra, e estabeleça a respectiva compensação, apenas indemnização.

Transcrevemos um expressivo ofício relativo ao assumpto:

«Prefeitura Municipal de Piracicaba. — Piracicaba, 26 de Agosto de 1918. — N.º 97. — Exm.º Sr. Capitão J. A. Guimarães, M. D. Comandante da «6.ª Companhia de Metralhadoras» de Rio Claro. — Respeitosas saudações.

Em aditamento e complemento ao nosso ofício n.º 92 de 7 do corrente, venho comunicar a V. Excia. que, tomando na devida consideração a consulta constante do vosso ofício de 29 de Julho p. passado, esta Prefeitura com auxilio do Sr. Dr. Augusto de Barros Penteado, providenciou junto ás famílias piracicabanas para a inauguração do sistema de serem os jovens soldados do vosso commando, acantonados nos seus lares. A idéa, de um alto alcance moral e patriótico, foi recebida com as maiores demonstrações de prazer honrando-se as famílias piracicabanas em poderem ter como hóspedes ao lado de seus filhos dando-lhes o mesmo conforto e carinho os jovens soldados da vossa companhia. Os aplausos foram taes que dentro de poucos dias, foram obtidas acomodações para 150 soldados, somente em casas de famílias. Diante disso, a Municipalidade abriu mão de acantonar uma parte dos moços por conta propria, atendendo ao desejo manifestado por parte das famílias de que todos os moços soldados fossem hóspedes seus, dando assim maior realce e maior cunho de solidariedade entre o lar brasileiro e o soldado patrício. Esta semana, o Sr. Dr. Penteado, irá até essa cidade ter com V. Excia. para combinarem dia e detalhes da vinda dos vossos commandados. Apresentando a V. Excia. saudações e agradecimentos pela escolha da nossa cidade para inauguração do sistema de tão grande alcance patriótico, dou-me os parabens, como representante de Piracicaba por ter verificado a grande somma de sentimentos patrióticos demonstrados com a aceitação do acantonamento dos soldados.

Saude e Fraternidade — O Prefeito Municipal — (a) Fernando Febeliano da Costa.»

Subscrição para as famílias das vítimas dos "fanáticos" do Contestado

Dos jornaes do Rio de Janeiro, de 18 e 19 de Setembro:

«A redacção d'«A Defesa Nacional» pede-nos tornemos público que da subscrição aberta por essa revista em favor das famílias de officiaes e praças vítimas dos fanáticos do Contestado, ainda restam cerca de sete contos de reis, a que deseja dar destino, ao mais tardar até 24 de Maio proximo futuro.

E pede mais uma vez a todos quantos saibam de famílias nas condições de serem contempladas na distribuição lhe mandem notícias precisas a respeito ou dêm scienzia deste aviso aos interessados. Mesmo as que já tenham sido beneficiadas podem novamente concorrer sem prejuízo de outras. Cartas á Redacção na Rua de Quitanda 74 ou Caixa Postal 1602.»

Pedimos a nossos representantes obtenham a reprodução deste aviso na imprensa local e que especialmente se incumbam de encominhar as informações que venham a ter.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«Revista Marítima Brazileira — Julho-Agosto — 1918.

«Manual Flavius. — Reconhecimento e exploração, N.º 1, 2.ª edição. Pelo major João Nepomuceno da Costa.

«Memorial de Infantaria — Madrid, Julho de 1918.

«Boletim do Club Naval — Rio, Setembro.

«A Semana Militar, Rio Claro, Setembro.

«Revista de Artilharia — N.º 4 — Agosto de 1918.

«Revista dos Militares — Agosto de 1918.

«A 43 — Setembro.

«Annales de la Escuela Militar — Republica Oriental del Uruguay — 1918.

«O que eu vi, o que nós vimos», Santos Dumont.

«Memorial del Ejercito de Chile — Setembro 1918.

«Revista de Engenharia do Mackenzie College — Agosto de 1918.

EXPEDIENTE

«A Defesa Nacional» inicia o seu sexto anno de existencia com uma tiragem de 1800 exemplares.

Apezar do augmento de dezeseis paginas muitos collaboradores ficaram preteridos, entre elles diversos mantenedores, que deviam figurar no numero de anniversario.

O grupo mantenedor resolveu em sua ultima sessão a abertura de um ..livro de ouro» para seus assignantes, representantes e mais collaboradores benemeritos e de um ..livro negro» para os assignantes e representantes que tenham dado prejuízo á revista.

As assignaturas começarão em qualquer época, mas terminarão sempre em março ou setembro, ficando assim os semestres e annos de assignatura coincidindo com os semestres e annos de vida da revista.

Os extravios causados por falta de comunicação opportuna das mudanças de endereço correm por conta do assignante.

ESTATUTOS DO GRUPO MANTENEDOR

DA

"A DEFEZA NACIONAL"

(Revistos de acordo com as exigencias do registro)

1. Sob a denominação de *A Defeza Nacional* fica constituída com séde nesta Capital Federal uma sociedade civil destinada especialmente a manter a publicação de uma revista de assuntos militares que terá também o título de *A Defeza Nacional*.

2. O funcionamento da sociedade e o preenchimento de seu fim é assegurado por um «grupo mantenedor» composto de doze membros, além dos excedentes a juízo da assembléa, na forma do § do art. 3º, responsáveis por todas as obrigações assumidas pela directoria, para a publicação da revista.

§ 1. As despesas são custeadas com o producto das assignaturas e em caso de *deficit* a dívida contrahida será repartida, em quotas iguais, entre os membros do grupo mantenedor. Essa especie de contribuição terá o carácter de empréstimo que será indemnizado logo que seja possível.

§ 2. O não cumprimento da obrigação constante do § precedente, por parte de algum dos membros do grupo mantenedor importará em sua immediata eliminação, mediante deliberação da assembléa.

3. Com a retirada de qualquer membro do grupo mantenedor para fóra do Rio de Janeiro, excepto Nictheroy, por tempo indeterminado, será feita a eleição de novo companheiro para o grupo, sendo considerado eleito o candidato que obivir os votos de três quartos dos membros restantes.

§ O companheiro retirado nessas condições, a todo tempo, quando voltar ao Rio de Janeiro poderá ser novamente mantenedor, independente de vaga, se para isso obtiver três quartos de votos.

4. O lucro produzido pela revista será empregado na publicação de trabalhos de reconhecida utilidade militar, separado um terço para fundo de reserva. Esses supplementos, quando formarem série, constituirão parte integrante dos numeros da revista com que forem distribuídos e só serão vendidos avulsos pelo preço que a directoria fixar.

§ Esse lucro será verificado no fim de cada anno social (Outubro) e poderá ser empregado quando fôr necessário de maneira porém que reste a importancia para a despesa total de dois meses, determinada pelo ultimo semestre.

5. A direcção da sociedade será constituída de 3 redactores, sendo um o redactor-chefe e outro o redactor-thezoureiro, investidos, os tres na forma do art. 6.

§ Haverá sempre tres redactores substitutos designados por eleição entre todos os membros do grupo mantenedor. A eleição terá lugar sempre que ocorrer vaga. Esses redactores-substitutos no caso de entrarem em exercício esforçar-se-ão por evitar toda solução de continuidade na publicação e na orientação da revista. Cabe-lhes dar parecer sobre as contas da directoria, na forma do art. 8 e seu §.

6. As vagas da directoria serão preenchidas pelos redactores-substitutos na ordem em que foram eleitos. O redactor-chefe tem mandato limitado a um anno, podendo ser reeleito. Em sua eleição tomam parte todos os mantenedores e qualquer delles é elegível.

§ Pelo menos uma vez por trimestre haverá uma sessão do grupo para prestação de contas e tomada de deliberações.

7. Aos redactores efectivos cabe a responsabilidade da edição, aos colaboradores a das opiniões que emitiem em seus artigos.

§ A responsabilidade da execução de todos os trabalhos a que dá lugar a manutenção e distribuição da revista é igual para os tres redactores.

8. Após a sessão de trimestre, afim de se familiarisarem com as condições económicas da revista, ficarão por quinze dias á disposição dos redactores substitutos os seguintes elementos: 1º, livro das actas; 2º, livro caixa, com os respectivos documentos; 3º, listas de expedição da revista; 4º, mappa dos assignantes atraçados em pagamento.

§ Os redactores substitutos devolvendo os elementos supracitados no prazo referido, terão assignado sob um «Visto» em cada balancete mensal. Qualquer observação ou dúvida que lhes surja nessa inspecção será relatada por escripto, e esse relatorio apresentado ao devolverem os livros referidos.

§ Não havendo nenhuma observação a fazer nem dúvida a esclarecer ou medida a propôr, fica dispensado qualquer relatorio.

9. Os estatutos receberão qualquer alteração apresentada por tres quartos de membros do grupo, ou aprovada por igual numero.

§ A proposta de alteração será apresentada por escripto e será submetida á deliberação dentro de um mez. Caso venha assignada por tres quartos dos membros, entrará em vigor ao cabo de igual prazo.

10. Os estatutos serão assignados pelos mantenedores que os aprovaram.

MEMORANDUM

1 — Não esquecer de **pagar adiantado** o semestre da assignatura. Considera-se como adiantado o pagamento feito o mais tardar até ao segundo mez.

2 — Sempre que mudar a côr da capa da revista perguntar a si mesmo:

Já paguei o novo semestre?

3 — Não fazer encommenda de publicações só com o pagamento e quantitativo para porte e registro. Não ter pena de orçar para mais

essa despesa, pois o excedente será creditado.

4 — As assignaturas pôdem começar a qualquer tempo mas hão de terminar com um numero multiplo de seis, isto é, em Março ou Setembro. Calcular o custo dos numeros de semestre *quebrado* proporcionalmente ao do semestre completo.

5 — Communicar sem demora qualquer alteração de endereço (principalmente os representantes!). Não adiar qualquer reclamação!

Representantes da "A Defeza Nacional"

«O grupo mantenedor da *A Defeza Nacional* reconhece em seus representantes junto aos corpos de tropa, repartições e estabelecimentos militares, merito equivalente ao de seus collaboradores litterarios e o caracter de verdadeiros propagandistas da causa deste orgão, synthetisada em seu titulo.» (Art. 1 da Circular n. 6, de 24-5-915.)

No Rio de Janeiro

M. G. — 1.º Ten. E. Leitão de Carvalho.
E. M. do Ex. — Cap. Arnaldo D. Vieira.
D. A. — Coronel Príncipe.
3.º D. — 2.º Ten. Columbano Pereira.
2.º D. — 1.º Tenente Euclides Figueiredo.
Br. Pol. — Cap. M. Castro Ayres.
1.º R. I. — 2.º Ten. Maciel da Costa.
2.º R. I. — 1.º Ten. Octaviano Gonçalves.
3.º R. I. — Cap. Dr. Alves Cerqueira.
52.º Caç. — 1.º Ten. Mario A. do Nascimento.
55.º Caç. — 2.º Ten. Telmo A. Borba.
56.º Caç. — 1.º Ten. Carlos S. do Lago.
58.º Caç. — Ten. Roberto D. Santiago.
1.º Cia. Metr. — Cap. A. Alencastrê.
5.º Cia. Metr. — Ten. O. Verney Campello.
1.º R. C. — 1.º Ten. Raymundo Sampaio.
13.º R. C. — 2.º Ten. Simas Enéas.

3.º C. Trem — Tenente Manoel A. C. Batalha.
1.º R. A. — 1.º Ten. Manoel de B. Lins.
6º R. A. — 1º Ten. E. Seroa da Motta.
3.º G. Ob. — 1.º Ten. J. B. Mascarenhas de Moraes.
20.º G. A. M. — Major Pompeu Loureiro.
Fort. S. Cruz — 2.º Ten. Octavio Cardoso.
Fort. S. João — 1.º Ten. J. F. Monteiro Lima.
Copacabana — 2.º Ten. Waldemar de Aquino.
1.º Bat. Eng. — Major Xavier Moreira.
E. M. — Realengo. 2.º Ten. J. Faustino da Silva Filho. — Alumno J. Bina Machado.
Fabr. Realengo. — Cap. Freire de Vasconcellos.
D. M. Bellico — Cap. Luiz M. de Andrade.
Arsenal — Ten. A. Nunes de Souza F.º.
Direct. de Eng. — Cap. José Ribeiro Gomes.
Curso Aperf. Inf. — 1.º Ten. Newton Cavalcanti.

Fóra do Rio de Janeiro

6.º C. Metr. — Rio Claro. Cap. J. A. Guimarães.
41.º Caç. — 2.º Ten. Eloy da Câmara Catão.
43.º Caç. — 2.º Ten. Mario Travassos.
45.º B. Caç. — Manáos, 1º Tte. J. Vidal Pessoa.
46.º Caç. — Fortaleza, 1º Ten. Roberto M. Malheiros.
47.º Caç. — Belém, 2.º Ten. J. de Oliveira Pimentel.
50.º Caç. — Victoria, Major Diogenes Tourinho.
51.º Caç. — S. João del Rey, Ten. Paulo Figueiredo.
53.º Caç. — Lorena, Ten. Orlando Pimentel.
57.º Caç. — Juiz de Fóra, Ten. J. Americo de Gouveia.
59.º Caç. — B. Horizonte, Ten. Lima e Silva.
6º R. I. — Caçapava, Ten. Amílcar Salgado.
7º R. I. — S. Maria, Ten. Olympio dos Santos Rosa.
8º R. I. — Ten. Jocelyn C. F. de Souza.
9º R. I. — Rio Grande, Cap. Oswaldo Stemburg.
27º B. I. — Pelotas, Tte. Omar Azambuja.
10º R. I. — 2.º Ten. Alcebiades A. de Almeida.
30º B. I. — S. Leopoldo, 1º Tte L. O. Barreto de Almeida.
11º R. I. — Bahia, 1.º Ten. Leal de Menezes.
12º R. I. — Recife, Ten. Luis Corrêa Barbosa.
13º R. I. — Corumbá. Ten.-Cor. J. Heleodoro de Miranda.
2º R. C. — Castro, Ten. A. Magno de Moraes.
3º R. C. — Bella Vista, Ten. Adalberto Diniz.
4º R. C. — Ijuhy, Ten. Cyro de Andrade.
5º R. C. — S. Luiz G. 1º Ten. Dr. Leite Velloso.
6º R. C. — Samborja, Tte. Manoel Grott.
7º R. C. — Quaçahy, 1º Ten. Outubrino A. da Graça.
8º R. C. — Uruguayan, Major Pará da Silveira.
10º R. C. — D. Pedrito, Cap. Alexandre Fontoura.
11º R. Cav. — Bagé, 2.º Ten. Sylvio Cantão.

12º R. Cav. — Jaguári, 1º Ten. Carlos Pereira da Silva.
14º R. Cav. — Rio Verde, Ten. Lincoln Marinho.
15º R. Cav. — Sant'Anna, 1º Ten. José Pinto Barreto.
4º C. T. — Pindamonhangaba, 1º Tte. O. M. Tinoco.
5º C. T. — Rio Pardo, 1º Ten. Oscar Raphael Jost.
7º R. A. — Itú. 1º Ten. Silvino da S. Campos.
10º R. A. — Pouso Alegre, Cap. Martins enha.
4º G. Ob. — Jundiahy, Tte. Alcio Souto.
5º G. Ob. — Margem Taquary, 1º Ten. Argemiro Dornelles.
16º Grupo. — Ten. Dr. Alexandre Meyer.
18º Grupo. — Bagé, 1º Ten. Salvador Obino.
19º G. A. — Valença. 1º Ten. Felisberto Leal.
Guarn. de Alegrete — Cap. Christovão C. M. Mattos S. Gabriet. — 1º Ten. Glycerio Gerpe.
Florianópolis — Cap. Eugenio Taulois.
Itajahy — Cap. João da C. Mesquita.
Col. Barbacena — 1º Ten. José Martins de Arruda.
Coll. P. Alegre. — Cap. Antonio de C. Lima.
Com. da Carta. — Ten. Irineu Trajano.
Escola Naval — Cap. Ten. Mario da Gama e Silva
II. Reg. — 1º Ten. Julio S. Couceiro.
Coritiba — 1º Ten. França Gomes.
Saycan — 1º Ten. Djalma Cunha.
Fabr. Piquete — 1º Ten. Espindola do Nascimento.
Fabr. Estrela. — 1º Ten. Heitor P. de C. Albuquerque.
Arsenal de P. Alegre — 1º Ten. Graciliano P. da Fontoura.
Brigada Militar — P. Alegre, 1º T. Travassos Alves.
Força Pública de S. Paulo — Cap. Salvador Moya.
Força Pub. de Matto Grosso — Cap. Firmino J. Rodrigues

O PAGAMENTO das assignaturas é adiantado e deve ser effectuado o mais tardar no seu segundo mez. Os recibos são expedidos depois do pagamento effectuado. Pagamentos a qualquer representante ou a qualquer dos mantenedores ou á Papelaria Macedo, Rua da Quitanda, 74. Semestre, 5\$000; Anno, 10\$000.